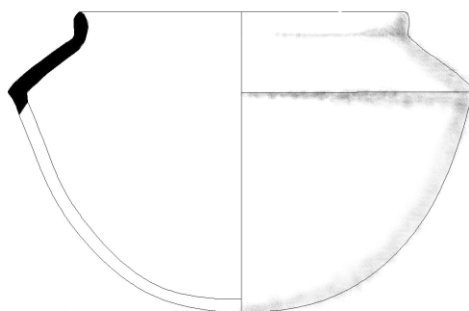




UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

LUCIO FLÁVIO SANTOS DE OLIVEIRA



FRAGMENTOS DO TEMPO: A Cerâmica Indígena do Sítio Guaibituguçu em
Japaratinga, Alagoas.

Recife
2023

LUCIO FLÁVIO SANTOS DE OLIVEIRA

**FRAGMENTOS DO TEMPO: A CERÂMICA INDÍGENA DO SÍTIO GUAIBITUGUÇU
EM JAPARATINGA, ALAGOAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Arqueologia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia e
Conservação do Patrimônio Cultural

Orientador: Professor Dr. Scott Joseph Allen

Recife

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

O48f Oliveira, Lucio Flávio Santos de.
 Fragmentos do Tempo: a cerâmica indígena do Sítio Guaibituguçu em
 Japaratinga, Alagoas / Lucio Flávio Santos de Oliveira - 2023.
 152f. : il. ; 30 cm.

 Orientador: Prof. Dr. Scott Joseph Allen.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2023.
 Inclui referências anexo e apêndices.

 1. Arqueologia. 2. Cerâmica antiga. 3. Vasilhames de sítios
 Arqueológicos. 4. Região Litorânea. 5. Equipes ceramistas. 6. Argila -
 Tecnologia química. I. Allen, Scott Joseph (Orientador). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-194)

LUCIO FLÁVIO SANTOS DE OLIVEIRA

**FRAGMENTOS DO TEMPO: A CERÂMICA INDÍGENA DO SÍTIO GUAIBITUGUÇU
EM JAPARATINGA, ALAGOAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Arqueologia. Área de concentração: Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural.

Aprovado em: 04/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Scott Joseph Allen (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr^a. Cláudia Alves de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr^a. Vivian Karla de Sena (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF

*Aos povos originários deste país, de
ontem, hoje e amanhã.*

AGRADECIMENTOS

Ainda que seja uma jornada por vezes solitária, ninguém escreve uma dissertação sozinho. Pra todos essas pessoas citadas abaixo meu eterno agradecimento pelo suporte e, acima de tudo, acreditarem em mim.

Meu primeiro agradecimento vai ao professor Scott Joseph Allen que praticamente me convidou e apresentou o sítio Guaibituguçu, me orientando e fazendo todo o possível pra que esta dissertação acontecesse.

Serei eternamente grato a Rute Barbosa por, além de ter me acolhido em sua casa durante a análise do material em Maceió, ter me incentivado a continuar até mesmo nos momentos em que não acreditei em mim mesmo.

Agradeço a Mayana de Castro e toda a equipe do Museu de História Natural da UFAL por me receber e dar todo o suporte para a realização da análise.

Ao NEPA pelo apoio, logística e acesso aos dados da pesquisa do Guaibituguçu.

À Capes pela concessão da bolsa de pesquisa sem a qual essa pesquisa jamais seria possível.

À toda equipe do minicurso “Do Barro ao Digital”, Matheus Rodrigues, Carolina de Sousa Santos e João Coelho por apresentarem a modelagem 3D como possibilidade didática, o que foi fundamental para essa pesquisa.

À Luciane e o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco pelo suporte na jornada nada fácil de cursar um mestrado em regime atípico.

À Sabrina di Mello, Ana Claudia Sales, Gisele Costa, Emília Arnaldo e Jade Paiva pelas dúvidas sanadas, tabela de análise e esclarecimentos quando eu estava em laboratório.

Às professoras Claudia Oliveira e Vivian Sena pelos ensinamentos sobre cerâmica arqueológica e inspiração como profissionais apaixonadas nessa área e todas as reflexões levantadas sobre os grupos que faziam essas vasilhas.

À amiga Paloma Martins, Aldo, Mel e Torvi pelo apoio incondicional durante minha estada em Maceió e pelo empréstimo do microscópio pra eu poder ver meus caquinhos.

Aos colegas da disciplina de cerâmica arqueológica Fabiano Nascimento, Ilca Pacheco, Marta Beatriz e Luanderson Monteiro por tornar tão leve o momento e pela troca de conhecimentos.

A Camila, Itelmar, Gi, Talita, Miza e Bruninho, pelo suporte pré-qualificação.

Aos amores de sempre Tita, Duda, Isa, Neto e Anie, compreensivos com minhas ausências pelos campos que a arqueológica proporciona.

RESUMO

Do litoral ao Sertão, é conhecida a presença de grupos ceramistas da dita tradição Tupiguarani no Nordeste brasileiro. No estado de Alagoas, porém, apesar de ser conhecida a presença de sítios arqueológicos com os artefatos caracterizadores destes grupos, a cerâmica de decoração policroma vermelha sobre fundo branco, poucos estudos aprofundados que caracterizem os vasilhames destes sítios existem além daqueles que falem brevemente de sua pasta e de seu tratamento de superfície. Partindo desta lacuna, este trabalho procurou caracterizar o modo de fazer cerâmica do grupo ceramista que ocupou o sítio Guaibituguçu, localizado no litoral norte de Alagoas, através do estudo de seu perfil cerâmico, onde foi investigado os aspectos morfológicos, técnicos e funcionais das vasilhas além de possíveis atividades realizadas no sítio através das marcas de uso e morfologia dos objetos cerâmicos. Em seguida, os resultados foram comparados com o sítio Camuriji, também localizado no litoral alagoano a fim de se notar similaridades e diferenças entre sítios de grupos ceramistas uma vez que estes apresentavam contextos cronológicos provavelmente distintos. O estudo constatou a predominância de formas abertas, de borda reforçada, pasta com antiplástico de areia média e decoração com linhas horizontais vermelhas, típicos da tradição Tupiguarani, levando à conclusão de que a tecnologia cerâmica estaria relacionada a subtração Tupinambá. Ainda foi possível identificar um objeto provavelmente utilizado para armazenagem ou preparação de bebida alcoólica, fragmentos diversos com fuligem indicando o uso ao fogo e possíveis gestos na elaboração de motivos decorativos. Todos estes dados contribuem para compreensão das atividades e usos do sítio e servem de referência para demais investigações sobre grupos ceramistas no estado ainda pouquíssimo estudados.

Palavras - chave: Cerâmica Tupinambá; Perfil Cerâmico; Litoral Norte de Alagoas; Grupos Ceramistas; Tecnologia cerâmica;

ABSTRACT

From the coast to the semi-arid, it is known the presence of ceramist groups who made pottery related to the Tupiguarani Tradition in the Brazilian northeast region. In the state of Alagoas, however, despite the known presence of archaeological sites with the presence of the materiality that characterizes these groups, ceramics with polychrome decoration, there are only a few in-depth studies that characterize the containers from these sites, barely explain about surface treatment and the composition of the clays. Starting from this gap, our study sought to characterize the way of making pottery of a ceramist group that occupied the Guaibituguçu site located in the north coast of the state of Alagoas through the study of its ceramic profile aspects as morphology, technic and function as well as possible activities carried out on the site through the marks of use and morphology of the ceramic objects. After that, the results were compared with the data from Camurijí site, also located on the coast of Alagoas, in order to note similarities and differences between sites occupied by pottery human groups, as they probably had different chronological contexts. The study found a predominance of vessels with open shapes, with reinforced edges, medium sand temper and decoration with common patterns of Tupiguarani tradition like red horizontal lines relating with Tupinambá subtradition. It was also possible to identify an object probably used for storing or preparing alcoholic beverages, fragments with soot indicating the use of fire and possible gestures in the creation of decorative motifs. All this data contributes to understanding the activities and uses of the site and serves as a reference for further investigations into ceramic groups in the state once these sites are still very little studied.

Keywords: Tupinamba Pottery; Ceramic Profile; North Coast of Alagoas; Ceramist Groups; Pottery Technology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do Sítio Guaibituguçu	17
Figura 2 - Mapa PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÂ (1647). Em destaque a área de estudo.	23
Figura 3 - Recorte do Mapa etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Na região em destaque o autor assinala a presença de indígenas Caetés no trecho litorâneo entre o Rio São Francisco e o limite entre Pernambuco e Paraíba.....	25
Figura 4 - Mapa das rotas de origem e dispersão da Tradição Tupiguarani na América do Sul.	29
Figura 5 - Vasilhames comuns da cerâmica Tupinambá.	31
Figura 6 - Fragmentos pintados de cerâmica Tupiguarani no estado de Pernambuco.	32
Figura 7 - Esquema processo de investigação da pesquisa.	35
Figura 8 - Composição do perfil cerâmico.	37
Figura 9 - Composição do perfil técnico cerâmico e do sistema técnico.	38
Figura 10 - Intervenções arqueológicas no sítio Guaibituguçu.....	44
Figura 11 - Escavação do sítio Guaibituguçu.	44
Figura 12 - Concentrações de cerâmica identificadas na UE2.....	45
Figura 13 - Material metálico e louça respectivamente, ambos identificados na UE2.	45
Figura 14 - Quadro com descrição da UE01.	46
Figura 15 - Quadro com descrição das UE23 e UE02.	47
Figura 16 - Quadro com descrição UE05.	48
Figura 17 - Quadro com descrição UE03, UE04 e UE17.	49
Figura 18 - Perfil estratigráfico do sítio Guaibituguçu.....	50
Figura 19 - Esquema com processo de identificação das Unidades Cerâmicas.	52
Figura 20 - Gráfico de morfologia dos fragmentos identificados.	52
Figura 21 - Gráfico de fragmentos da morfologia de bordas.	53
Figura 22 - Quadro comparativo entre bordas identificadas no sítio Guaibituguçu ...	53
Figura 23 - Gráfico com frequência de lábio.....	54
Figura 24 - Lábio talhado.	55

Figura 25 - Lábio ponteador.	55
Figura 26 - Desenhos das morfologias de lábios identificadas.....	56
Figura 27 - Gráfico de frequência de bojo.	56
Figura 28 - Comparativo entre vasilha com base arredondada e base plana respectivamente.	57
Figura 29 - Base plana reconstituída do sítio Guaibituguçu. A tendência das fraturas indica a manufatura roletada.	57
Figura 30 - Gráfico de frequência de tipos de base.....	58
Figura 31 - Reconstituição de objeto cerâmico do sítio Guaibituguçu a partir da colagem de seus fragmentos.	59
Figura 32 - Quadro comparativo de frequência de antiplástico.	61
Figura 33 - Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 01.....	62
Figura 34 - Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 02.....	62
Figura 35 - Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 03.....	63
Figura 36 - Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 04.....	63
Figura 37: Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 05.	64
Figura 38 - Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 06.....	64
Figura 39 - Porcentagem do tipo de pasta nos fragmentos analisados.....	65
Figura 40 - Gráfico com frequência da técnica de manufatura.....	66
Figura 41 - Conjunto de fragmentos com superfície alisada.	68
Figura 42 - Fragmento MCJ – 944.2 com o tratamento pouco alisado.....	69
Figura 43 - Fragmento MCJ– 644.3 com tratamento pouco alisado.....	69
Figura 44 - Fragmento com superfície acanalada.	70
Figura 45 - Fragmentos com acabamento roletado.....	71
Figura 46 - Fragmento com tratamento engobado na superfície interna.....	71
Figura 47 - Fragmento cerâmico com superfície brunida.	72
Figura 48 - Fragmento de bojo com escovação.	73
Figura 49 - Pintado associado ao escovado.....	73

Figura 50 - Fragmento LSI – 144.2 em monocromia vermelha (banho).	74
Figura 51 - Fragmento MCJ – 1144.1 com pintura em policromia vermelha sobre fundo branco.	74
Figura 52 - Frequência de tratamento de superfície externa e interna por fragmentos.	75
Figura 53 - Fragmento com pintura policrômica com motivo de associação de linhas oblíquas. Modificada digitalmente para destacar a cor vermelha da pintura.	76
Figura 54 - Fragmento com associação de linhas horizontais.	77
Figura 55 - Conjunto de fragmentos de vasilhame com decoração policrômica com motivos decorativos de associação de linhas horizontais, oblíquas e pontos .	77
Figura 56 - Fragmento MCJ-849.1 com motivo decorativo de associação de semi elipses, linhas horizontais e pontos .	78
Figura 57 - Desenho do Fragmento MCJ-849.1 com motivo decorativo de associação de semi elipses, linhas horizontais e pontos	78
Figura 58 - Fragmento LSI – 158.1 com motivo decorativo de associação de linhas horizontais, verticais e pontos . Ao lado, detalhe de seu padrão decorativo.	79
Figura 59 - Desenho do fragmento LSI – 158.1 com motivo decorativo de associação de linhas horizontais, verticais e pontos.	79
Figura 60 - Peça LSI – 163.3 com motivo decorativo de associação de linhas verticais e oblíquas .	80
Figura 61 - Desenho da peça LSI – 163.3 com motivo decorativo de associação de linhas verticais e oblíquas	80
Figura 62 - Fragmento com motivo de associação de linhas horizontais e verticais .	81
Figura 63 - Desenho de fragmento com motivo de associação de linhas horizontais e verticais	81
Figura 64 - Fragmento MCJ - 1339.1 com Associação de linhas horizontais e verticais .	82
Figura 65 - Gráfico com frequência dos motivos decorativos identificados.	82
Figura 66 - Marcas de queima completa e incompleta no fragmento MCJ – 878.1...	83

Figura 67 - Frequência de fragmentos agrupados segundo as unidades de análise.	84
Figura 68 - Gráfico de frequência de objetos por forma.	88
Figura 69 - Gráfico de frequência do tamanho das vasilhas.	88
Figura 70 - Gráfico de frequência da profundidade das panelas.	89
Figura 71 - Quadro do conjunto da forma 1.	90
Figura 72 - Quadro do conjunto de vasilhas da forma 2.	91
Figura 73 - Quadro do conjunto de vasilhas da Forma 3	92
Figura 74 - Quadro do conjunto de vasilhames da forma 4.	93
Figura 75 - Quadro da forma 5.	94
Figura 76 - Quadro do vasilhame da forma 06.	95
Figura 77 - Quadro do vasilhame da forma 7.	96
Figura 78 - Quadro do vasilhame da forma 8.	97
Figura 79 - Quadro do vasilhame da forma 9.	98
Figura 80 - Quadro do conjunto da forma 10.	99
Figura 81 - Quadro do vasilhame da forma 11.	100
Figura 82 - Fragmentos de base com esfumarado (canto superior esquerdo) e fuligem.	101
Figura 83 - Gráfico de frequência de fuligem e esfumarado.	102
Figura 84 - Fragmento com marcas de picoteamento em sua superfície.	102
Figura 85 - Vista da superfície interna desgastada do Objeto 38 pertencente a Forma 5.	107
Figura 86 - Estrias sobre o rolete.	110
Figura 87 - Estrias na face externa do fragmento MCJ - 1172.8	110
Figura 88 - Estrias na face interna do fragmento MCJ - 845.6	111
Figura 89 - Estria na face interna do fragmento MCJ – 1293.5 e estrias na face externa do MCJ - 977.5	111
Figura 90 - Carena e borda do objeto 38. Em destaque, o deslocamento da barbotina. Notar diferença de tons e de espessura de traço.	112
Figura 91 - Detalhes do processo de pintura. Setas indicam o sentido da pintura enquanto o círculo aponto para a possível sobreposição.	113
Figura 92 - Relação entre pasta e forma dos objetos.	114
Figura 93 - Gráfico de relação entre a pasta e tamanho dos objetos.	115
Figura 94 - Gráfico de relação entre objetos e tratamento de superfície.	116

Figura 95 - Gráfico de Relação entre tratamento de superfície interna e externa nos objetos.....	117
Figura 96 - Fluxograma representando associações entre pasta, forma e tratamento de superfície.....	118
Figura 97 - Relação de frequência entre as pastas e as unidades estratigráficas. .	119
Figura 98 - Gráfico comparativo de frequência morfológica de lábio.	120
Figura 99 - Gráfico de frequência morfológica de bordas nas unidades estratigráficas.	121
Figura 100 - Gráfico de relação entre tratamento de superfície externa e interna na UE1.	122
Figura 101 - Gráfico de relação entre tratamento de superfície externa e interna na UE2.	122
Figura 102 - Gráfico de relação entre tratamento de superfície externa e interna na UE5.	122
Figura 103 - Gráfico comparativo entre motivos decorativos UE1 e UE5.	123
Figura 104 - Gráfico de frequência de motivos decorativos na UE2.	124
Figura 105 - Gráfico de distribuição de objetos por unidade estratigráfica.....	124
Figura 106 - Gráfico de frequência de formas na UE2.....	125
Figura 107 - Mapa de localização do sítio Camuriji.....	126
Figura 108 - Gráfico de frequência de grupos de pasta em Camuriji.	127
Figura 109 - Gráfico de frequência morfológica dos lábios em Camuriji.	127
Figura 110 - Gráfico de frequência morfológica de bordas em Camuriji.....	128
Figura 111 - Gráfico de tratamento de superfície do sítio Camuriji.....	128
Figura 112 - Fragmento MC1 – 79.2 apresentando policromia vermelha sobre fundo branco.	129
Figura 113 - Fragmento MC1 - 24.1 com associação de linhas horizontais e verticais.	129
Figura 114 - Conjunto em escala de objetos reconstituídos do sítio Camuriji.	130
Figura 115 - Objeto 42 apresentando fuligem e esfumarado em sua superfície interna.	130
Figura 116 - Conjunto de objetos reconstituídos de Guaibituguçu.	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de proporção entre argila e antiplástico.....	60
Tabela 2 - Lista de motivos decorativos identificados no sítio Guaibituguçu.	76
Tabela 3 - Unidades de Análise do grupo da pasta 1 e da pasta 6.....	84
Tabela 4 - Unidades de análise do Grupo de Pasta 2	85
Tabela 5 - Unidades de Análise do grupo de pasta 3	85
Tabela 6 - Unidades de Análise do grupo da pasta 4.	86
Tabela 7 - Unidades de análise do grupo da pasta 05.	86
Tabela 8 - Relações dos critérios para estabelecer função de vasilhames.	105
Tabela 9 - Comparativo entre Guaibituguçu e Camuriji.	131

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	JUPARATIBA, JAPARATUBA, JAPARATINGA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	23
2.1	INDÍGENAS NO LITORAL ALAGOANO	25
2.2	A CERÂMICA TUPINAMBÁ: CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÕES	28
3	DEFINIÇÕES E METODOLOGIA.....	33
3.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.2	TÉCNICA E TECNOLOGIA.....	35
3.3	PERFIL CERÂMICO, PERFIL TÉCNICO CERÂMICO, SISTEMA TÉCNICO	37
3.4	CLASSIFICAÇÃO, VARIABILIDADE E ESTILO TECNOLÓGICO	40
3.5	ESTRATIGRAFIA E UNIDADE ESTRATIGRÁFICA.....	41
4	AS CAMADAS DO GUAIBITUGUÇU: ESCAVAÇÕES E ESTRATIGRAFIA.	43
4.1	A PESQUISA ARQUEOLÓGICA REALIZADA	43
4.2	O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO.....	45
5	DANDO ORDEM AO CAOS: SISTEMATIZANDO A CARACTERIZAÇÃO DA CERÂMICA DE GUAIBITUGUÇU	51
5.1	SEGREGAÇÃO DOS FRAGMENTOS	51
5.2	IDENTIFICAÇÃO MORFOLOGICA DOS FRAGMENTOS	52
5.2.1	<i>Bordas.....</i>	<i>53</i>
5.2.2	<i>Lábio</i>	<i>54</i>
5.2.3	<i>Bojos.....</i>	<i>56</i>
5.2.4	<i>Bases</i>	<i>57</i>
5.3	RECONSTITUIÇÃO DOS OBJETOS.....	58
5.4	ATRIBUTOS ANALISADOS.....	59
5.4.1	<i>Pasta.....</i>	<i>59</i>
5.4.2	<i>Técnica de manufatura.....</i>	<i>65</i>
5.4.3	<i>Tratamento de superfície</i>	<i>66</i>
5.4.4	<i>Decoração.....</i>	<i>75</i>
5.4.5	<i>Queima.....</i>	<i>82</i>
5.4.6	<i>Unidades de Análise</i>	<i>83</i>
5.4.7	<i>Forma.....</i>	<i>87</i>

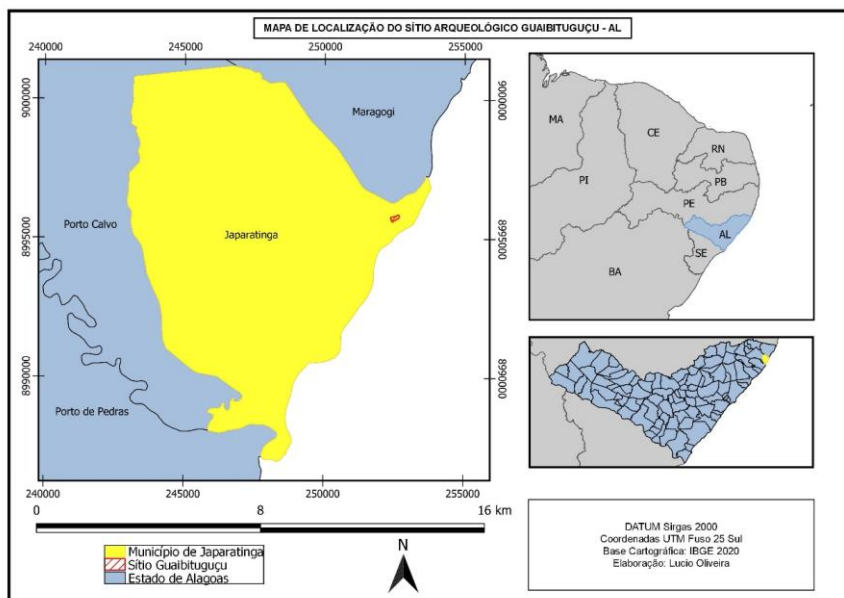
5.4.8	<i>Marcas de uso</i>	101
5.4.9	<i>Função provável dos vasilhames</i>	103
6	OS CACOS E SUA “CACOFONIA”: O QUE ISSO TUDO QUER DIZER? .	109
6.1	O PERFIL CERÂMICO DO SÍTIO GUAIBITUGUÇU.....	109
6.2	PERFIL CERÂMICO X UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS	118
6.3	PERFIL CERÂMICO GUAIBITUGUÇU X PERFIL CERÂMICO CAMURIJI	125
7	DAQUI PARA ONDE AGORA? CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS	
	FUTURAS DA PESQUISA	133
	REFERÊNCIAS	136
	APÊNDICE A – OBJETOS DA FORMA 1.....	141
	APÊNDICE B – OBJETOS DA FORMA 2.....	142
	APÊNDICE C – OBJETOS DA FORMA 3.....	143
	APÊNDICE D – OBJETOS DA FORMA 4.....	144
	APÊNDICE E – OBJETOS DA FORMA 5 E 6.....	145
	APÊNDICE F - OBJETOS DA FORMA 07 E 08 RESPECTIVAMENTE	146
	APÊNDICE G - OBJETO DA FORMA 09.....	147
	APÊNDICE H - OBJETOS DA FORMA 10.....	148
	APÊNDICE I - OBJETO DA FORMA 11.....	149
	APÊNDICE J - OBJETOS DO SÍTIO CAMURIJI	150
	APÊNDICE K – FLUXOGRAMA COM EXEMPLOS DE ESTILOS	
	TECNOLÓGICOS.....	151
	ANEXO A - FICHA DE REGISTRO DE UNIDADE ESTRATIGRÁFICA.....	152

1 INTRODUÇÃO

Identificado durante prospecções arqueológicas no ano de 2015 na área onde será instalado um loteamento residencial, o sítio Guaibituguçu localiza-se no município de Japaratinga, região hidrográfica litoral norte do estado de Alagoas sobre uma pequena elevação de terra cerca de 15 m acima do nível do mar numa zona de interface da praia e da várzea do Rio Salgado, pertencente a bacia hidrográfica de mesmo nome (Allen et al, 2017).

Este sítio caracteriza-se por possuir ¹baixa visibilidade e ²média densidade artefactual apresentando cerâmica característica da filiação cultural Tradição Tupiguarani associada a materiais históricos como louça, ³cerâmica simples e cachimbo, sugerindo que sua ocupação tenha ocorrido ao longo de séculos ou poderia ter ocorrido de forma contínua com “contextos sociais, políticas ou economias diferentes” (Allen et al, 2017) o que aponta para um contexto arqueológico de contato.

Figura 1: Mapa de localização do Sítio Guaibituguçu



Fonte: o autor.

¹ “A visibilidade de um sítio se refere à facilidade de ser percebido a olho nu.” ALLEN, S. J. . Prospecção Geofísica por Resistividade Elétrica no Sítio Guaibituguçu: Resultados Preliminares. Revista Noctua , v. 2, p. 3-14, 2022.

² “A densidade de um sítio é refere à concentração de materiais e outras evidências antrópicas em subsuperfície.” Ibidem.

³ Designação utilizada pelo NEPA para classificar uma cerâmica de tratamento de superfície simples, sem pintura ou vitrificado, por exemplo.

O relatório das atividades de resgate realizadas revela a desproporcionalidade entre materiais fora do grupo de materiais cerâmicos e lítico como fivelas, um dedal e cachimbos, podendo indicar que o sítio possuía uma função não doméstica (ibid., p.114). Cabe salientar que sua localização relativamente baixa, havendo morros mais altos nas proximidades é uma peculiaridade considerando que as aldeias Tupiguarani estariam localizadas em colinas e tabuleiros, em elevações e topos de morro, por questões como obtenção de uma melhor visão panorâmica da planura (Lima,2006). Ainda segundo as análises preliminares, a datação não pode ser determinada, mas o contexto encontrado sugere uma ocupação entre 1500 e 1850 sendo ainda necessárias datação por métodos absolutos (Allen et al, 2017).

Considerando esta peculiaridade no contexto encontrado somada a escassez de informações que remontem o quadro histórico e etnohistórico da região de Japaratinga (Ibid, p. 5) sabendo que o litoral alagoano foi palco de disputas territoriais durante a conquista do Novo Mundo, o Sítio Guaibituguçu apresenta um potencial interpretativo que pode elucidar sobre as lacunas relacionadas ao comportamento dos grupos indígenas litorâneos diante da chegada dos colonizadores europeus ou mesmo como era sua tecnologia anteriormente ao momento do contato no caso de se tratar de um sítio pré-histórico.

Tal estudo se torna importante uma vez que pesquisas sistemáticas arqueológicas no estado de Alagoas são recentes e pouco especificadas. Martin (2013) afirma que no estado de Alagoas, assim como Ceará e Sergipe, há escassas informações sobre aldeias tupiguarani no que se referem a estudos publicados (p.206) sendo constatável que há maior concentração de estudo sobre a cultura material dos grupos relacionados à tradição ceramista Aratu no contexto da Região Serrana dos Quilombos em União dos Palmares (Costa, 2010; Leite Neto, 2020) exceto o trabalho de Tenório (2010) sobre os Sítio da Rosa e dos Tetos também localizados na Serra da Barriga cuja a cerâmica não foi filiada a nenhuma tradição pelo autor, porém, pelas fotografias e descrições em sua dissertação percebe-se que podem estar relacionadas a cerâmica tupiguarani.

A década de 1990 aparenta ter sido o período de intensificação das pesquisas no estado de Alagoas sendo no ano de 1992 quando Orser e Funari formaram o Projeto Arqueológico de Palmares com o objetivo de investigar o potencial

arqueológico da região onde teria existido o Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, sendo os estudos posteriormente encabeçados por Allen a partir de 1996 (Allen, 2006).

Estudos voltados ao entendimento da cerâmica pré-histórica foram realizados no estado ainda nesta mesma década pela arqueóloga Jeannete Lima da Universidade Católica de Pernambuco, no município de Palmeira dos Índios, sendo identificados vestígios cerâmicos dentre os quais se destacam urnas funerárias atribuídas a tradição Aratu (Costa, 2010).

Na divisa do estado com Sergipe, durante o resgate arqueológico que se deu diante da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, vários sítios foram encontrados e dentre eles se destaca o sítio-cemitério do Justino que possuía 170 esqueletos com acompanhamento funerário de vasilhames cerâmicos com datações de até 2000 anos a.C. (Martin, 2005; Costa, 2010).

Em municípios vizinhos a nossa área de estudo, foi realizado no ano de 1998 o Projeto de Salvamento Arqueológico GASALP, responsável pela realização de pesquisa arqueológica preventiva das áreas afetadas pela passagem do gasoduto que ligaria o município do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, ao município do Pilar, em Alagoas, cortando uma série de outros municípios no litoral norte alagoano, sendo realizadas prospecções, salvamento das ocorrências e o levantamento estratigráfico da vala da tubulação (Lima, 2006). Neste projeto foram identificadas na parte alagoana 35 ocorrências arqueológicas algumas localizadas em municípios vizinhos ou próximos a Japaratinga como Porto Calvo, Jacuípe, Jundiá e Matriz de Camaragibe (Lima, 2006) o que demonstra o potencial arqueológico para pesquisas nessa região.

Apesar de muitos desses estudos possuírem um foco no contexto dos grupos ceramistas pré-históricos, o contexto do sítio Guaibituguçu pode estar inserido no período colonial, ou mesmo ser de uma ocupação primariamente pré-histórica e que passou a ser palco de trocas culturais entre grupos europeus e indígenas durante a colonização. Entendendo isto é importante situar também os trabalhos desenvolvidos na arqueologia histórica na região, em especial em Porto Calvo, uma vez que Japaratinga, antes de se desmembrar, possuía vínculo administrativo enquanto distrito (Allen, 2015).

Entre os anos de 2007 e 2008, a região de Porto Calvo foi alvo da pesquisa “Rota da Escravidão/Rota da Liberdade: A Arqueologia da Diáspora Africana em Alagoas” realizado pela equipe do Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológico que teve como objetivo mapear possíveis ocupação de populações africanas e afro-brasileiras e compreender seu modo de vida através da perspectiva da Arqueologia Histórica (Barbosa, 2014).

A região se torna interessante para nossa pesquisa pelo fato de ter sido visada para o plantio de cana-de-açúcar ainda no século XVI pelos colonizadores, sendo Porto Calvo situada como uma das vilas mais antigas do estado, palco de acontecimentos econômicos e militares importantes e local de disputas entre portugueses e neerlandês, tendo sido ocupada por ambos (Barbosa, 2014; Allen, 2014). Sua fundação ocorre por volta de 1580 quando Cristóvão Lins toma a região após a expulsão de comerciantes de outras nações e da guerra de extermínio contra os grupos indígenas da região (Allen, 2014) o que contextualiza nosso objeto de estudo.

Como resultado, foram identificados 12 sítios históricos e mais de 13 áreas com potencial para pesquisas arqueológicas nas quais foram coletados artefatos cerâmicos como louças, grés, faiança, cerâmica simples e vitrificada, porcelana, entre outros (Barbosa, 2014).

Refletindo sobre estes breves antecedentes arqueológicos e históricos da região, é possível perceber o quão intensa foram as trocas culturais entre a diversidade de povos que ali habitaram, sejam essas trocas pacíficas ou belicosas. No cenário de estudos sobre grupos ceramistas que produziram a cerâmica tupiguarani há poucos estudos e nenhum deles aprofundados a ponto de estabelecer um horizonte de características que permitam relacionar essa produção num contexto regional e nacional mais amplo. A partir desta lacuna, o nosso trabalho orientou-se sob a seguinte problemática para sua construção: ***o perfil cerâmico é semelhante as características da cerâmica tupinambá?***

Como hipótese primária consideramos que *sim, o perfil cerâmico do sítio possui características da subtradição tupinambá que enquadram a cerâmica num contexto regional com diferenças sutis em relação a outros sítios.*

Como nosso objetivo principal almejamos caracterizar o perfil cerâmico do material cerâmico a fim de se estabelecer um parâmetro comparativo do sítio para

compreender seu processo de ocupação, uso, atividades praticadas e mudança tecnológica e, principalmente, estabelecer um referencial para a cerâmica tupinambá no estado de Alagoas.

Para compreendermos como a produção cerâmica se deu neste sítio traçamos alguns objetivos a serem alcançados como produto desta dissertação e que nos servem como guias orientando o caminho da pesquisa:

- Caracterizar o perfil cerâmico indígena do sítio arqueológico, identificando os aspectos morfológicos, técnicos e funcionais das vasilhas do sítio;
- Estabelecer relações entre o perfil cerâmico e as unidades estratigráficas buscando identificar padrões temporais na produção e utilização da cerâmica;
- Analisar a morfologia e marcas de uso nos vasilhames para identificar possíveis atividades desempenhadas pelos indígenas no sítio, como armazenamento, preparo de alimentos, entre outros;

Como um último objetivo específico ainda propomos uma comparação com o perfil cerâmico do sítio Camuriji localizado no município de Passo do Camaragibe, também no litoral norte de Alagoas. Escolhemos este sítio por estar localizado em um mesmo contexto ambiental, porém apresentando uma variabilidade artefactual diferente podendo refletir um contexto temporal distinto do Guaibituguçu.

Para o primeiro capítulo deste trabalho traremos um breve panorama etno-histórico sobre Japaratinga e o litoral alagoano, juntamente a uma breve explanação sobre a cerâmica tupinambá no Nordeste.

No segundo capítulo, expomos nosso quadro teórico-metodológico com os procedimentos e conceitualização utilizados.

No terceiro capítulo apresentamos o sítio Guaibituguçu, sua contextualização ambiental e a pesquisa realizada.

No quarto capítulo explanamos sobre os procedimentos de análise e os resultados obtidos, percorrendo sobre o tratamento dos dados e os procedimentos de análise, caracterização do perfil cerâmico, morfologia, técnicas identificadas, formas dos vasilhames entre outros aspectos constatados.

No quinto capítulo discutimos os resultados a partir do cruzamento dos dados obtidos na análise. Inicialmente construímos o perfil cerâmico de Guaibituguçu e argumentamos seus possíveis usos e atividades. Em seguida relacionamos o perfil cerâmico com a estratigrafia do sítio, comparamos o Guaibituguçu com o sítio Camuriji, localizado em um município próximo a fim de notar semelhanças e diferenças.

2 JUPARATIBA, JAPARATUBA, JAPARATINGA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O município de Japaratinga, localizado no litoral norte de Alagoas, apesar de já assinalado na cartografia holandesa do século XVII, apresenta pouquíssimo registro histórico sobre o início de sua ocupação. Tal dificuldade também foi relatada nos relatórios sobre a escavação arqueológica do sítio Guaibituguçu. Portanto, nessa contextualização etno-histórica recorreremos, quando necessário, ao contexto macro da região, incluindo alguns municípios vizinhos bem como o contexto do próprio estado de Alagoas.

Dentre as referências mais antigas da área, temos a iconografia holandesa do século XVII que registra o litoral alagoano destacando pontos de interesse como vilas, casas, igrejas e engenhos.

Figura 2: Mapa PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÃ (1647). Em destaque a área de estudo.



Fonte: Disponível em

[http://lhs.unb.br/atlas/PR%C3%86FECTUR%C3%86 PARANAMBUC%C3%86 PARS BOREALIS, u na_cum PR%C3%86FECTURA de IT%C3%82MARAC%C3%82](http://lhs.unb.br/atlas/PR%C3%86FECTUR%C3%86_PARANAMBUC%C3%86_PARS_BOREALIS,_u na_cum_PR%C3%86FECTURA_de_IT%C3%82MARAC%C3%82). Acesso em 02/07/2023.

No mapa vindo da obra de Barleús (1647) vemos próximo local do sítio arqueológico (em vermelho) o topônimo dado ao atual Rio Salgado, no mapa assinalado como Iuparatiba (Juparatiba), uma possível rota ou estrada de terra (ou

riacho) ligando o litoral ao interior da região cruzando a área do sítio e o topônimo Guabitinguçu, que se refere a um dos riachos na área. Continuando seguindo a esquerda, vemos casas assinaladas no mapa no que seria a atual região ocupada pelo perímetro urbano de Japaratinga e a Fonte de São Tomé (atual Bica das Barreiras) assinalada no número 2. Cabe destacar que a única estrutura relevante localizada próxima a área estudada é a igreja de São Bento (atualmente em ruínas) seguindo o mapa, a direita, não havendo engenhos ou fortificações no entorno da área.

Dentro do levantamento realizado pela equipe responsável pelo resgate arqueológico é afirmado que neste período em questão, séc. XVII, a área de Japaratinga estava inclusa nas terras pertencentes a Porto Calvo (Allen et al; 2017). Espindola menciona sobre Porto Calvo que tal vila teria sido fundado por volta de 1575 por Cristóvão Lins após o mesmo conquistar estas terras até o Cabo de Santo Agostinho e subjugar os “índios potiguarés”, estabelecendo ali logo em seguida sete engenhos para fabricar açúcar (1871, p 265). No mesmo texto é dito que a submissão a Porto Calvo continua a vigorar para além da segunda metade do século XIX havendo um registro sutil da Japaratinga (como povoado) no “Geographia Alagoana” de Thomaz Espindola nos dando uma ideia de como se encontrava o estado daquela localidade: “Japaratuba. – 1 légua ao sul de S. Bento, na costa, com 60 casas e uma igreja.” (Espindola, 1871, p.208).

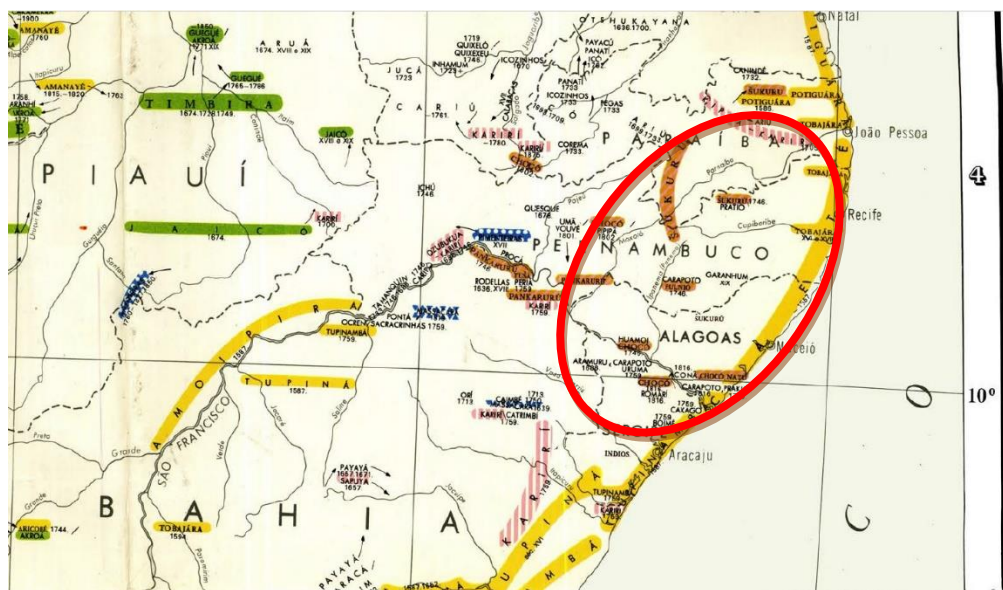
No referido texto, “Japaratuba” é mencionado como povoado de Porto Calvo pertencente a freguesia de São Bento (uma divisão eclesiástica) sendo citada sua igreja de Nossa Senhora das Candeias. No relatório de Allen et al (2017), a construção desta igreja é atribuída aos holandeses no dito popular, porém não há qualquer registro deste fato, nem mesmo a igreja se encontra assinalada no mapa anteriormente citado.

Sendo observável a quase que total ausência de registros históricos sobre Japaratinga e qualquer menção a existência de aldeias ou aldeamentos indígenas no local, porém havendo provas materiais da ocupação dessas populações na região, precisamos correr em paralelo a história oficial e buscar no contexto histórico do todo o litoral nordestino no período da colonização para termos alguma referência sobre os moradores originais daquela localidade.

2.1 INDÍGENAS NO LITORAL ALAGOANO

Sendo sistematicamente marginalizadas, as populações indígenas no Nordeste, especialmente as primeiras as quais os europeus entraram em contato no séc. XVI e XVII, são muito pouco desenvolvidas nos textos de forma não pejorativa e estereotipada. No que diz respeito a essas populações no litoral alagoano, há menções aos Caetés, indígenas falantes do tupi que teriam ocupado a faixa litorânea nordestina entre a foz do Rio São Francisco e as proximidades de Itamaracá e Paraíba (Dantas; Sampaio; Carvalho, 1992; Jaboatam, 1859; Nimuendaju, 1944). Tal gentio teria causado um estopim na guerra de conquista na região litorânea nordestina por conta de um evento no qual o primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, em 1556 naufragara próximo da costa alagoana e teria sido canibalizado junto aos outros náufragos (Jaboatam, 1859).

Figura 3: Recorte do Mapa etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Na região em destaque o autor assinala a presença de indígenas Caetés no trecho litorâneo entre o Rio São Francisco e o limite entre Pernambuco e Paraíba.



Fonte: Curto Nimuendaju (1944).

O autor Jaboatam (1859) assim introduz os Caetés:

Da Paraíba até o Rio de São Francisco, por costa de mais de 100 léguas habitava o gentio chamado Cayeté. Era este mui inclinado a guerras, e assim os trazia continuamente com os Putyguares da parte da Paraíba, que como dissemos, pelos tempos os forão lançando, daquelas ribeiras para as de Pernambuco, como também os trazião com os Tupynambás da outra parte do Rio São Francisco para a Bahia. Para passarem estes aquele

Rio, que he um dos mayores do Brazil, e irem de outra parte a fazer suas entradas pelas terras dos Tupynambás, usavão embarcaçoens que faziam de certas palhas compridas, a modo de Tabuás, a que ainda chamam todos Piripiri, e fazem dellas os moradores daquellas partes esteiras e enxergoens para as camas. (Jaboatam, 1859, pg 16).

Para além de se atentar apenas a questão da violência, esse trecho citado nos permite explorar um pouco das possibilidades de contato cultural entre esses diversos povos indígenas que ocupavam o território da costa nordestina. Segundo este mesmo texto, além de confrontar os Tupinambás e Potyguares, os Caetés também tinha disputas com os indígenas sertanejos colocados como Tapuias (Jaboatam, op. Cit) e também os Tupinaé (Soares de Sousa, 1971).

Essas informações tornam-se de grande relevância quanto as reflexões sobre contato multiétnico entre os indígenas bem como sobre a mobilidade destes grupos, quebrando a expectativa de grupos estáticos que apenas se deslocavam em um único bioma e que se deslocavam apenas em busca de recursos.

Segundo os autores consultados anteriormente, esta belicosidade pela qual os Caetés eram conhecidos foi a causa de seu extermínio. Ao ano de 1562, Mem de Sá estabeleceu uma política de extermínio e escravização dos Caetés por conta do assassinato do bispo Pero Fernandes Sardinhas se utilizando da mão de outros indígenas inimigos para tal ação. Para além da ideia de retaliação pela morte do bispo havia interesse político e econômico na perseguição aos Caetés uma vez que a legislação portuguesa permitia a escravização dos indígenas no contexto de “guerra justa” o que tornaria a retaliação uma fonte de mão de obra (Dantas; Sampaio; Carvalho, op. cit).

Sobre a guerra contra os Caetés, Jaboatam cita:

[...] e retirando-se os Caetés para as beiradas e costas do mar, assim quase encurralados, exceto algumas pessoas que puderam fugir para a Serra de Aquitibá, todos os demais foram mortos e cativos. Destes iam os vencedores nos dias de suas festas, comendo alguns dos mais esforçados e vendendo ou outros aos moradores da Bahia e Pernambuco, a troco de qualquer coisa. Também Duarte Coelho e os que lhe foram seguindo, os extinguiu muito e só vieram a ficar aqueles que se uniram aos contrários; sendo seus escravos e casando depois entre eles, assim se veio a extinguir das Costas marítimas de Pernambuco a má casta deste Gentio, não só cruéis para os outros mais até para os seus mesmos parentes e amigos (JABOATAM, 1859, p.18.).

Dentro da política de conquistas de terras nestes primeiros anos da colonização notamos o rearranjo sociocultural destes grupos originários a partir dos

conflitos que resultaram em sua dispersão. Este fato somado a escassez de registro histórico indígena da região só torna ainda mais dificultosa a aproximação arqueológica a grupos étnicos específicos uma vez que em poucas décadas (se pensarmos nos idos iniciais da colônia) grupos inteiros eram desmantelados, deslocados e recondicionados. Sobre este contexto Soares de Souza (1971) cita que dentre os que sobreviveram a guerra se juntaram a seus inimigos ou como escravos ou foram incorporados através do casamento o que nos sugere um contexto de assimilação dos caetés por parte de outros grupos indígenas ou da população geral.

No que diz respeito aos séculos seguintes, a história pouco nos fala sobre indígenas na região. O mapa etno-histórico de Nimuedaju (1944) assinala no estado de Alagoas outros grupos indígenas falantes de línguas não tupi com os grupos Aconã, Chocó, Natu, Sukurú (Xucurú), Carapoto, Prakió. O contexto que nos é apresentado é o dos aldeamentos dentre os quais Dantas, Sampaio e Carvalho (1992) nos dão a relação destes locais na lógica missionária do século XVIII e percebemos já uma diversidade etnolinguística para além dos falantes do tupi: Santo Amaro – Caboclos de Lingua Geral; Gameleira – Karirí, Lingua Geral e Uruá; Alagoa Comprida – Karapotó; entre outros.

No século XIX, parte dos indígenas aldeados em Alagoas se envolvem na Guerra dos Cabanos, insurreição relacionada ao desejo de retorno de Dom Pedro I ao governo do Brasil. Na série de conflitos que transcorreram nesse período, os indígenas aldeados de Jacuípe foram os que tiveram maior adesão e participação no movimento enquanto que os aldeados de Palmeira dos Índios, Porto Real de Colégio e Santo Amaro não atendem à convocação do presidente da província para lutar (Lindoso, 1983 apud Dantas, Sampaio e Carvalho, 1992).

No ano de 1835, os indígenas de Jacuípe rendem-se e passam a ser utilizados pelos senhores de engenho e comandos militares do governo na localização e destruição dos mocambos de negros conhecidos como papa-méis (Lindoso, 1983 apud Dantas, Sampaio e Carvalho, 1992) sendo este fato lembrado pela população de Japaratinga segundo Allen (2017) quando se refere aos relatos dos populares sobre a sua herança indígena, a presença holandesa na região e a dita Revolta dos Papa-méis.

2.2 A CERÂMICA TUPINAMBÁ: Características e Definições

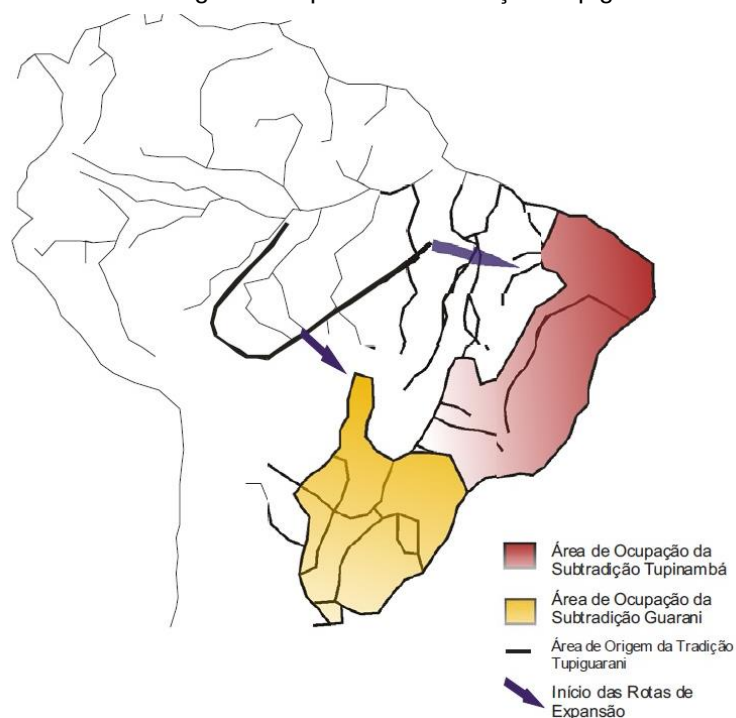
De acordo com a CHMYZ (1976), o termo “tradição” é definido como um “grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal”, enquanto “fase” é definida como “qualquer complexo, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios”. Essas definições são importantes para entender o que esses pesquisadores, tanto Brochado (1977) como o PRONAPA, consideraram durante os trabalhos iniciais com cerâmica no país. Nesta dissertação, não se pretende refutar ou reforçar tais perspectivas, mas o parâmetro da tradição serve como uma maneira de relacionarmos as características da cerâmica de diversos sítios no Nordeste. É necessário ter essas definições em mente para contrastar com o que é identificado em Guaibituguçu e situar a cerâmica desse sítio em um contexto regional, uma vez que, ignorando as classificações baseadas no conceito de “tradição”, seria necessário comparar com milhares de sítios distantes tecnologicamente, como aqueles que possuem a cerâmica Aratu, por exemplo. Portanto, a ideia de tradição Tupiguarani (especificamente a subtradição Tupinambá) presente neste trabalho serve como forma de delimitar dados e aproximar tecnologicamente os sítios.

Ainda de acordo com a Chmyz, a tradição Tupiguarani seria uma tradição cultural caracterizada principalmente pela cerâmica policrômica (vermelha e/ou preta sobre engobo branco e/ou vermelho), com decoração plástica corrugada e escovada, práticas de enterramentos secundários em urnas, pelos machados de pedra polida e pelo uso de tembetás. No que se refere a sua duração, a Tradição Polícroma Amazônica não pode ser datada antes de 1500 a.C. na Amazônia central, enquanto no litoral nordestino chegou a partir do ano 1000 da era cristã (Brochado, 1980; Martin, 2013).

Segundo Brochado (1980), a chamada Tradição Tupiguarani consiste em duas ramificações distintas da Tradição Polícroma Amazônica, originadas de diferentes grupos linguísticos do tronco Tupi: os Guaraní e os Tupinambá. Inicialmente, as pesquisas do PRONAPA estabeleceram três subtradições: a Pintada, a Corrugada e a Escovada, seguindo uma lógica evolucionista em que uma teria sucedido a outra cronologicamente (Brochado, 1980). No entanto, as datações que indicaram a contemporaneidade de algumas dessas subtradições assim como

as diferenças morfológicas das cerâmicas entre as regiões nordeste, leste (sudeste) e sul do país levaram o autor a propor outro modelo de subtradições.

Figura 4: Mapa das rotas de origem e dispersão da Tradição Tupiguarani na América do Sul.



Fonte: Sena (2007) a partir de estudos de Brochado.

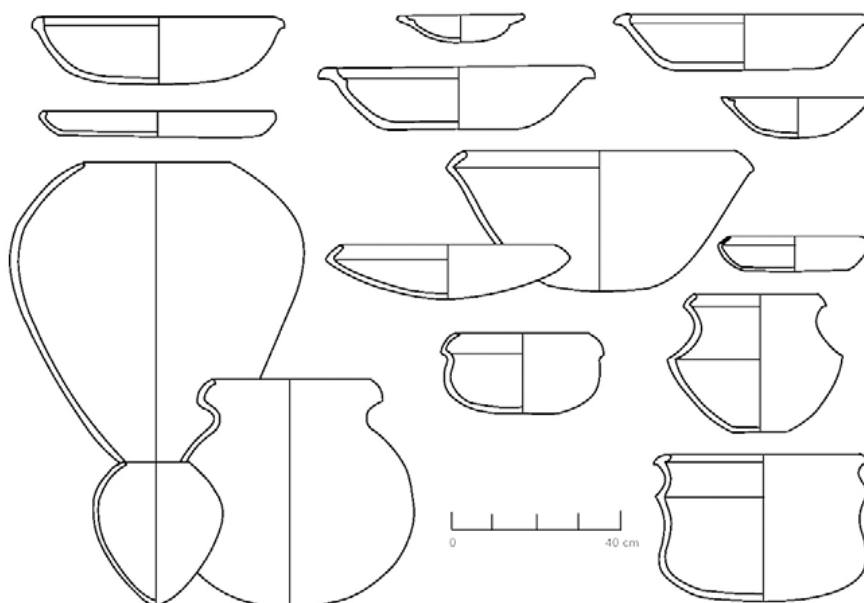
Brochado também afirma que essa cultura seria uma "versão atenuada da cultura Marajoara", que chegou ao Nordeste brasileiro por volta do ano 500 d.C. A partir da relação entre dados arqueológicos e etno-históricos, Brochado (1980, 1989) relaciona geograficamente os povos falantes de línguas do tronco Tupi com os sítios arqueológicos onde essa cerâmica é encontrada. No entanto, Prous (2010) aponta que, embora grupos vivos que falam Tupi produzam cerâmica pintada com motivos associados aos padrões decorativos da cerâmica Tupiguarani, não é possível afirmar que toda a cerâmica arqueológica atribuída a essa tradição tenha sido elaborada por falantes do tronco linguístico Tupi-Guarani. Por isto este autor chama a cerâmica Tupinambá de Proto – Tupi, enquanto a Guarani é chamada de Proto – Guarani como uma forma de desassociar diretamente a um grupo étnico específico. Corrêa (2014) discorre sobre conjuntos cerâmicos proto-tupinambá e tupinambá na região nordeste do Brasil. Este autor parte de uma associação entre variações regionais dentro do próprio nordeste onde ele considera diferente os conjuntos tupinambás do sul da Bahia e região Sudeste do país com a cerâmica encontrada a

norte de Pernambuco. A cerâmica proto-tupinambá seria uma antecessora da tupinambá propriamente dita, porém o próprio autor fala que ambos os conjuntos apresentam características semelhantes e alguns sítios proto-tupinambá e tupinambá teriam ocupado regiões próximas.

Dito isto, Subtradição Pintada, Subtradição Tupinambá e Proto – Tupi podem ser interpretadas como sinônimos quando relacionadas a cerâmica tupi no Nordeste brasileiro. Martin (2013), a partir de reflexões sobre o perfil cerâmico do sítio Aldeia da Queimada Nova, no Piauí, também reflete sobre a reprodução da cerâmica Tupiguarani por grupos não relacionados ao tronco linguístico, a partir de uma hipótese na qual existe uma relação entre uma grande nação Tupi e grupos que viviam na fronteira de seus territórios. Portanto, é importante ter em mente que, apesar das semelhanças tecnológicas, grupos com cerâmicas semelhantes podem ser culturalmente distintos, sendo necessária a análise de outros artefatos da cultura material para fazer afirmações sobre correlações culturais, uma vez que grupos distintos podem compartilhar traços tecnológicos.

A proposta de Brochado (1980, 1989), reforçada posteriormente por Scatamacchia (1990) para as subtradições da Tradição Polícroma Amazônica, baseia-se na distribuição regional da popularidade relativa das técnicas de tratamento de superfície e das formas das vasilhas. Assim, o autor estabelece a subtradição da região leste e nordeste (chamada Tupinambá), caracterizada por vasilhames com manufatura acordelada (roletada), com superfície decorada predominantemente com pintura policrômica. Também são encontradas decorações plásticas, porém menos frequentes, com ungulado, acanalado e o entalhado na borda. Quanto à morfologia, os pratos rasos e as tigelas de base aplanada, boca oval ou quadrangular com até 55 cm de diâmetro são as formas mais representativas, sendo raras as vasilhas com carenas e ombros.

Figura 5: Vasilhames comuns da cerâmica Tupinambá.



Fonte: Rocha (2009) a partir de desenhos de Brochado (1991).

No que diz respeito à pasta, Brochado (1980) destaca a presença de cacos triturados e areia como antiplásticos mais comuns, sendo que a proporção de areia varia ao longo da duração da tradição, enquanto a presença de cacos triturados é mais constante. Esta variação é percebida em diversos sítios arqueológicos filiados a tradição tupinambá sendo predominante o uso de cacos e bolos de argila no sítio Aldeia do Baião em Araripina, Pernambuco (Nascimento, 1991) e uso de areia de quartzo e feldspato na Aldeia do Macaguá I no Rio Grande do Norte com o antiplástico de caco e bolo aparecendo em 30% das peças (Sena, 2013).

Quanto à decoração, na subtradição tupinambá, a cerâmica sem decoração é mais popular. Quando a pintura está presente, ela se expressa por meio da pintura policrômica desenhada por linhas finas e faixas largas nas cores vermelhas e/ou preto sobre o fundo de engobo branco.

As linhas finas são as vezes acompanhadas de pontos e desenham padrões geométricos, como paralelas, ziguezagues, quadriculados, círculos, retângulos e cruzeiros concêntricos e gregas. Mais raramente são as linhas livres. As faixas mais largas são paralelas entre si e se situam quase sempre nas inflexões da parede das vasilhas (Brochado, 1980 p.49)

O autor também afirma que a pintura monocromática em vermelho e preto, assim como as pinturas aplicadas diretamente sobre a superfície sem o fundo engobado, são mais raras.

Figura 6: Fragmentos pintados de cerâmica Tupiguarani no estado de Pernambuco.



Fonte: Adaptado de Costa (2018)

Brochado (1980) também estabelece uma associação direta entre as formas mais comuns das vasilhas de cada subtradição e a subsistência do grupo, relacionando a existência de panelas rasas com boca aberta e borda reforçada externamente ao preparo e consumo da mandioca na subtradição Tupinambá. Essas panelas seriam adequadas para assar e secar a mandioca, por exemplo. Por outro lado, as panelas dos Guarani, no sul, apresentam pescoço, são mais profundas e globulares, sendo comuns as panelas com ombros e contorno composto, relacionadas ao preparo de alimentos em fervura e bebidas alcoólicas.

3 DEFINIÇÕES E METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que a prática cerâmica seja entendida de maneira plena primeiramente deve-se identificar as técnicas utilizadas pelos grupos para a confecção desses artefatos levando em conta a sequência e forma de aplicação das mesmas onde se possa alcançar a prática dos grupos ceramistas (Nascimento; Luna, 1994). As autoras afirmam que:

As etapas básicas para a produção de um objeto cerâmico, como a de qualquer outro, inclui a aquisição de matéria-prima, seu tratamento inicial, a produção do objeto e as suas formas de distribuição e consumo, podendo ainda integrar essa sequência o uso, o desuso, o desgaste, sua quebra e a reciclagem. (Nascimento; Luna, 1994, p. 12).

Analizando esta sequência de eventos pode-se inferir sobre a reconstituição dos padrões técnicos e comportamentais dos ceramistas que nos deixaram apenas a cerâmica em si (Nascimento; Luna, 1994). Desta forma a análise do material cerâmico é justificável uma vez que o mesmo carrega traços da cultura do grupo que o produziu. Sendo um artefato que faz parte do cotidiano dos grupos humanos, é esperado que esteja materializado na cerâmica elementos caracterizadores de seus artesãos, como características que reflitam a identidade dessas comunidades (Oliveira, 2003). Costa (2018) analisa em sua pesquisa a iconografia presente na cerâmica tupiguarani em Pernambuco podendo esta ser relacionada a identidades regionais dos grupos que a produziram. Além disso, a partir de associações de suas técnicas de confecção com o seu uso é possível implicarmos nos modos de subsistência e relações do homem com o ambiente tal qual brochado (1980) afirma ao associar as morfologias Tupinambá e Guaraní a específicos modos de subsistência. Zuse e Milder (2008) trazem uma reflexão que contempla nossa visão da cultura material neste trabalho:

O universo tecnológico de um grupo está em constante interação com os domínios social, simbólico, religioso, político ou econômico desse grupo, dentro de uma totalidade social. A tecnologia pode ser transformada a partir da modificação em qualquer um desses universos que se apresentam em constante influência recíproca, sendo um processo tradicional e ao mesmo tempo dinâmico, na medida em que as normas vigentes e as técnicas tradicionais são suscetíveis a mudanças de diversos níveis, e toda

sociedade não é estática, mas se transforma culturalmente no espaço e no tempo (Zuse; Milder, 2008:06).

Como ferramenta analítica para análise e compreensão do processo de confecção do material cerâmico, utilizaremos a proposta do perfil cerâmico de Oliveira (2000) que o desenvolveu a partir de uma adaptação do perfil gráfico de pinturas rupestres. A autora propõe um método analítico do tipo sistêmico que permite reconstituir as etapas de produção de grupos pré-históricos hierarquizando e entendendo as relações de seus componentes que permitam identificar características tecnológicas de quem as produziu (Oliveira, 2003).

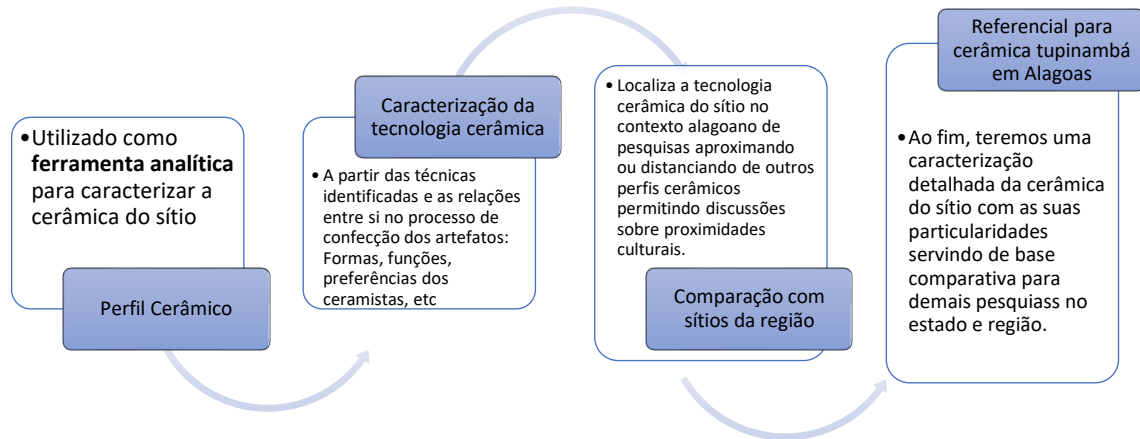
Essa maneira permite uma organização preliminar dos dados advindos da descrição e classificação dos artefatos cerâmicos, uma vez que, quando estamos caracterizando um sítio partimos inicialmente da construção de perfis técnicos dos artefatos (Castro, 1999).

Especificando o passo a passo da análise dos vestígios cerâmicos, Nascimento e Luna (1994) consideram três momentos analíticos:

1. Análise dos vestígios cerâmicos de acordo com sua localização no sítio arqueológico;
2. Comparação dos resultados da análise dos vestígios entre as áreas identificadas no sítio;
3. Estabelecimento das características dos vestígios cerâmicos que fornecem os elementos que formam o perfil cerâmico;

No caso de nossa pesquisa, a análise espacial dos vestígios será relacionada a espacialidade vertical do sítio comparando os dados identificados entre as Unidades Estratigráficas. A comparação dos dados se dará entre as unidades estratigráficas de Guaibituguçu e, após isso, compararemos com o sítio Camuriji. Abaixo, esquema com nosso ponto de partida e nosso objetivo.

Figura 7: Esquema processo de investigação da pesquisa.



Fonte: o autor.

3.2 TÉCNICA E TECNOLOGIA

Estudar a cerâmica sobre uma abordagem tecnológica pode nos dar subsídios suficientes para perceber as nuances e diferenciações entre distintos grupos ceramistas através da observação de variações técnicas uma vez que o sistema técnico (ao qual a cerâmica, o material lítico e outros perfis tecnológicos fazem parte) permite perceber parte da estrutura e organização social (Bocanegra, 1997; Castro, 1999). Castro (1999) afirma que esta abordagem “estuda os processos empregados para confeccionar um objeto, partindo da premissa de que variações técnicas observadas podem ser utilizadas para diferenciar os grupos” (ibidem, p.31). Embora não seja nosso objetivo diferenciar grupos a partir das técnicas, esta abordagem nos permite identificar escolhas e preferências na produção de artefatos sendo assim coerente com o objetivo desta pesquisa.

Como *técnica*, Maus 1968 (apud Lemonnier 1992) define que se trata de “uma ação efetiva e tradicional sentida pelo ator como sendo mecânica, física ou físico-química”, “efetiva” no sentido de que o gesto empregado buscava uma reação física, e “tradicional” no sentido de que o gesto foi “aprendido” (Lemonnier, 1992). Como exemplo podemos citar a técnica do roletado na manufatura de vasilhames, a técnica do banho para pintura de cerâmica.

Por *tecnologia* entendemos tanto as colocações de Lemonnier (1992) quanto Bocanegra (1997). O primeiro pesquisador define-a como “todos os processos de ação sobre a matéria” e enfatiza que pensar em tecnologia não deve se restringir ao artefato apenas. Para Braco et al (1991 apud Bocanegra 1997) “se trata de um manejo social dos conhecimentos tecnológicos como um saber-fazer incorporado ao grupo, que facilita a reprodução idêntica ou não de uma sequência de gestos (tradução nossa)”.

A tecnologia ou o processo ordenado de ações técnicas se conceitualiza no subconsciente coletivo da sociedade, para formar parte de seu sistema sociocultural, como modificador potencial do mundo real e reprodutor dos bens culturais; Quer dizer, a tecnologia como saber teórico e como geradora de realidades materiais se converte em um padrão cultural mas, que junto a outros, definem uma cultura arqueológica; por tanto, o estudo e a caracterização das diferentes tecnologias encontradas nos sítios arqueológicos nos podem ajudar a correlacionar determinadas tecnologias com grupos culturais específicos, embora não devamos esquecer o risco que isso acarreta, porque diferentes culturas podem participar de processos tecnológicos similares, mas de modelos de uso e consumo (funcionalidade real) diferentes; (Bocanegra 1997, pg.150)

Dentro do que é pensado como tecnologia estão as técnicas e a transmissão cultural destas, modificando a natureza e adaptando-se ao meio. Quando o gesto é padronizado e transmitido ao grupo através de ensinamentos pode ser chamado de tecnologia (Castro, 1999). Fabricar um objeto corresponde a um processo de adaptação ao meio-ambiente, processo este que começa na mente do indivíduo no intuito de se resolver um problema ou atender alguma necessidade (Bocanegra, 1997; Lemonnierr 1992).

Portanto, dentro de nossa pesquisa, consideramos por técnica *o gesto realizado sobre a matéria a fim de ser obter um resultado*, como por exemplo o alisamento de uma cerâmica, a pintura desta, a adição de determinado antiplástico a pasta, entre outros. Por tecnologia entendemos como *um saber teórico, um conhecimento científico no qual estão incluídas as técnicas, seus processos de execução, as ferramentas e as ideias para se resolver problemas e necessidades do grupo sendo transmitida e repassada através de ensinamentos*.

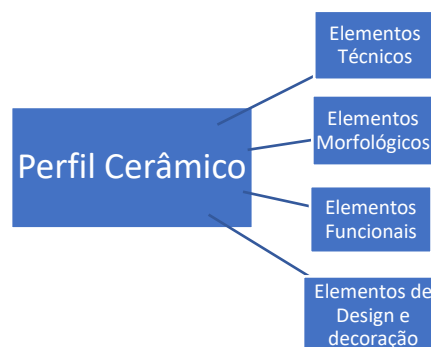
Para melhor entendermos eis a seguinte reflexão: foi preparada uma pasta com adição de caco triturado. Consideremos que hipoteticamente esta pasta com caco conduza melhor o calor no vasilhame e melhore o cozimento de alimento e resistência da panela. Isto seria conhecimento tecnológico uma vez que em algum

momento da história deste grupo descobriu-se que essa pasta era ideal para determinada atividade e isto foi transmitido entre os artesões. Existiu um conhecimento, uma ideia que atende a uma necessidade. A técnica estaria na confecção da panela, na aplicação do caco triturado, a tecnologia neste conhecimento, na aplicação da técnica e no seu ensinamento. A técnica é a ação sobre a matéria para atender uma necessidade. A tecnologia a ciência por trás.

3.3 PERFIL CERÂMICO, PERFIL TÉCNICO CERÂMICO, SISTEMA TÉCNICO

Define-se por **perfil cerâmico** a “estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos, funcionais e do design, organizados segundo regras de hierarquia” (Oliveira, 2003; Alves et al, 1991). O que vai diferenciar do **perfil técnico cerâmico** é o fato de que o perfil cerâmico se refere aos dados de caracterização da produção ceramista de um sítio apenas enquanto que o *perfil técnico cerâmico* é resultado da análise de *perfis cerâmicos* de um conjunto de sítios situados em um recorte espaço-temporal específico a uma área regional (Alves et al, 1991).

Figura 8: Composição do perfil cerâmico.

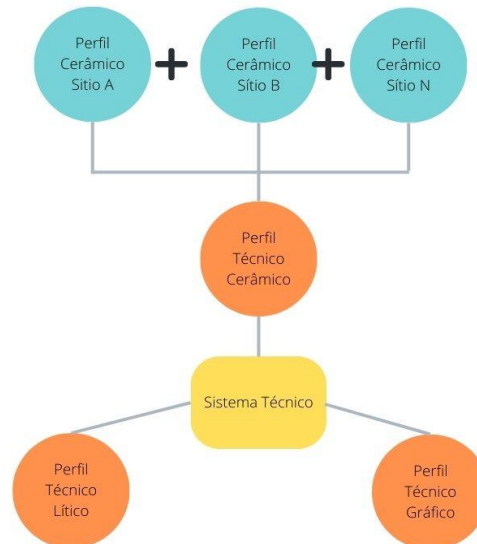


Fonte: Adaptado de Oliveira (2003).

Oliveira (2003) define Sistema técnico como: “estrutura organizada por diversos perfis técnicos, que por sua vez, representam o conjunto das técnicas desenvolvidas por um grupo e, portanto, formam o seu **sistema técnico**”. No caso da nossa pesquisa estaremos construindo um *perfil cerâmico* do sítio Guaibituguçu e Camuriji e, uma vez que caracterizado este perfil, sendo estes associados a demais perfis cerâmicos de outros sítios na região Nordeste, ou mesmo entre si, teremos o

perfil técnico cerâmico que, por sua vez, faz parte do sistema técnico do grupo estudado.

Figura 9: Composição do perfil técnico cerâmico e do sistema técnico.



Fonte: o autor (adaptado de Oliveira, 2003).

Esta metodologia vem sendo nas últimas décadas utilizada em diversas pesquisas no nordeste brasileiro que se propõem a investigar grupos ceramistas de diversas filiações culturais seja quando há como objetivo o estabelecimento do perfil ceramista ou perfil técnico cerâmico ou como ferramenta classificatória para demais questionamentos como mobilidade, memória, alimentação ou identidade associada a padrões decorativos (Amaral, 2015; Arnaldo, 2012; Cardoso, 2017; Castro, 1999; Costa, 2010; Luna, 1991; Machado, 2010; Nascimento, 1991; Nobre, 2013; Nogueira, 2011; Santos, 2018; Soares, 2012; Sena, 2013; Silva, 2006).

Alves et al (1994) cita o que é necessário para a construção de um perfil cerâmico do sítio o que para nossa pesquisa complementa o que foi citado anteriormente quanto aos atributos. As autoras afirmam ser necessário primeiramente identificar o perfil cerâmico do sítio para em seguida ser pensado no perfil técnico cerâmico do grupo e para isso identificar os elementos componentes do sistema técnico cerâmico agrupados nos seguintes conjuntos:

Conjunto dos elementos técnicos, caracterizado pelas:

- Matérias-primas (tipo de argila, antiplástico, pigmento, resinas, etc);
- Instrumentos;
- Técnicas de elaboração (manufatura, queima, tratamento de superfície, etc;)

Conjunto dos elementos morfológicos:

- Forma,
- Dimensão
- Volume dos objetos

Conjunto dos elementos funcionas: que caracteriza a finalidade destinada a cada objeto produzido. São percebidos na classe dos objetos através da forma reconstituída.

Conjunto de elementos decorativo e do design: técnicas envolvidas no processo de decoração, os motivos decorativos, o gesto na cerâmica

Quanto aos atributos utilizados para a análise, sendo um dos objetivos deste trabalho a construção de um perfil cerâmico, serão consideradas quanto aos artefatos:

- Morfologia (base, borda, bojo, apêndice, lábio);
- Manufatura (acordelado, modelado);
- Tratamento de superfície (alisado, pouco alisado, escovado, brunido, pintado, acanalado, roletado);
- Queima (completa, incompleta);
- Antiplástico (areia fina, areia média, areia grossa, bolo de argila, caco moído);
- Marcas de Uso (análise de manchas adquirias após a etapa de produção que podem ser originadas da deposição de subprodutos da combustão durante o cozimento de alimentos podendo ser *fuligem* ou *esfumarado* segundo Rego (2013));

Nosso objetivo com a sistematização destes dados dos objetos cerâmicos é poder inferir quanto a tecnologia do sítio Guaibituguçu uma vez que “a percepção da continuidade e da mudança técnica se dá pelas recorrências e variabilidades na

cultura material, percebidas através de atributos técnicos aplicados a cada fragmento de artefato [...]”(Zuse;Milder 2008:07).

3.4 CLASSIFICAÇÃO, VARIABILIDADE E ESTILO TECNOLÓGICO

Hodder e Hutson (2003) afirmam ser necessária discutir sobre variabilidade em se tratando de contextos relacionados a mudança sociocultural exemplificando que tal variabilidade, quando percebida em certas áreas resultantes de interação cultural, seria permitida em locais fora do controle direto dos grupos dominantes (Hodder; Hutson, 2003). Dentro da classificação de artefatos, o autor afirma ser necessário que abordagens tipológicas se distanciem da busca por “tipos” e se preocupem mais com o discorrer de aspectos multidimensionais de variabilidade fazendo com que o “tipo” fosse relacionado a variação de contexto uma vez que a maior parte dos arqueólogos se dedica a encaixar os artefatos em “estilos, culturas, sistemas, estruturas” e ignoram as particularidades possíveis da variabilidade individual (Hodder; Hutson, 2003).

Dentro das muitas possibilidades discutíveis sobre variabilidade artefactual, Schiffer e Skibo (1997) discorrem sobre as características formais, ou seja, as características físicas passíveis de serem observadas e medidas. Segundo estes autores, a variabilidade formal surge das diferentes práticas dos artesãos, desde a busca da matéria prima até a manufatura dos artefatos.

As variações são fruto de escolhas conscientes dos artesãos. Cada escolha corresponde a uma atividade ou sequência de atividades que possuíam alternativas que não foram escolhidas (Schiffer; Skibo, 1997). A discussão em meio a variabilidade artefactual segue do ponto de partida que o design do objeto é dirigido pela performance sendo a sequência de produção resultado de conhecimentos acumulados do artesão por toda sua vida (Ibidem, 1997).

A classificação é entendida por Dannel como associada a sistemática. Sendo um termo bastante amplo, o autor define-a como “um tipo especial de fenômeno maior e mais abrangente que, na falta de um termo melhor, pode ser chamado de arranjo” (Dannel, 2007:67). Tendo isto em vista, nossa pesquisa partirá da classificação dos artefatos cerâmicos a partir dos conjuntos Manufatura, Pasta, Tratamento de superfície e Marcas de uso. Cada um destes atributos, por sua vez, possui uma série de variáveis contrastáveis e quantificáveis.

Tal classificação dos artefatos parte de sua sequência de produção, desde a aquisição da matéria prima, passando pela sua confecção e chegando até o produto final e seu uso. Dentro desta lógica parece ser coerente a utilização do termo perfil técnico ser utilizada de maneira a sistematizar a classificação dos artefatos cerâmicos uma vez que esse conceito parte da estruturação e classificação dos componentes resultados da cadeia operatória.

Uma definição que dá sentido a variabilidade e ordena os atributos analisados lhes dando significado é o conceito de estilo tecnológico. Segundo Oliveira (2003) estilo tecnológico:

“[...] representaria todo o conjunto de técnicas desenvolvidas pelos grupos pré-históricos em que poderíamos identificar as associações técnicas e as escolhas feitas por cada grupo cultural e, assim, estabelecer um modelo de descrição para sistematizar as comparações.” (Oliveira, 2003 p. 67).

A autora o utiliza como um instrumento caracterizador de aspectos culturais a partir do momento em que traz uma reflexão sobre o estilo como manifestação do ideológico na cultura material a partir do trabalho de Llamazares e Slavutsky (1990) e Sackett (1990). Fagundes (2004) a partir de reflexões também feitas sobre os trabalhos de Sackett (1982, 1985) e Wiessner (1985) afirma que para além dos atributos técnicos e funcionas, no estilo tecnológico está contida a etnicidade de maneira inerente e natural e não adicionada como forma de uma tentativa de reafirmação de identidade do grupo. Segundo o autor aplicar o conceito de estilo sobre esta ótica permite compreender o grupo social e não apenas a cultura material. Rice (1987) interpreta o estilo como um sistema aberto de expressão do grupo que recebe e transmite informações, portanto, ao relacionarmos os diversos componentes do processo de fabricação da cerâmica é esperado que encontremos sentido nas escolhas tomadas pelos artesãos.

3.5 ESTRATIGRAFIA E UNIDADE ESTRATIGRÁFICA

Pretendendo associar características tecnológicas a contextos estratigráficos e pensar em possíveis variações tecnológicas ao longo da ocupação do sítio Guaibituguçu, utilizamos do conceito de Unidade Estratigráfica. Usaremos a definição tal qual ela foi conceitualizada para atividades de resgate do sítio em 2016.

As unidades estratigráficas foram pensadas segundoss as definições de Harris (199), Roskams (2001) e Bicho (2011) em conjunto com experiencias no estado de Alagoas do grupo de pesquisa NEPA⁴. Desta maneira, esta metodologia classifica os contextos em *camadas de material depositado horizontalmente*, *estruturas negativas* (que cortam as camadas sedimentares) e *estruturas positivas* (*muros, prédios, ruínas etc*) bem como suas interrelações (Allen et al, 2017).

As unidades estratigráficas foram tratadas como contextos únicos e escavadas individualmente com decapagens de espessura variáveis a depender da espessura da própria UE e das possíveis interpretações e configuração (se manchas pequenas ou piso de ocupação por exemplo), sendo as mais rasas escavadas de uma só vez enquanto as mais espessas poderiam ter duas, três ou mais decapagens (Allen et al, 2017).

Para a descrição e posterior análise de relações estratigráficas, cada UE foi registrada em um formulário contendo a descrição dos materiais encontrados, profundidade, descrição do sedimento e sua posição diante das demais (cf anexo).

⁴ Núcleo de Ensino e Pesquisa de Alagoas

4 AS CAMADAS DO GUAIBITUGUÇU: ESCAVAÇÕES E ESTRATIGRAFIA

O sítio Guaibituguçu, foi alvo de três etapas de pesquisa, até o momento da redação desta dissertação. A primeira, em 2015, no qual foi identificado durante prospecções arqueológicas; a segunda em 2016, onde foi realizado o resgate arqueológico pela equipe do Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológica (NEPA); e uma terceira etapa de acompanhamento arqueológico ocorrida no ano de 2020. Aqui discorreremos sobre a etapa de resgate uma vez que essa forneceu a maior parte dos dados de nossa pesquisa, tanto em relação aos artefatos quanto a estratigrafia do sítio.

O sítio foi caracterizado como de baixa visibilidade e média densidade artefactual sendo o material arqueológico detectado apenas em subsuperfície (Allen et al, 2017). Dentre os artefatos evidenciados, estava em maioria a cerâmica, principalmente sendo identificadas bordas reforçadas de vasilhames que foram associadas a tradição ceramista tupiguarani pelo tipo de antiplástico e morfologia das peças (ibid, 2017). Essa cerâmica indígena foi identificada nos mesmos pacotes sedimentares que cerâmica vitrificada, louça e faiança.

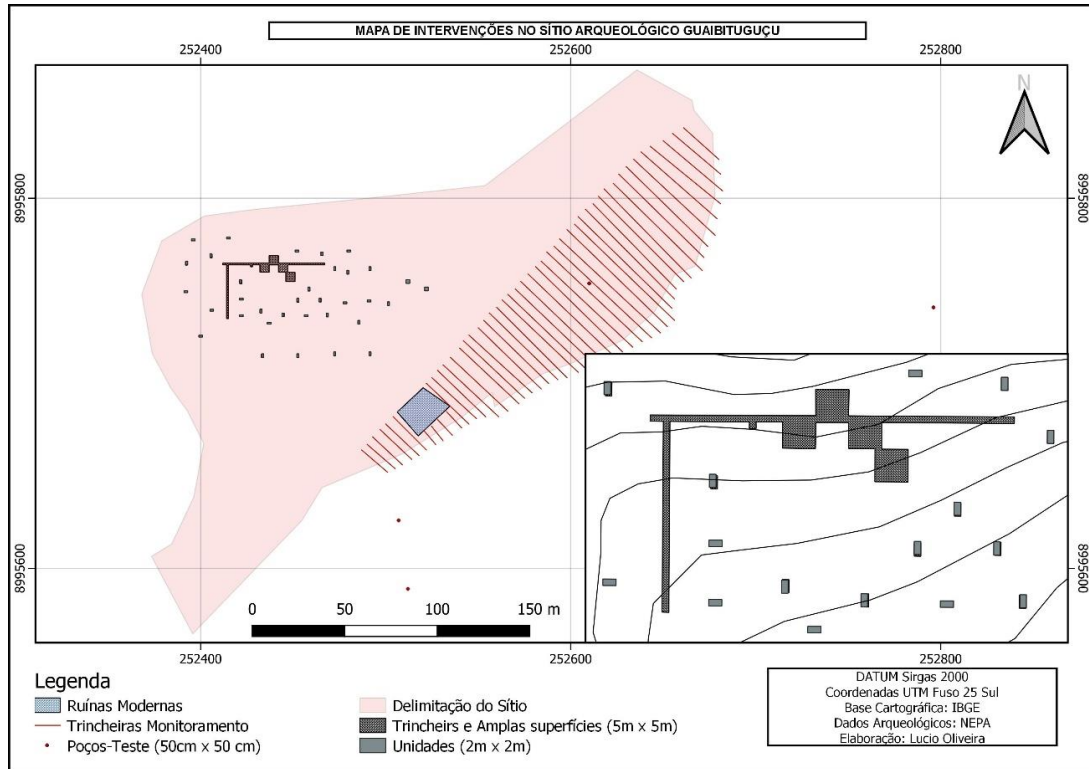
4.1 A PESQUISA ARQUEOLÓGICA REALIZADA

A partir do contexto evidenciado durante a fase de prospecção, a metodologia para o resgate do sítio preocupou-se em identificar as mudanças sutis entre as unidades estratigráficas uma vez que os pacotes sedimentares do sítio são bastante arenosos. Para isto, a escavação respeitou as unidades estratigráficas do sítio, escavando-as de maneira individual. A depender da espessura destas UE, poderiam haver mais de uma decapagem em cada.

A escavação se deu a partir de um plano cartesiano no qual os eixos são as linhas norte-sul e Leste-oeste. Através desta malha, foram abertas quatro unidades em ampla superfície (5x5m) e duas trincheiras, uma no sentido leste-oeste e outra no sentido norte-sul. As amplas superfícies foram escavadas a partir da detecção de áreas com densidade material da fase inicial da pesquisa na qual houveram prospecções e sondagens. Além destas, também foram escavadas trinta e seis unidades de 2x1m a fim de se delimitar e compreender como se comportava a UE2 (unidade estratigráfica de maior densidade artefactual) fora da área de maior

concentração de atividades do sítio. Durante a etapa de acompanhamento foram abertas 48 trincheiras a fim de ser verificada a existência de contexto estratigráfico antrópico nas margens do sítio diante da construção de uma via próxima pertencente ao empreendimento que margeia a área pesquisada (ALLEN AT ALL, 2017; ALLEN, 2020).

Figura 10: Intervenções arqueológicas no sítio Guaibituguçu.



Fonte: Allen, 2020.

Figura 11: Escavação do sítio Guaibituguçu.



Fonte: NEPA.

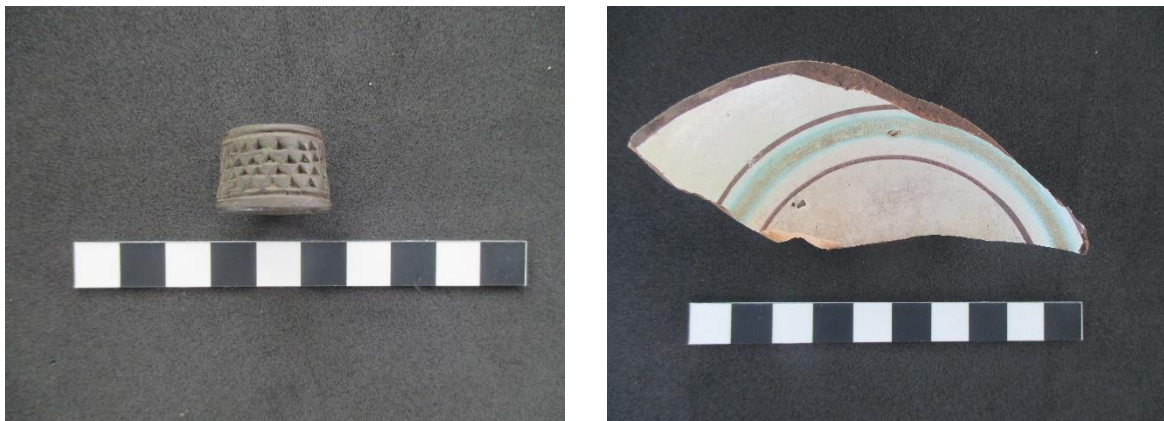
Como já mencionado, foram evidenciados artefatos de tecnologia indígena e de manufatura do período histórico associados estratigraficamente. Foi identificado louça, faiança, cerâmica simples, cerâmica vitrificada, material lítico, malacológico, osso de animais e material metálico (ferro e latão).

Figura 12: Concentrações de cerâmica identificadas na UE2.



Fonte: NEPA.

Figura 13: Material metálico e louça respectivamente, ambos identificados na UE2.



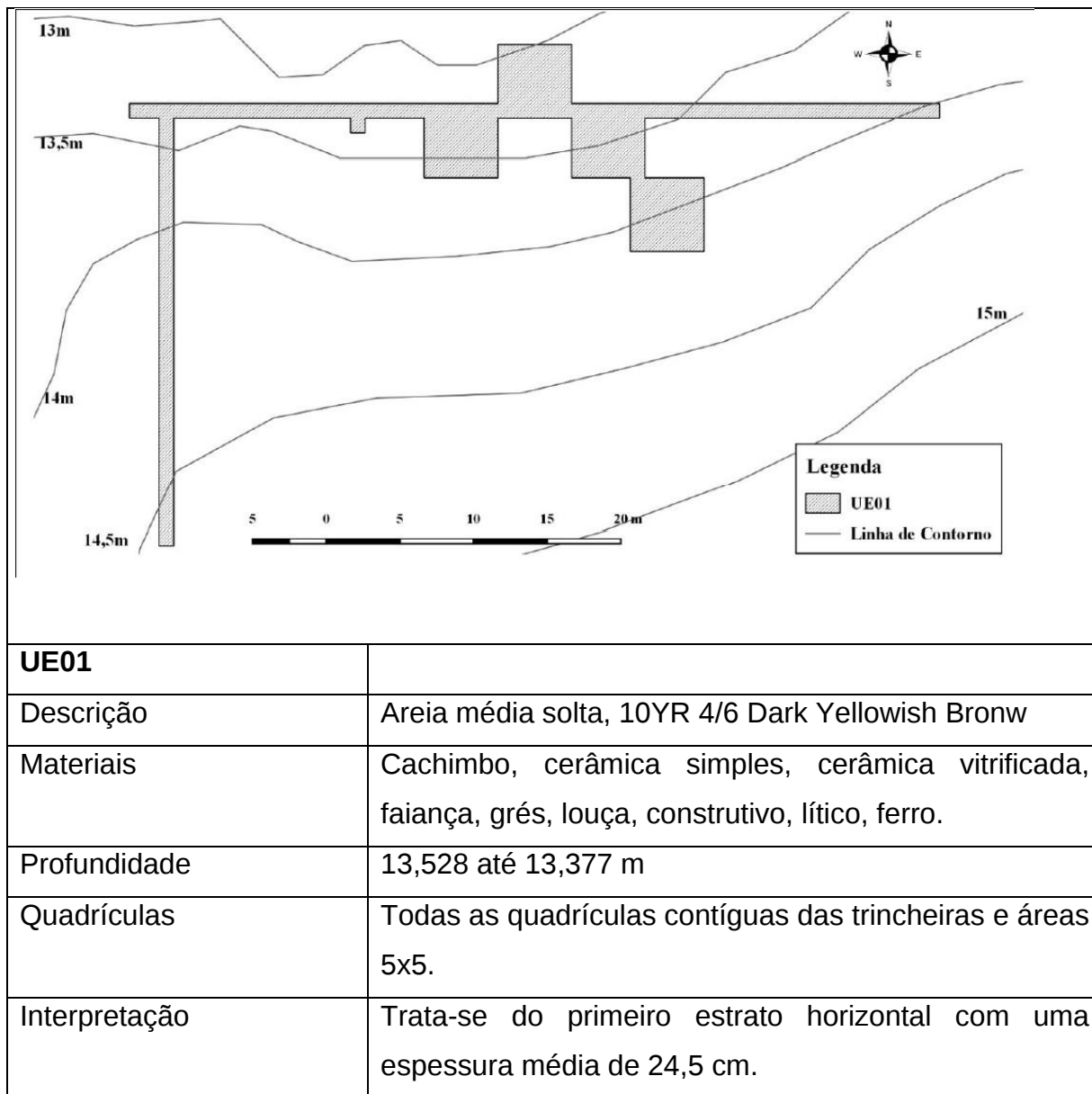
Fonte: NEPA

4.2 O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

No total, foram identificadas 111 unidades estratigráficas sendo consideradas para nosso trabalho as 7 principais presentes na área contígua de escavação (amplas superfícies e trincheiras). Três destas sete estão associadas a UE02 e

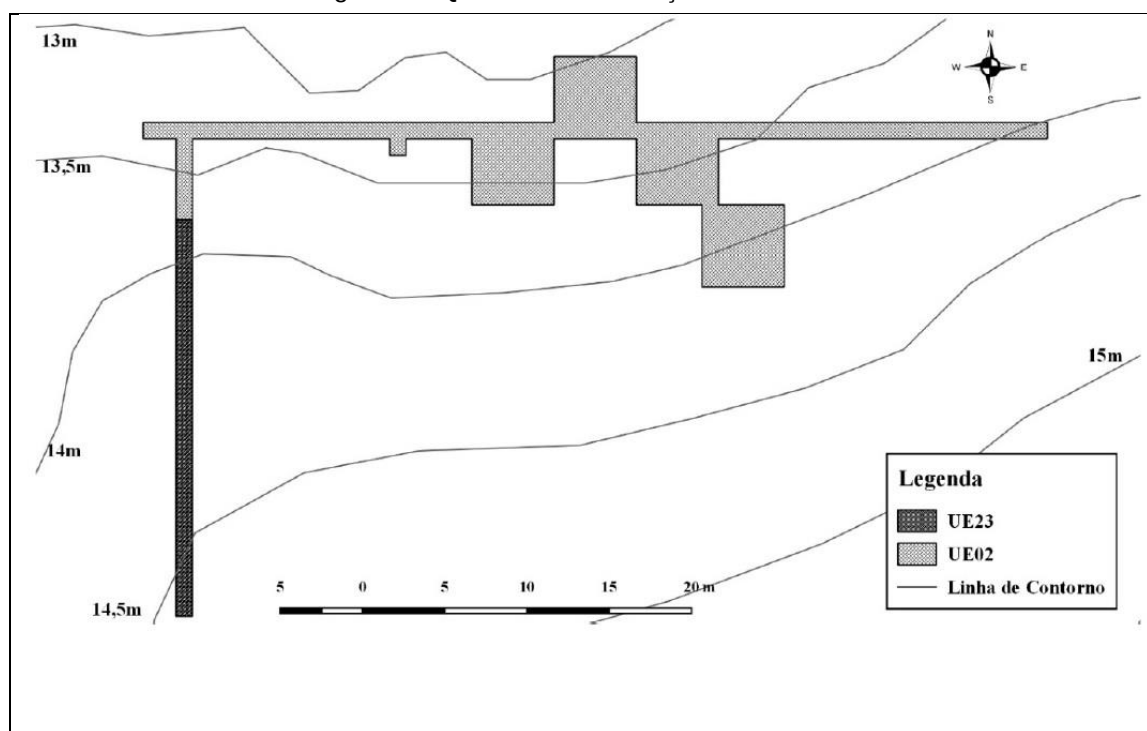
possivelmente tratam-se de vestígios. A UE02 é a unidade estratigráfica que concentra maior parte dos fragmentos de cerâmica indígena do sítio.

Figura 14: Quadro com descrição da UE01.



Fonte: Adaptado de Allen et al (2017).

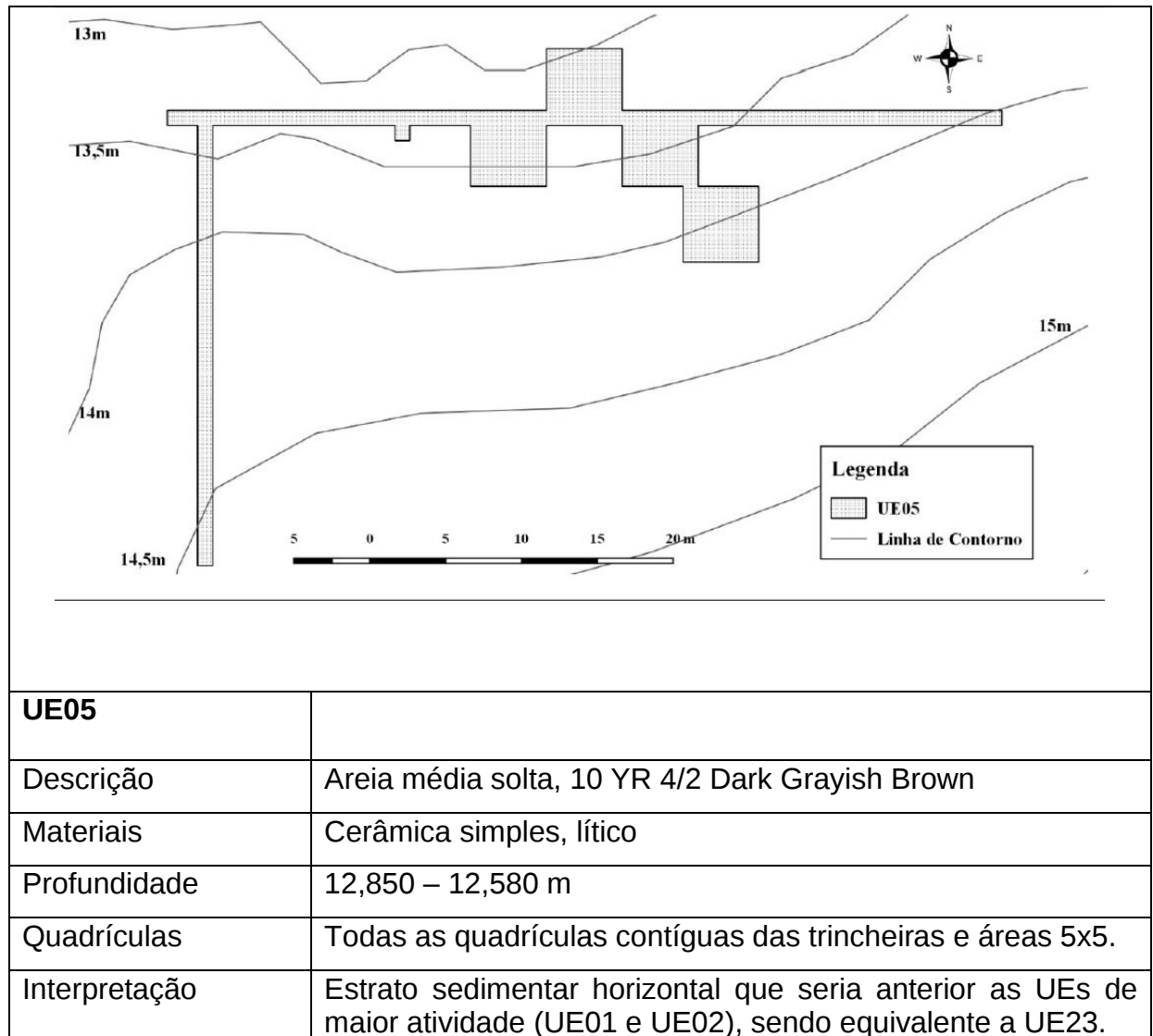
Figura 15: Quadro com descrição das UE23 e UE02.



UE02	
Descrição	Areia média solta, 10YR 3/1 Very Dark Grey
Materiais	Cachimbo, cerâmica simples, cerâmica vitrificada, faiança, latão, louça, malacológico, lítico, vidro.
Profundidade	13,377 – 12,810 m
Quadrículas	Quadrículas contíguas das trincheiras e áreas 5x5.
Interpretação	Trata-se de uma camada de intensa ocupação que não se estende tanto quanto a UE01, acabando suavemente ao sul. Tem uma espessura média de 41 cm.
UE23	
Descrição	Areia média solta, 10YR 4/2 Dark Grayish Brown
Materiais	Cerâmica simples, ferro, lítico, louça, material construtivo, malacológico.
Profundidade	13,440 – 13,345 m
Quadrículas	Restrito a trincheira sul.
Interpretação	Um pacote sedimentar equivalente a UE05. A UE representa áreas afastadas da ocupação/uso mais intenso do sítio. Não possui espessura definida uma vez que as escavações encerraram pela profundidade atingida (1,10m na trincheira sul).

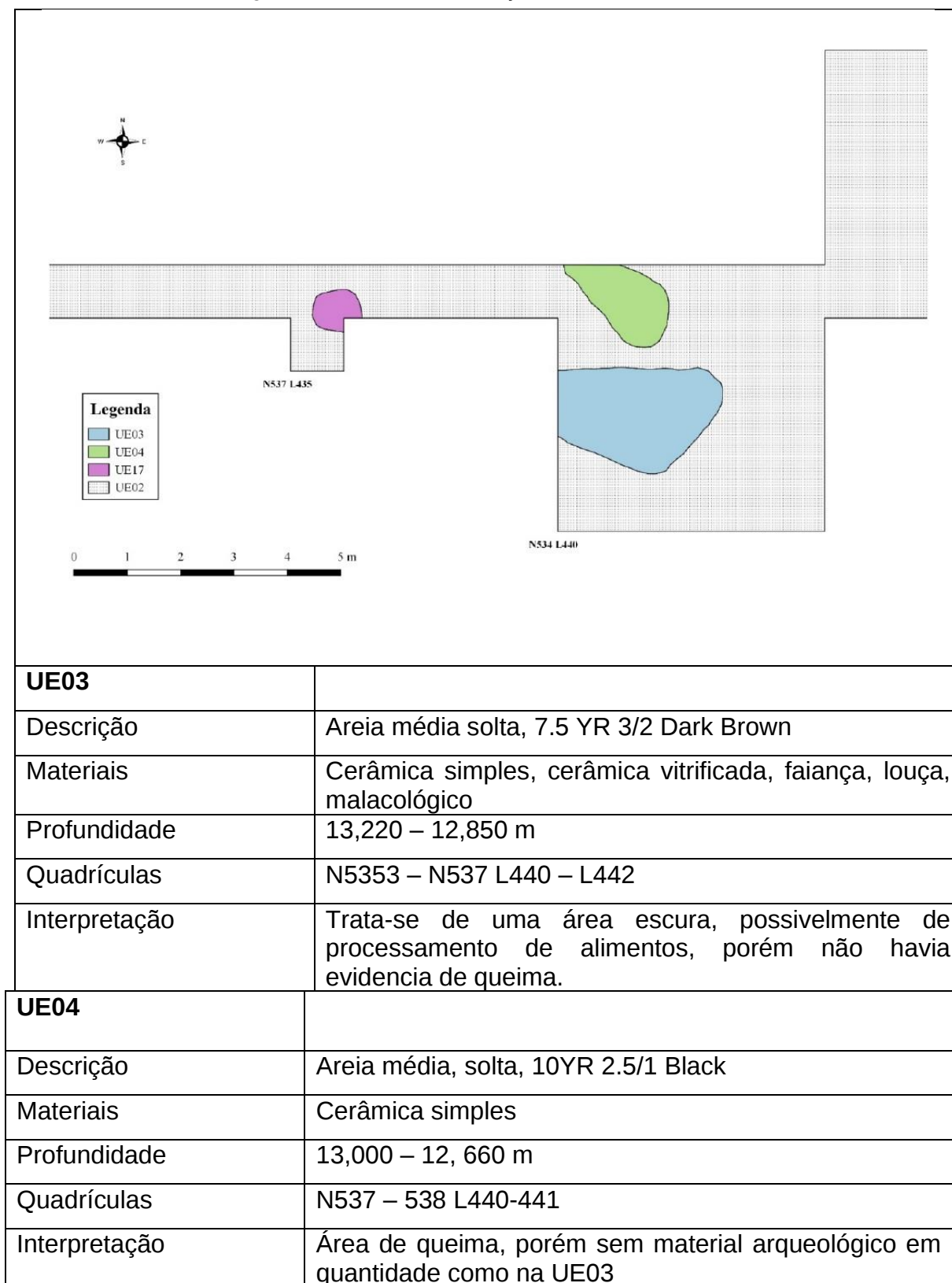
Fonte: Adaptado de Allen et al (2017).

Figura 16: Quadro com descrição UE05.



Fonte: Adaptado de Allen et al (2017).

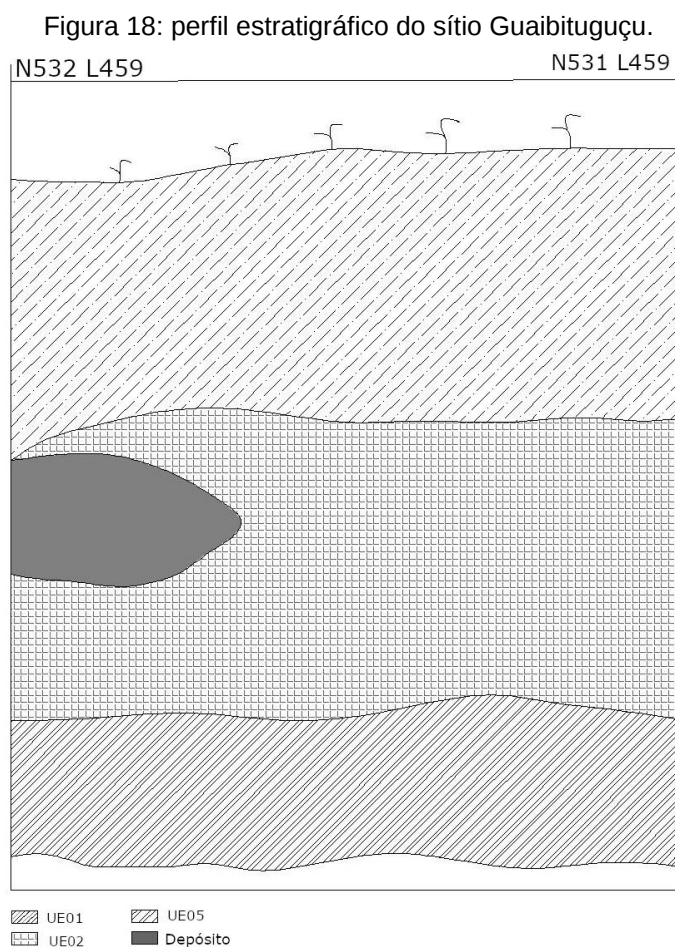
Figura 17:Quadro com descrição UE03, UE04 e UE17.



UE17	
Descrição	Areia média, solta, 10YR 2/1 Black
Materiais	Cerâmica simples
Profundidade	12,873 – 12,622 m
Quadrículas	N537 L435 – 436 (trincheira oeste)
Interpretação	Depósito com alta concentração de carvão

Fonte: Adaptado de Allen et al (2017).

Segundo o relatório do resgate os estratos se comportaram de maneira simples, depositados horizontalmente e sem grandes intrusões exceto no caso da UE02 na qual se nota os vestígios denominados UE03, UE04 e UE17 sobre a UE, sendo estes vestígios provavelmente relacionados a atividades de processamento de alimentos.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023) a partir do desenho de perfil do NEPA.

5 DANDO ORDEM AO CAOS: SISTEMATIZANDO A CARACTERIZAÇÃO DA CERÂMICA DE GUAIBITUGUÇU

5.1 SEGREGAÇÃO DOS FRAGMENTOS

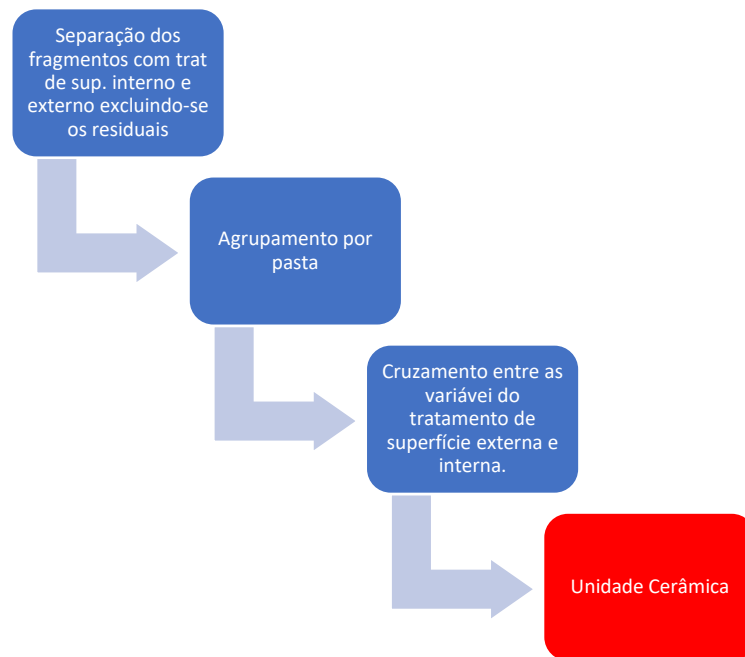
Seguindo a proposta de Alves et al (1991) e Oliveira (2003) para a construção das unidades de análise devemos trabalhar em dois universos: o dos fragmentos e o dos objetos. Para esta pesquisa estamos considerando no grupo dos **fragmentos** toda a peça com informações sobre a morfologia, manufatura, tratamento de superfície identificável em ambas ou, pelo menos, uma superfície, e com largura mínima de 5 cm.

Segundo Oliveira (2003) é no universo dos fragmentos que formamos as *unidades de análise* onde é observada toda a cadeia produtiva dos objetos, onde são estabelecidos os conjuntos de materiais usados para a confecção das panelas, os elementos morfológicos e a partir daí reconstituímos os *objetos*. Analisando conjuntos de fragmentos com características semelhantes temos mais elementos para serem reconstituídos os objetos cerâmicos, portanto, a autora sugere que para que uma *unidade* exista é necessário serem observáveis ao menos dois parâmetros de identificação que são a pasta e o tratamento de superfície (Alves et al, 1991).

Sendo assim, as unidades foram segregadas a partir *da pasta, tratamento de superfície externo, e tratamento de superfície interno*.

Foram analisados no total de 4291 fragmentos de cerâmica do sítio Guaibituguçu. Sendo considerados apenas para as *unidades de análise* o montante de 1082 peças da etapa de resgate do sítio e 62 fragmentos da etapa de monitoramento formando o **conjunto de fragmentos** (1142 fragmentos) e o restante apenas contabilizado sendo compreendidos como residuais (peças com potencial informativo apenas sobre a pasta) ou diferidos (fragmentos sem informações suficientes para serem classificados como os fragmentos com superfície erodida ou muito pequenos, por exemplo [Alves, 1991]).

Figura 19: esquema com processo de identificação das Unidades Cerâmicas.

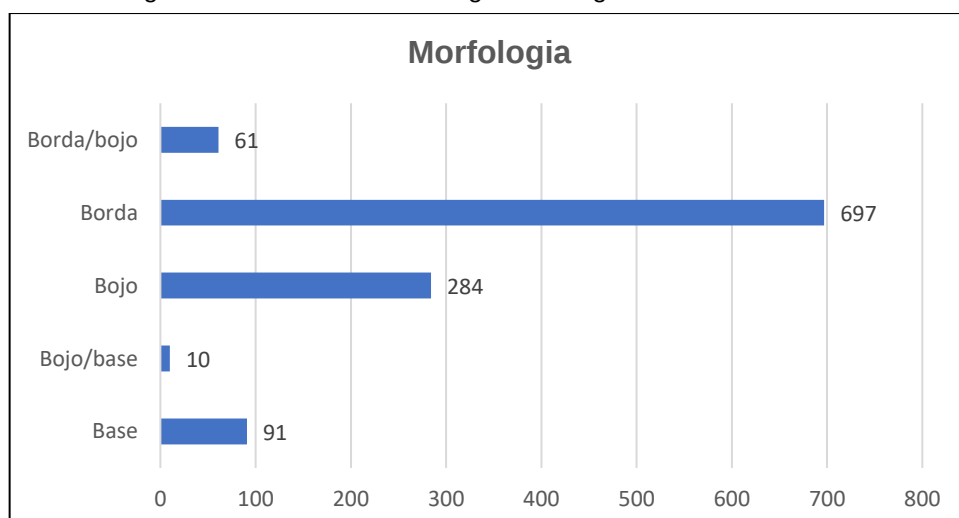


Fonte: o autor.

5.2 IDENTIFICAÇÃO MORFOLOGICA DOS FRAGMENTOS

Os fragmentos foram classificados segundo a morfologia proposta em Chmyz (1976) sendo esta amplamente utilizada em trabalhos voltados a cerâmica arqueológica no Brasil. O material cerâmico analisado correspondeu a bases, bordas e bojos, não sendo identificados apêndices nem fusos, sendo todos fragmentos de vasilhas.

Figura 20: Gráfico de morfologia dos fragmentos identificados.

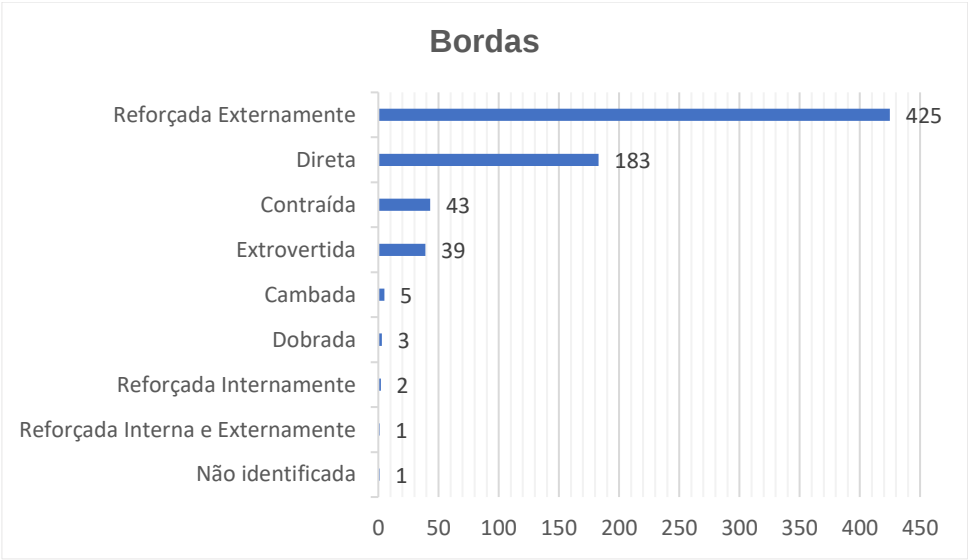


Fonte: o autor.

5.2.1 Bordas

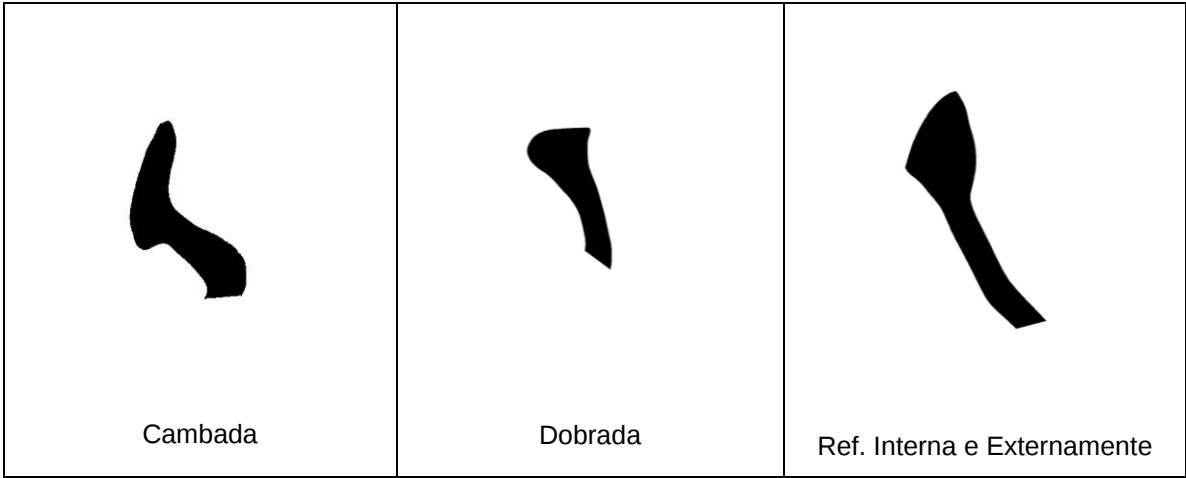
No que diz respeito as bordas, estas foram os fragmentos de maior frequência no grupo. Identificamos 8 tipos morfológicos classificados de acordo com a Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica de Chmyz (1976), são eles: borda reforçada externamente, reforçada internamente, reforçada internamente e externamente, direta, contraída, cambada e dobrada. Apenas uma borda não pode ser identificada.

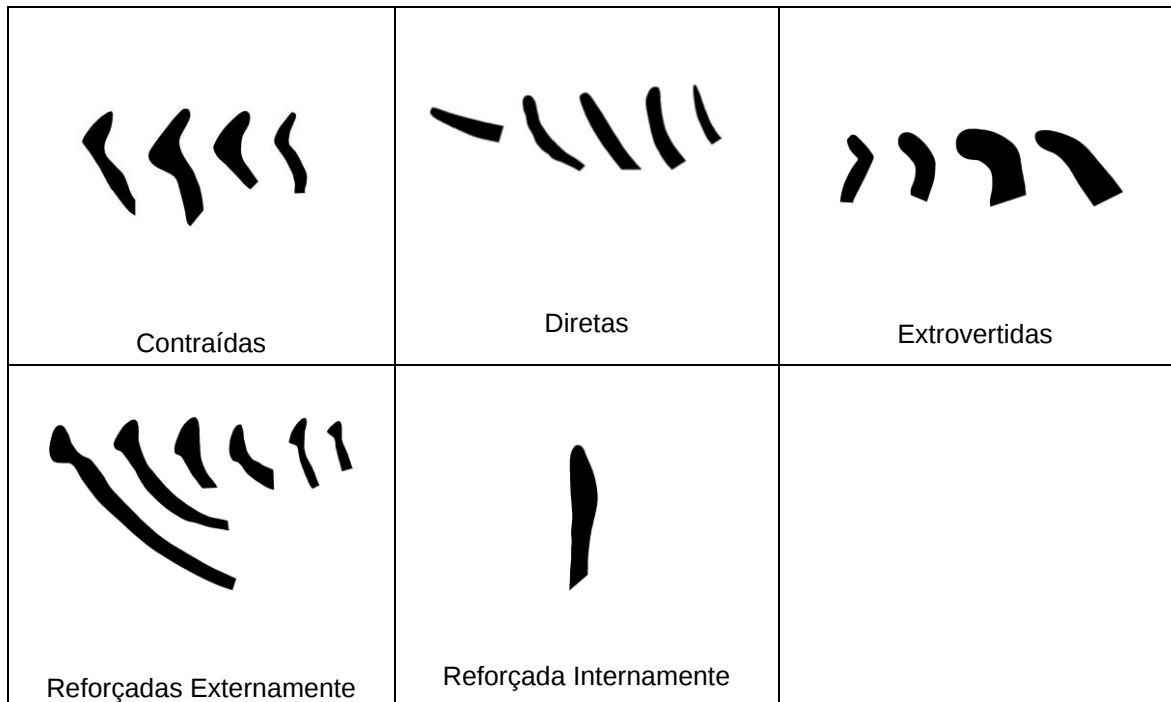
Figura 21: Gráfico de fragmentos da morfologia de bordas.



Fonte: o autor.

Figura 22: Quadro comparativo entre bordas identificadas no sítio Guaibituguçu



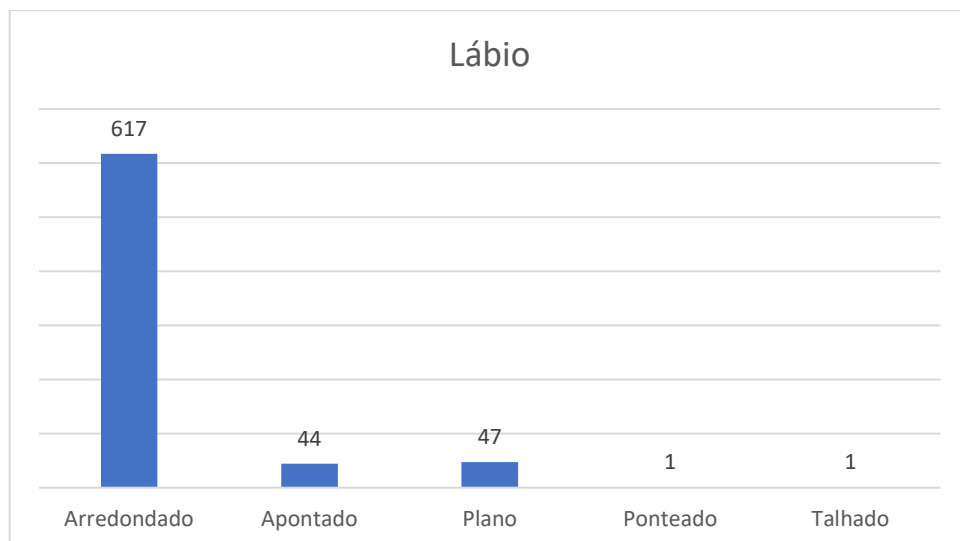


Fonte: o autor.

5.2.2 Lábio

O lábio é a extremidade da borda. Ao todo foram identificadas cinco morfologias, são elas: o lábio arredondado, apontado, plano, ponteadado e talhado.

Figura 23: Gráfico com frequência de lábio.



Fonte: o autor.

Figura 24: Lábio talhado.



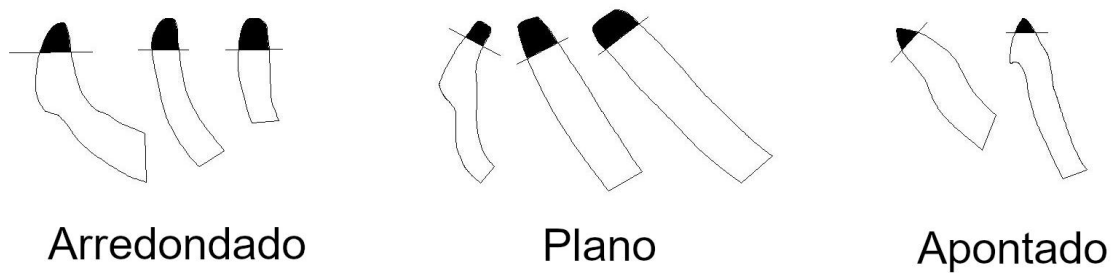
Fonte: o autor.

Figura 25: Lábio ponteados.



Fonte: o autor.

Figura 26: Desenhos das morfologias de lábios identificadas.

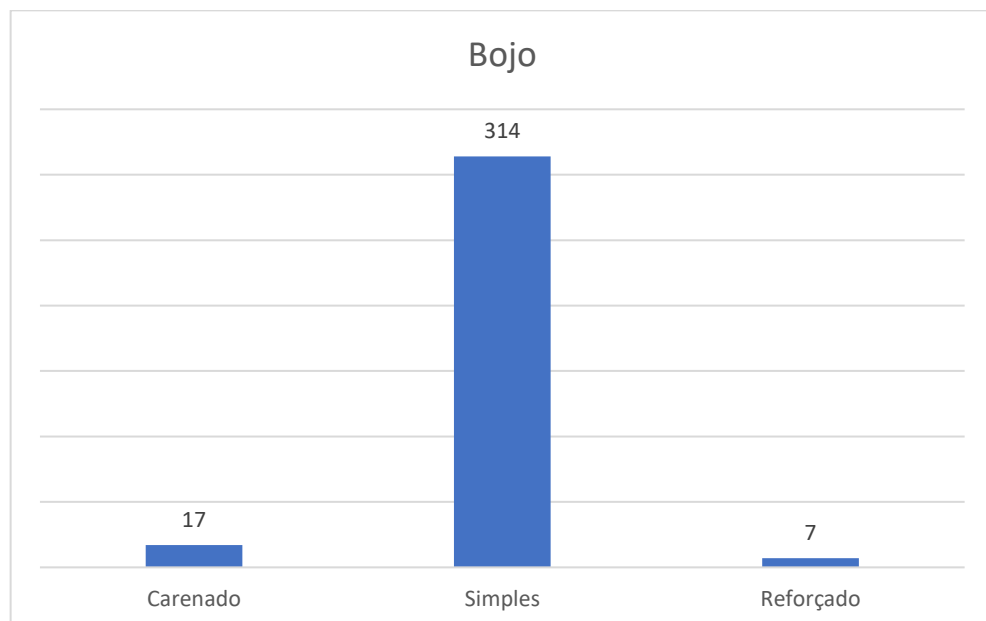


Fonte: o autor.

5.2.3 Bojos

O bojo é a parede do vasilhame que corresponde ao corpo do objeto. Foram identificadas quatro formas de bojo: Simples, carenado e reforçado. Os bojos reforçados não puderam ser reconstituídos por falta de informação suficiente sobre os eixos das peças que faziam parte sendo apenas registrados enquanto dados sobre a diversidade morfológica.

Figura 27: Gráfico de frequência de bojo.

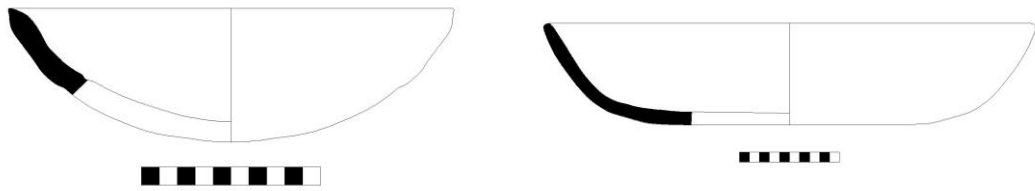


Fonte: o autor.

5.2.4 Bases

Foram identificadas duas morfologias de base, as bases planas e as arredondadas (côncavas).

Figura 28: comparativo entre vasilha com base arredondada e base plana respectivamente.



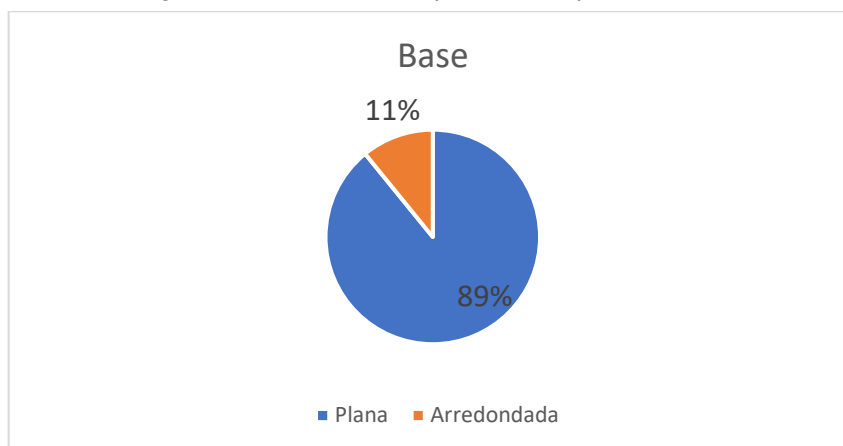
Fonte: o autor.

Figura 29: Base plana reconstituída do sítio Guaibituguçu. A tendência das fraturas indica a manufatura roletada.



Fonte: o autor.

Figura 30: Gráfico de frequência de tipos de base.



Fonte: o autor.

5.3 RECONSTITUIÇÃO DOS OBJETOS

Enquanto os fragmentos (unidades de análise) nos trazem informações sobre os elementos técnicos, os objetos nos fornecem dados morfológicos e utilitários nos dando uma relação mais complexa dos dados sendo essencial da análise a observação do comportamento entre estes universos para a caracterização do perfil cerâmico (ALVES et al, 1991). É importante ressaltar que muitos dos fragmentos não puderam ser reconstituídos, seja pelo tamanho muito pequeno ou por serem pertencentes a objetos de forma quadrada ou oval. Mesmo nesses casos, estes fragmentos entram nas unidades de análise e trazem informações sobre a diversidade morfológica dos objetos encontrados no sítio.

Para reconstituição dos objetos foi realizada a colagem dos fragmentos a partir da tentativa de encaixe e observação das unidades de análise aos quais estes pertenciam (pasta, tratamento de superfície). Em seguida foram elaborados desenhos técnicos das peças que davam subsídios suficientes para a curvatura do bojo e circunferência da boca das vasilhas. Entretanto, nem todas as formas reconstituídas podem ser consideradas como constatáveis uma vez que faltaram informações sobre a base, em alguns casos. Portanto, dentre as reconstituições há o grupo de objetos reconstituídos hipoteticamente (projetando o contorno a partir da inclinação do bojo e projetando a base a partir de referências do próprio sítio) e os reconstituídos de maneira constatável (a partir de reconstituições que incluíam base, bojo e borda).

A partir das colagens dos fragmentos e desenhos técnicos, utilizamos o software de código aberto, *Blender*, versão 2.93.6, para a elaboração de modelos 3D dos vasilhames, recuperando não só a forma, mas também aplicando textura baseada na superfície real identificada nos fragmentos numa tentativa de reproduzir os objetos ao estado em que se encontravam antes de serem descartados ou abandonados. Para a textura foi utilizado o software de código aberto *Gimp*, versão 2.10, através do qual editamos imagens de texturas disponíveis de forma gratuita através do sítio *textures.com*. Para a medida do volume e desenho técnico foi utilizado o software *AutoCAD 2021*.

Figura 31: Reconstituição de objeto cerâmico do sítio Guaibituguçu a partir da colagem de seus fragmentos.



Fonte: o autor.

5.4 ATRIBUTOS ANALISADOS

5.4.1 Pasta

La Salvia e Brochado (1989) definem pasta como “a relação entre argila e antiplástico” e a destacam como importante elemento para o “modo de produção,

utilização e acabamento superficial” de vasilhas cerâmicas. Os autores também apontam a pasta como um dos principais elementos de definição do grupo sendo importante também a observação do **antiplástico** presente, uma vez que este, responsável pela plasticidade do vasilhame, pode estar presente na argila de forma natural ou acrescentado intencionalmente (LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

Seguindo a proposta dos autores citados, foram estabelecidos inicialmente cinco classificações para a pastas quanto a relação antiplástico – argila:

- Dura: argila mínima, com quantidade exagerada de antiplástico. Por vezes são sedimentos colhidos em locais onde não há boas jazidas de argila;
- Seca: Há predominância de antiplástico com percentual de argila representativo;
- Medianamente plástica: representatividade igual de argila e antiplástico;
- Plástica: Aumenta a presença de argila e diminui a do antiplástico;
- Muito plástica: Praticamente não existe antiplástico, só argila.

Tabela 1 - Relação de proporção entre argila e antiplástico.

Pasta	Argila	Antiplástico
1.Dura	20% ou menos	75% ou mais
2.Seca	25% a 50%	50% a 75%
3. Medianamente plástica	50%	50%
4. Plástica	50% a 75%	50% a 25%
5. Muito plástica	75% ou mais	20% ou menos

Fonte: adaptado de LA SALVIA e BROCHADO, 1989.

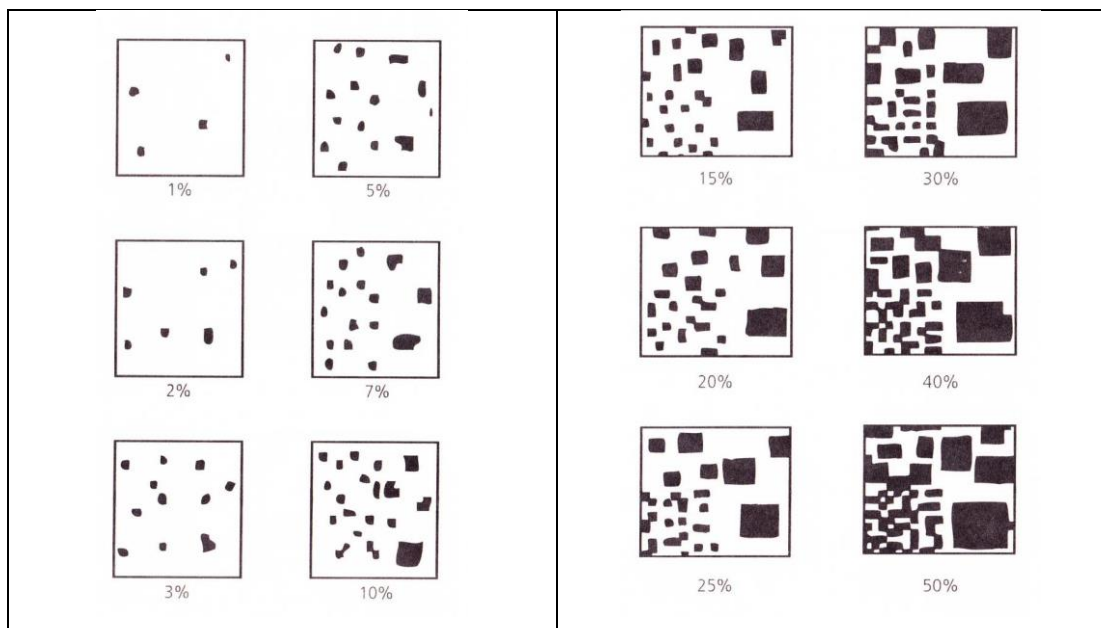
Considerando a variação sutil entre essas classificações quando aplicadas ao contexto cerâmico do sítio estudado optamos por aglutinar as categorias a fim de facilitar o agrupamento. Portanto chamamos de “**pasta seca**” as pastas com predominância de antiplástico (acima de 50%, incluindo ao que se enquadra em “seca” e “dura”), “**pasta plástica**” as que possuem equilíbrio entre argila e antiplástico ou pouca variação entre os mesmos (incluindo as “medianamente plásticas e plásticas”) e “**pasta muito plástica**” as que possuem 20% ou menos de antiplástico.

Além da frequência do antiplástico em relação a argila também foi considerado para classificação da pasta o tipo de antiplástico e a sua granulometria. Para a granulometria criamos categorias adaptando da classificação da Munsell Soil Color Chart (2009) para estruturas granulares estabelecendo assim quatro texturas baseadas nas granulometrias encontradas:

- **Textura muito fina:** quando diâmetro do antiplástico menor que 1 mm;
- **Textura fina:** quando diâmetro do antiplástico entre 1-2 mm;
- **Textura média:** quando diâmetro do antiplástico entre 2 – 5 mm;
- **Textura grossa:** quando diâmetro do antiplástico maior que 5 mm.

Para estimativa de proporção do antiplástico utilizamos o “gráfico de proporções estimadas” também presente no Munsell Soil Color Chart (2009):

Figura 32: Quadro comparativo de frequência de antiplástico.



Fonte: Adaptado de Munsell Soil Color Charts (2009)

Para além da areia de quartzo, foram identificados bolos de argila e caco triturado como antiplásticos. Associando o antiplástico, sua frequência e a textura, identificamos seis pastas no sítio Guaibituguçu definidas da seguinte forma:

- **Pasta 1:** Pasta seca com aditivos de quartzo, de textura grossa (diâmetro em média de 5mm).

Figura 33: Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 01.



Fonte: O autor (2022).

- **Pasta 2:** Pasta plástica com areia + aditivos (bolo de argila e/ou caco triturado) de textura fina com os grãos de areia variando de menos 1mm até 2mm;

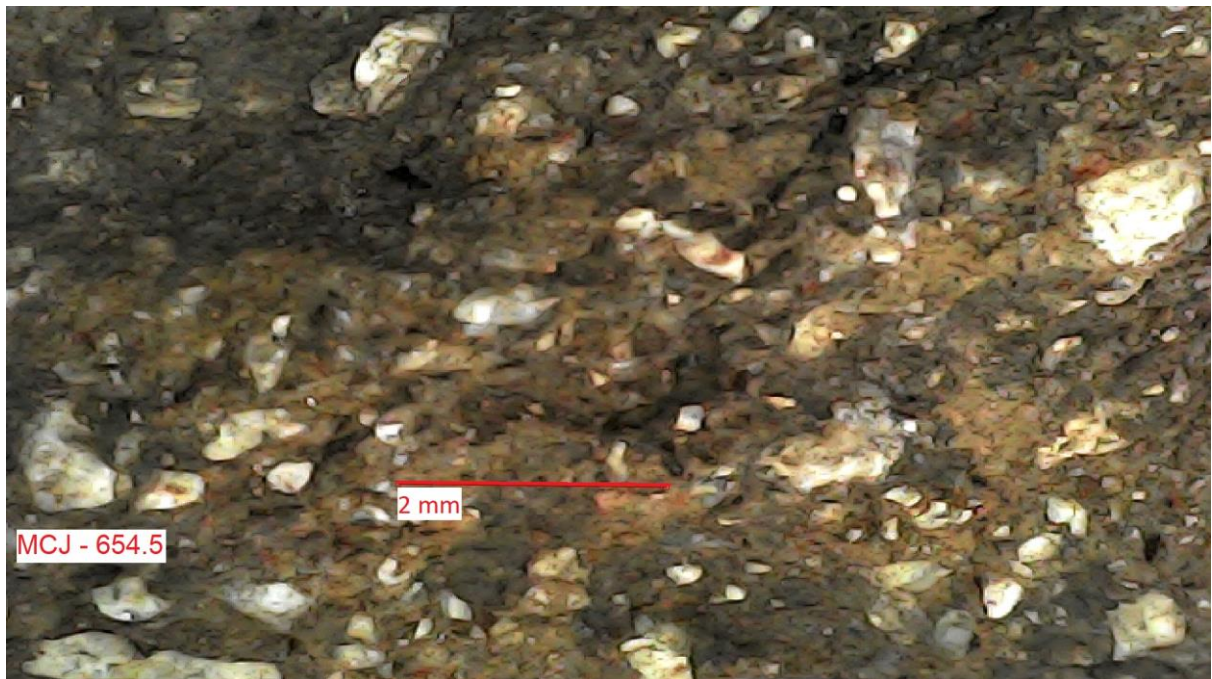
Figura 34: Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 02.



Fonte: O autor (2022).

- **Pasta 3:** Pasta plástica de textura fina com aditivo de areia predominantemente entre 1 – 2 mm de diâmetro.

Figura 35: Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 03.



Fonte: O autor (2022).

- **Pasta 4:** Pasta plástica de textura média com grãos de areia entre 2 – 5 mm.

Figura 36: Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 04.



Fonte: O autor.

- **Pasta 5:** Pasta muito plástica de textura muito fina com grãos de até 1mm;

Figura 37: Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 05.



Fonte: O autor (2022).

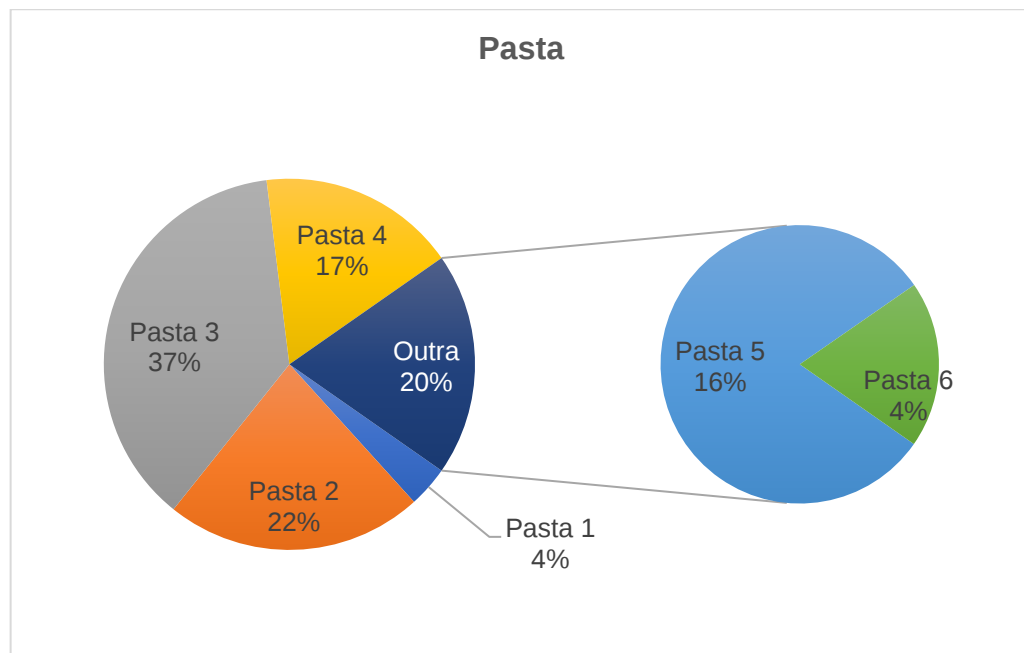
- **Pasta 6:** Ausência quase total de aditivos, menos de 5% de antiplástico. Classificada como muito plástica e de textura muito fina, porém, devido a quase inexistência de antiplástico, optamos por coloca-la enquanto um tipo próprio de pasta.

Figura 38: Imagem em microscópio digital ISM – PRO aumentada 30 vezes da pasta 06.



Fonte: O autor (2022).

Figura 39: Porcentagem do tipo de pasta nos fragmentos analisados.



Fonte: o autor.

5.4.2 Técnica de manufatura

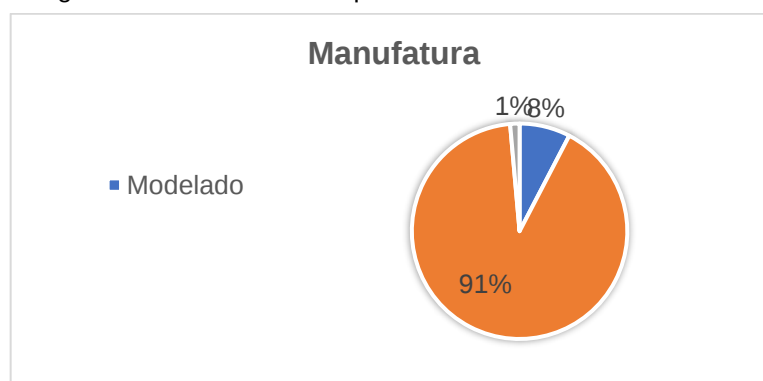
Dentre as técnicas de manufatura foram identificadas a técnica roletado ou acordelado e modelado. Ambas as técnicas são as mais comuns dentro do modo de produção ceramista de grupos associados a tradição tupiguarani (Scatamacchia, 2004).

A técnica do **roletado** consiste na preparação de roletes da pasta superpostos partindo diretamente da base ou a partir de uma base previamente modelada unidos através da pressão dos dedos sobre sua superfície (Chmyz, 1976; La Salvia, Brochado, 1989; Scatamacchia, 2004). A outra técnica identificada foi o **modelado** na qual o vasilhame é confeccionado a partir da modelagem a mão livre da pasta até atingir a forma desejada (Chmyz, 1976; La Salvia, BROCHADO, 1989; Scatamacchia, 2004).

Para identificação da manufatura roletada foi observado nas fraturas dos fragmentos o encaixe dos roletes (figura 29), a tendência da fratura e o próprio rolete em si se apresentou íntegro em alguns casos. Para identificação da técnica de modelagem observamos a variação na espessura dos vasilhames e a quebra que se apresenta mais irregular que a de um objeto roletado.

É importante ressaltar que nas panelas estudadas, em muitos casos, foram empregadas técnicas mistas de manufatura, sendo a base modelada e bojo e borda roletados, porém, como o roletado corresponde a maior parte do vasilhame, a modelagem da base foi desconsiderada quando classificamos a manufatura do objeto. Esta característica também foi identificada na cerâmica tupi do sítio Aldeia do Baião em Araripina, Pernambuco (Nascimento, 1991).

Figura 40: Gráfico com frequência da técnica de manufatura.



Fonte: o autor.

5.4.3 Tratamento de superfície

Consideramos aqui como tratamento de superfície todo o processo de acabamento das paredes das panelas, seja ela interna ou externa (La Salvia e Brochado, 1989; Chmyz, 1976). Estas ações sobre a superfície dos vasilhames por vezes têm por objetivo diminuir a espessura das paredes, retirar inclusões ou texturizar e dar uma decoração ao objeto, por exemplo, sendo segregados em dois grupos, o do tratamento voltado a manufatura e outro a um acabamento decorativo (La Salvia e Brochado, 1989; Rice, 1987).

O objeto finalizado está mentalizado pelo artesão desde o início de sua produção até a finalização por tanto todas as etapas de confecção desse objeto estão planejadas e relacionadas às etapas anteriores e posteriores sendo indissociáveis, não havendo qualquer ação realizada de maneira aleatória (La Salvia e Brochado, 1989). Vasilhas que passarão pelo acabamento de pintura, por exemplo, necessitam da superfície seca o suficiente para sua melhor adesão caso contrário o pigmento pode não ser absorvido e escorrer (Shepard, 1976). Isto requer conhecimento e planejamento, sendo necessário que o artesão saiba em qual

estágio da cadeia operatória (neste caso as etapas de secagem) é o ideal para o tratamento pretendido pensando especificamente no estágio de secagem adequada para a ação pretendida. Por esta razão é importante salientar que tratamento de superfície não é o mesmo que “acabamento de superfície” uma vez que a superfície pode ser modificada em diferentes etapas do processo de confecção dos objetos como, por exemplo, a aplicação de resinas vegetais chamada de brunido, que acontece após o processo de queima (Oliveira, 2003).

Para Guaibituguçu, não segregamos, inicialmente, o tratamento de cunho funcional do decorativo. Porém, quando identificamos que o tratamento era pintado, destrinchamos seus motivos e agrupamos segundo definições que serão abordadas mais adiante.

Foram identificados 09 tipos de tratamento sendo eles o alisado, o pouco alisado, o acanalado, o brunido, o engobado, o escovado, o pintado, o pintado associado ao escovado e, por fim, o roletado.

O **alisado** consiste no “processo de nivelção da superfície do vasilhame” (Chymz, 1976). No caso deste tratamento, a partir da observação das superfícies nos fragmentos do sítio Guaibituguçu estabelecemos uma segunda categoria que aqui chamaremos de pouco alisado.

O **pouco alisado** consiste no processo de alisamento da superfície realizado de maneira a deixar estrias, bolhas e irregularidades. Nestes fragmentos são percebidas estrias de deslocamento dos grãos de areia da pasta, depressões nas paredes da vasilha, antiplástico aparente e emergindo na superfície, entre outras características. Sua presença é notada principalmente próximo á borda.

Figura 41: Conjunto de fragmentos com superfície alisada.



Fonte: O autor.

Costa (2010) a partir da observação da variação do alisamento na cerâmica do sítio SB1 estabelece quatro graus de alisamento: *bem alisado*, *alisado*, *mal alisado* e *grosseiro*. Nosso entendimento de **pouco alisado** seria algo próximo ao que ele define como *mal alisado* e *grosseiro*, enquanto o nosso entendimento de **alisado** seria equivalente ou próximo ao que ele define como *bem alisado* e *alisado*. Como seria muito ambíguo para nosso contexto estabelecer tal especificação, optamos por segregar este tratamento em apenas estes dois níveis.

Figura 42: Fragmento MCJ – 944.2 com o tratamento pouco alisado.



Fonte: o autor.

Figura 43: Fragmento MCJ– 644.3 com tratamento pouco alisado.



Fonte: o autor.

O **acanalado** consiste em marcas de dedos deixadas na superfície da vasilha, geralmente na base, percebidas a partir de canaletas (Chymz, 1976).

Figura 44: Fragmento com superfície acanalada.



Fonte: Lucio Oliveira (2022).

O acabamento **roletado** é um tipo de decoração na qual os roletes são preservados na superfície do objeto ficando aparentes sem serem alisados ou pressionados (CHYMZ, 1976).

O tratamento **engobado**, é a aplicação de uma camada de argila líquida, podendo ter corante ou não, sobre a superfície da vasilha antes de sua queima, sendo mais espessa que o banho (CHYMZ, 1976; SCATAMACCHIA, 2004).

Figura 45: Fragmentos com acabamento roletado.



Fonte: O autor.

Figura 46: Fragmento com tratamento engobado na superfície interna.



Fonte: o autor.

O **brunido** caracteriza-se enquanto um procedimento com muitas etapas que acontecem parte antes e parte depois da queima.

As peças são polidas na dureza osso, no período de secagem, e, em seguida, após a queima são impregnadas de certos tipos de vegetais e diretamente aquecidas em banhos de fumaça para atingirem a cor negra.” (Miller,1978; Willy, 1987 apud Oliveira, 2003, p.91).

Figura 47: Fragmento cerâmico com superfície brunida.



Fonte: Lucio Oliveira (2022).

O acabamento **escovado** (figuras 46 e 47) consiste em passar um instrumento de múltiplas pontas na superfície do vasilhame quando o mesmo ainda encontra-se úmido, o que resulta em sulcos paralelos (Chymz,1976).

O tratamento **pintado** (figura 48 e 49) é considerado um tratamento decorativo que pode ocorrer tanto antes como posteriormente a etapa de queima dos vasilhames, utilizando-se de pigmentos minerais ou vegetais que alteram a coloração da superfície do pote, podendo ser realizada através do banho⁵, engobo (já mencionado) e desenho de motivos decorativos sobre engobo ou diretamente na superfície do objeto.

⁵ “Ação de mergulhar a peça cerâmica em uma solução aquosa com pigmento corante que cobre total ou parcialmente a peça.” (Scatamacchia, 2004, p.301).

Figura 48: Fragmento de bojo com escovação.



Fonte: o autor.

Figura 49: Pintado associado ao escovado.



Fonte: o autor.

Figura 50: Fragmento LSI – 144.2 em monocromia vermelha (banho).



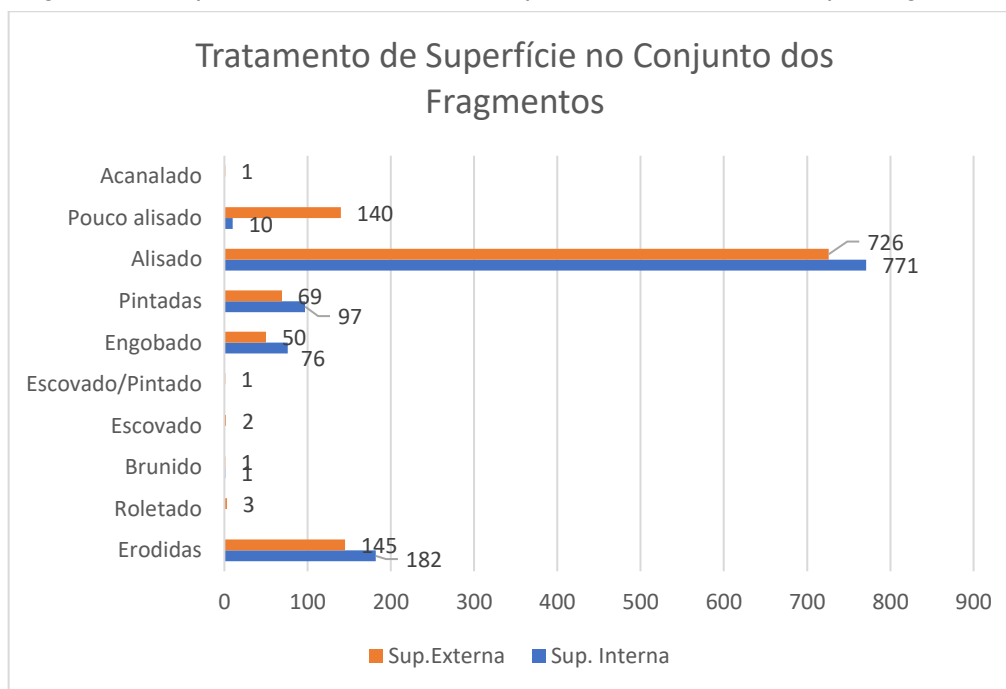
Fonte: o autor.

Figura 51: Fragmento MCJ – 1144.1 com pintura em policromia vermelha sobre fundo branco.



Fonte: o autor.

Figura 52: Frequência de tratamento de superfície externa e interna por fragmentos.



Fonte: o autor.

5.4.4 Decoração

Chymz (1976) ressalta que a decoração da cerâmica tupiguarani é, principalmente, caracterizada pela policromia (associação de mais de uma cor) “vermelha e/ou preto sobre engobo branco e/ou vermelho” (Chymz, 1976, p.146). Tal variação de cor foi observada em Guaibituguçu com variações de tons vermelhos não sendo observado o engobo vermelho, apenas o branco e a cobertura monocromática vermelha aplicada através de banho.

A pintura nos fragmentos e objetos foram enquadradas em duas classificações: a monocromática e a policromática. Na monocromática observamos a aplicação de banho vermelho sobre a superfície dos fragmentos enquanto que na policromia identificamos padrões decorativos que foram classificados segundo Scatamacchia (2004). As peças monocromáticas, nas quais foi percebido o banho vermelho, totalizaram 13 fragmentos com a decoração na superfície interna e 5 com sua presença na face externa.

Quanto a policromia, poucos foram os fragmentos com motivos decorativos identificáveis devido ao estado de desgaste das peças. No total, 51 fragmentos com motivos decorativos na superfície interna e 39 da superfície externa puderam ser classificados.

Estes motivos decorativos foram agrupados em três grandes grupos, que por sua vez tem subcategorias mais específicas definindo os motivos. Scatamacchia (2004) define 23 subcategorias inseridas nestes grupos. Destas identificamos 11 sendo 4 adaptações nossas para melhor representarmos os elementos relacionados.

Tabela 2: Lista de motivos decorativos identificados no sítio Guaibituguçu.

Composição de linhas retas
Associação de Linhas Horizontais
Associação de Linhas Verticais
Associação de Linhas Oblíquas
Associação de Linhas Horizontais e Verticais
Associação de Linhas Verticais e Oblíquas
Associação de Linhas Horizontais e Oblíquas
Associação de Linhas Horizontais e Pontos
Associação de Linhas Horizontais, Verticais e Pontos
Associação de Linhas Horizontais, Oblíquas e Pontos
Composição de Linhas Curvas
Associação de Linhas Curvas
Composição de Linhas Retas e Curvas
Associação de Semi elipses, Linhas Horizontais e Pontos

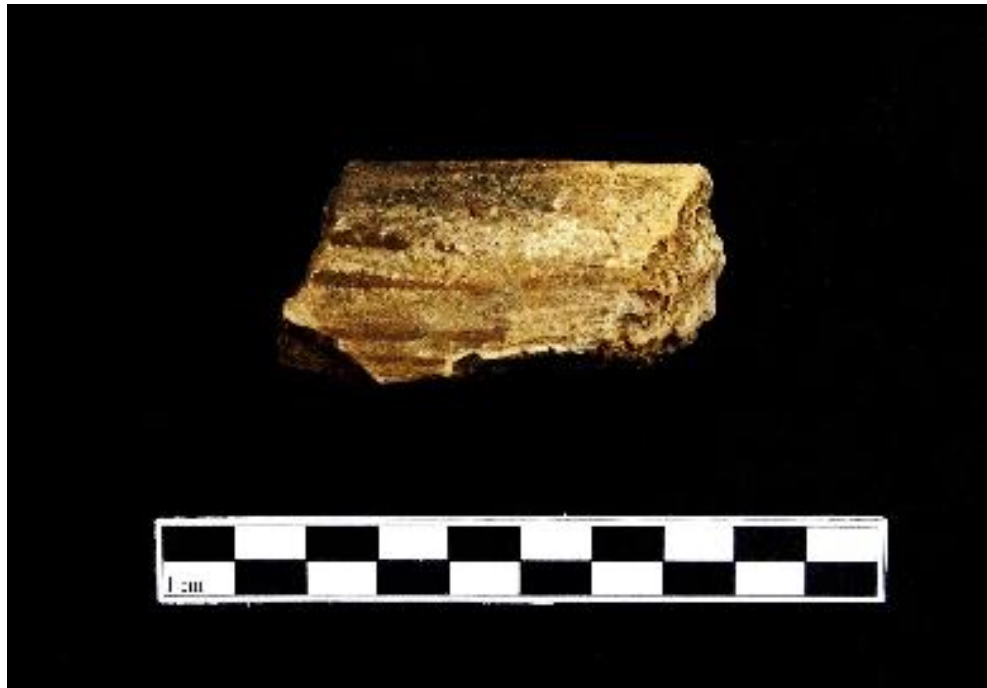
Fonte: Adaptado de Scatamacchia (2004).

Figura 53: Fragmento com pintura policrômica com motivo de associação de linhas oblíquas. Modificada digitalmente para destacar a cor vermelha da pintura.



Fonte: o autor.

Figura 54: Fragmento com associação de linhas horizontais.



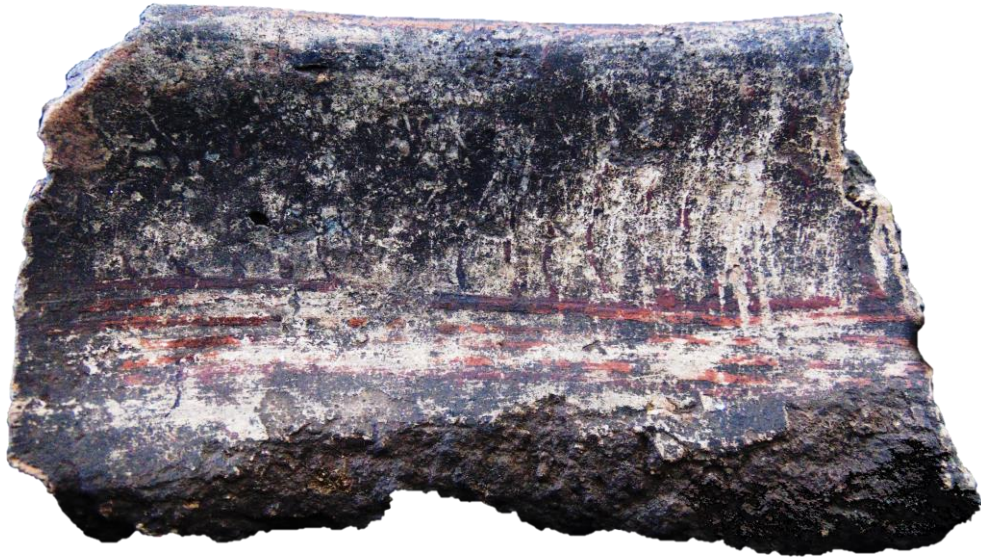
Fonte: o autor.

Figura 55: Conjunto de fragmentos de vasilhame com decoração policrômica com motivos decorativos de **associação de linhas horizontais, oblíquas e pontos**.



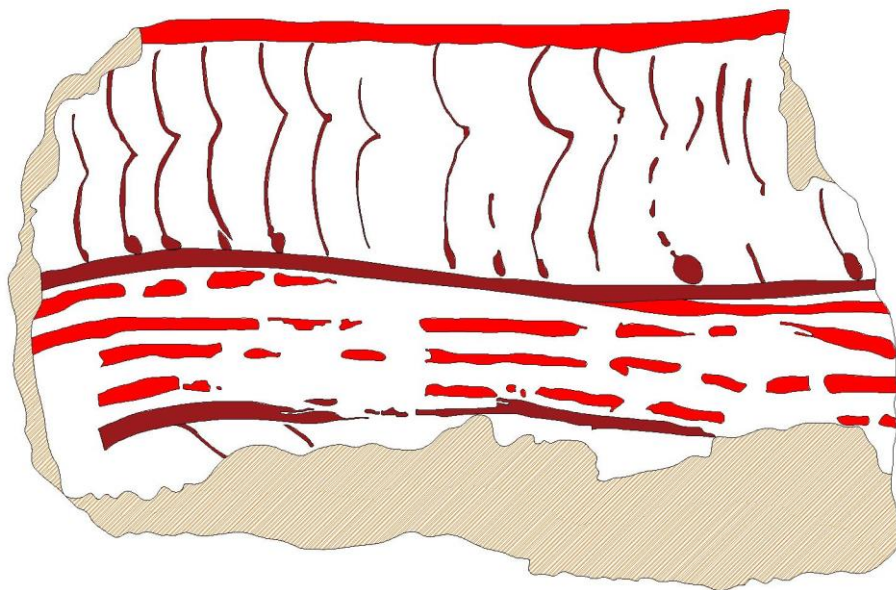
Fonte: o autor.

Figura 56: Fragmento MCJ-849.1 com motivo decorativo de **associação de semi elipses, linhas horizontais e pontos.**



Fonte: o autor.

Figura 57: Desenho do Fragmento MCJ-849.1 com motivo decorativo de associação de semi elipses, linhas horizontais e pontos



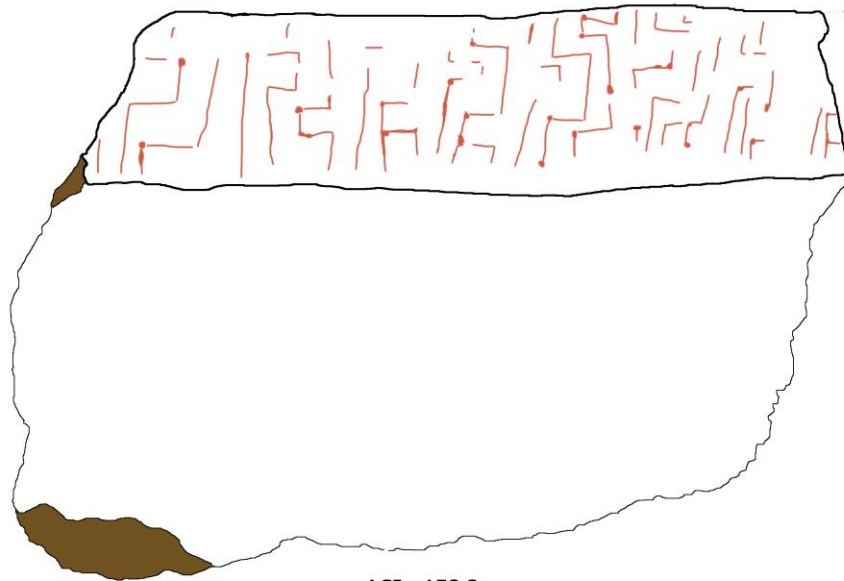
Fonte: o autor.

Figura 58: Fragmento LSI – 158.1 com motivo decorativo de **associação de linhas horizontais, verticais e pontos**. Ao lado, detalhe de seu padrão decorativo.



Fonte: o autor.

Figura 59: Desenho do fragmento LSI – 158.1 com motivo decorativo de associação de linhas horizontais, verticais e pontos.



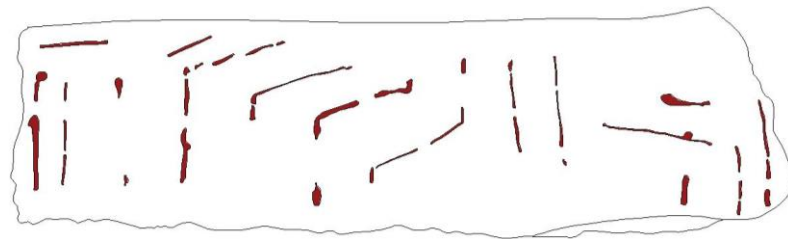
Fonte: o autor.

Figura 60: Peça LSI – 163.3 com motivo decorativo de **associação de linhas verticais e oblíquas**.



Fonte: o autor.

Figura 61: Desenho da peça LSI – 163.3 com motivo decorativo de associação de linhas verticais e oblíquas



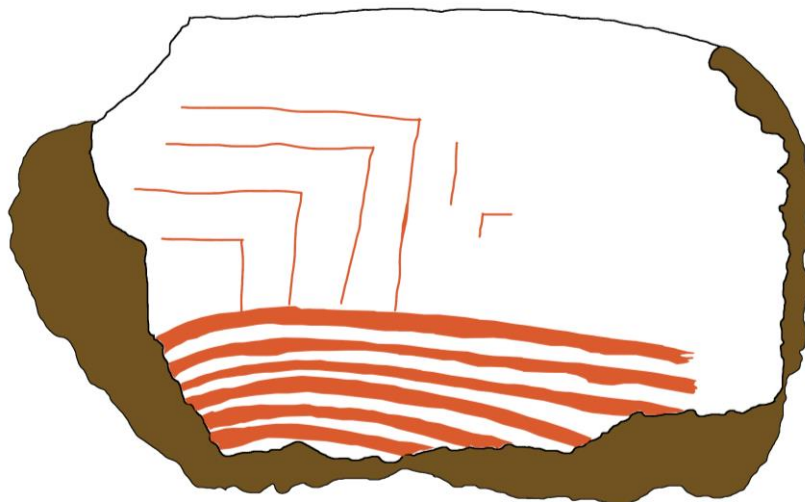
Fonte: o autor.

Figura 62: Fragmento com motivo de **associação de linhas horizontais e verticais**.



Fonte: o autor.

Figura 63: Desenho de fragmento com motivo de associação de linhas horizontais e verticais



MCJ - 878.1

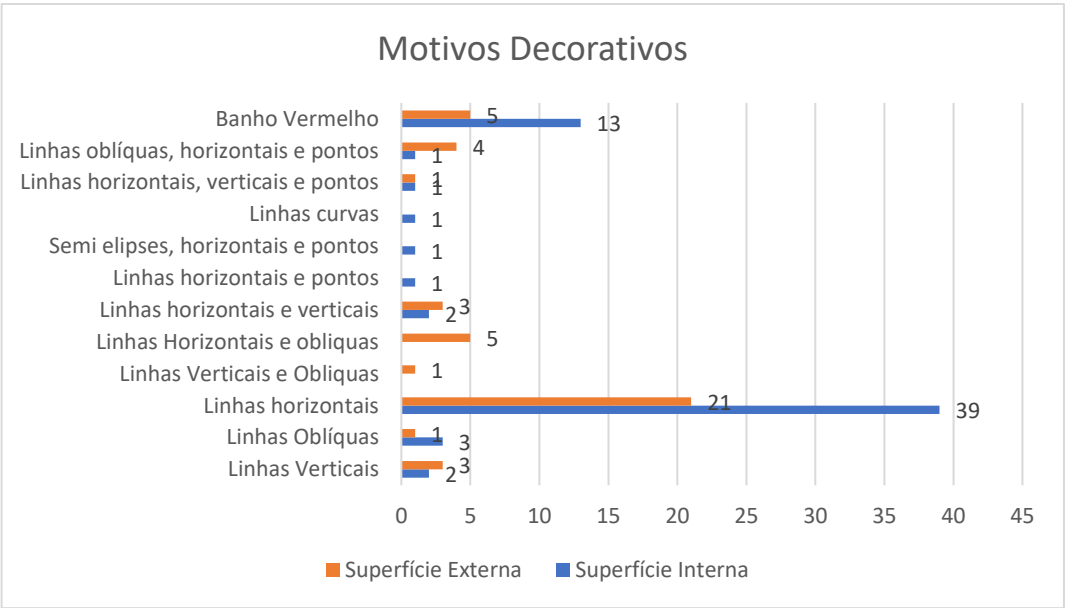
Fonte: o autor.

Figura 64: Fragmento MCJ - 1339.1 com **Associação de linhas horizontais e verticais.**



Fonte: o autor.

Figura 65: Gráfico com frequência dos motivos decorativos identificados.



Fonte: o autor.

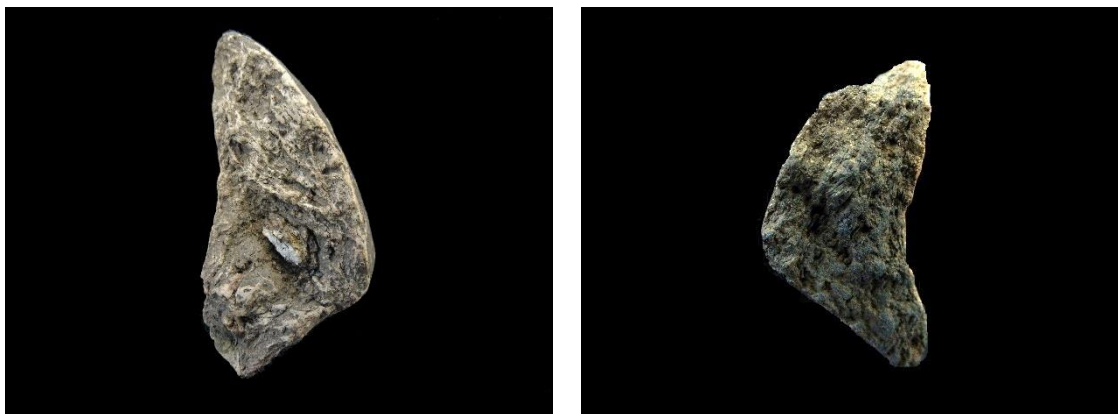
5.4.5 Queima

A identificação do processo de queima se dá a partir da observação da coloração do núcleo do fragmento. Oliveira (2003) classifica a queima completa quando, através do corte transversal do fragmento, observamos uma cor uniforme em seu núcleo, na superfície interna e externa. A queima incompleta apresenta variação de tons no núcleo e nas superfícies interna e externa. A autora expõe a

difficuldade em se considerar apenas o aspecto visual para identificação do processo de queima uma vez que essas características não são suficientemente seguras e conferem um alto grau de ambiguidade para a análise. Uma série de variáveis interferem nesse procedimento como a atmosfera de queima, o tempo empregado, o combustível, a quantidade de matéria orgânica presente na argila, sendo necessário uma análise físico-química para um melhor controle destas variáveis (Oliveira, 2003).

Tal ambiguidade foi identificada durante nossa análise através de um fragmento cerâmico que contem de um lado de sua fratura características de uma queima completa e, do outro, características de queima incompleta. Portanto não estaremos considerando a queima como classificatória para o conjunto de fragmento nem o de objetos.

Figura 66: Marcas de queima completa e incompleta no fragmento MCJ – 878.1.

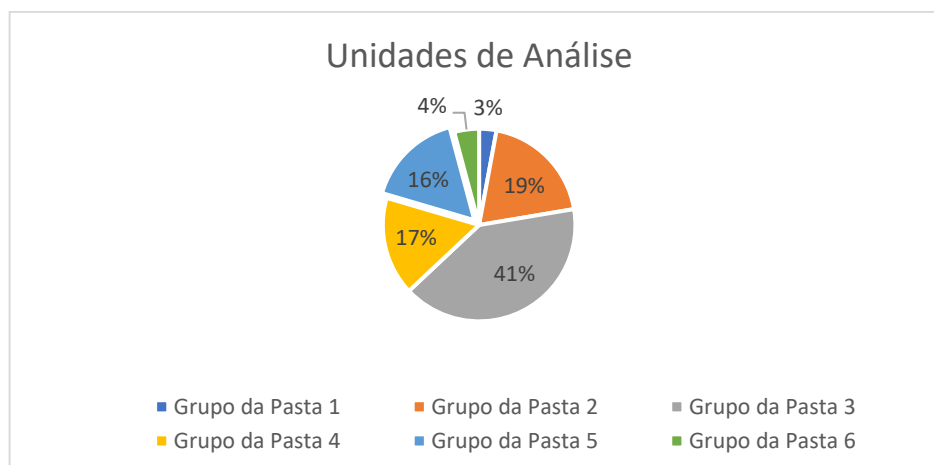


Fonte: o autor.

5.4.6 Unidades de Análise

Dentre os 1142 fragmentos analisados, apenas 793 puderam ser classificados para as unidades de análise uma vez que os demais fragmentos possuíam alguma das superfícies erodidas. A partir da construção das unidades de análise, encontramos 58 combinações que refletem caminhos e preferências escolhidos pelos artesãos relacionando pasta, tratamento de superfície externo e tratamento de superfície interno. Iniciando este agrupamento a partir da pasta obtivemos seis grupos, organizados de acordo com cada pasta. Essa organização possibilitou a observação de preferências tomadas pelos ceramistas do sítio Guaibituguçu.

Figura 67: Frequência de fragmentos agrupados segundo as unidades de análise.



Fonte: o autor.

A partir do gráfico acima é perceptível a preferência de utilização da do grupo da pasta 3 para confecção das vasilhas em detrimento das demais. Segue a preferência pela pasta 2 que contem bolo e caco e, em seguida, pelo grupo da pasta 4 que contém areia de textura média com grãos entre 2 – 5 mm.

Tabela 3: Unidades de Análise do grupo da pasta 1 e da pasta 6

Grupo de Pasta 1			
Unidade	TSI	TSE	Quantidade
1	Alisado	Alisado	12
2	Alisado	Pouco alisado	5
3	Alisado	Brunido	1
4	Alisado	Pintado	2
5	Pouco alisado.	Pintado	1
6	Pintada	Pintado	1
7	Pintada	Pouco alisado	1

Grupo de Pasta 6			
Unidade	TSI	TSE	Quantidade
53	Alisado	Alisado	24
54	Alisado	Pouco alisado	4
55	Alisado	Engobado	1
56	Pouco alisado	Pouco alisado	1
57	Pintado	Alisado	1
58	Pintado	Pintada	2

Os grupos de pastas 1 e 6 são as que apresentam menor representatividades nos fragmentos e menor variedade quanto aos tratamentos de superfície aplicados sobre as vasilhas. Estes correspondem, respectivamente, a pasta seca com areia grossa e a pasta muito plástica com aditivo praticamente

ausente, ressaltando a preferência por pastas plásticas pelos ceramistas do Guaibituguçu.

O grupo de pasta 2 conteve 11 unidades e a preferência foi pelo alisamento em ambas as superfícies seguido pelo pouco alisado na superfície exterior e alisamento na superfície interior.

Tabela 4: Unidades de análise do Grupo de Pasta 2

Grupo de Pasta 2			
Unidade	TSI	TSE	Quantidade
8	Alisado	Alisado	90
9	Alisado	Pouco ali.	20
10	Alisado	Pintado	5
11	Pouco Ali.	Pouco Ali.	3
12	Engobado	Alisado	4
13	Engobado	Engobado	4
14	Engobado	Pintado	3
15	Pintado	Alisado	13
16	Pintado	Pouco ali.	5
17	Pintado	Engobado	4
18	Pintado	Pintado	3

O grupo de pasta 3 foi a de maior representatividade nos fragmentos e a de maior versatilidade nos tratamentos de superfície contando com 14 unidades. Apresenta, igualmente às anteriores, predominâncias das combinações de alisamento em ambas as superfícies e, em seguida, alisamento interno e pouco alisado na face externa.

Tabela 5: Unidades de Análise do grupo de pasta 3

Grupo de Pasta 3			
Unidade	TSI	TSE	Quantidade
19	Alisado	Alisado	218
20	Alisado	Pouco ali.	31
21	Alisado	Acanalado	1
22	Alisado	Engobado	8
23	Alisado	Pintado	7
24	Alisado	Roletado	1
25	Pouco ali.	Pouco ali.	1
26	Brunido	Engobado	1
27	Engobado	Alisado	14
28	Engobado	Engobado	9
29	Engobado	Pintado	3

30	Pintado	Alisado	15
31	Pintado	Pintado	12
32	Alisado	Escovado	1

O grupo de pasta 4, juntamente com o grupo de pasta 3, contemplam todos os tratamentos de superfície identificados e apresenta o mesmo padrão de preferência das unidades, sendo a mais frequente o alisamento em ambas as superfícies seguido pelo alisamento interno e o pouco alisado externamente. O único fragmento com pintura associada ao escovado está presente neste grupo.

Tabela 6: Unidades de Análise do grupo da pasta 4.

Grupo de Pasta 4			
Unidade	TSI	TSE	Quantidade
33	Alisado	Alisado	84
34	Alisado	Pouco alisado	20
35	Alisado	Engobado	1
36	Alisado	Pintado	7
37	Alisado	Roletado	2
38	Engobado	Alisado	6
39	Engobado	Escovado	1
40	Engobado	Engobado	3
41	Engobado	Pint + Escovad	1
42	Pintado	Alisado	6

O grupo da pasta 5 possui a textura mais fina dentre as pastas predominantes. Também apresenta maior frequência de fragmentos com alisamento em ambas as superfícies seguido pelos fragmentos com pintura e alisamento na mesma proporção que a unidade com alisamento interno e pouco alisado externo.

Tabela 7: Unidades de análise do grupo da pasta 05.

Grupo da Pasta 5			
Unidade	TSI	TSE	Quantidade
43	Alisado	Alisado	79
44	Alisado	Pouco ali.	12
45	Alisado	Engobado	2
46	Alisado	Pintado	2
47	Pouco ali.	Pouco ali.	2
48	Engobado	Alisado	4
49	Engobado	Engobado	9
50	Pintado	Alisado	12
51	Pintado	Engobado	3

52	Pintado	Pintado	4
----	---------	---------	---

5.4.7 Forma

A partir desse ponto entramos no universo dos objetos. No total foram reconstituídas 42 vasilhas que compõe o **conjunto de objetos** distribuídos em onze formas percorridas mais adiante no texto a partir dos agrupamentos realizados através das Unidades de Análise. Para estabelecimento das formas dos objetos inicialmente segregamos os objetos entre formas abertas e fechadas baseados na **estrutura geral** estabelecida por Scatamacchia (2004) sendo formas abertas as vasilhas que possuem diâmetro da boca maior ou igual ao diâmetro máximo do corpo da vasilha e formas fechadas as que possuem o diâmetro da boca menor que o diâmetro máximo. Em seguida segregamos pela **forma geométrica** do contorno do corpo baseados em Shepard (1976) e Rice (1987) sendo classificadas entre as formas oval, elíptica horizontal, elíptica vertical e esférica.

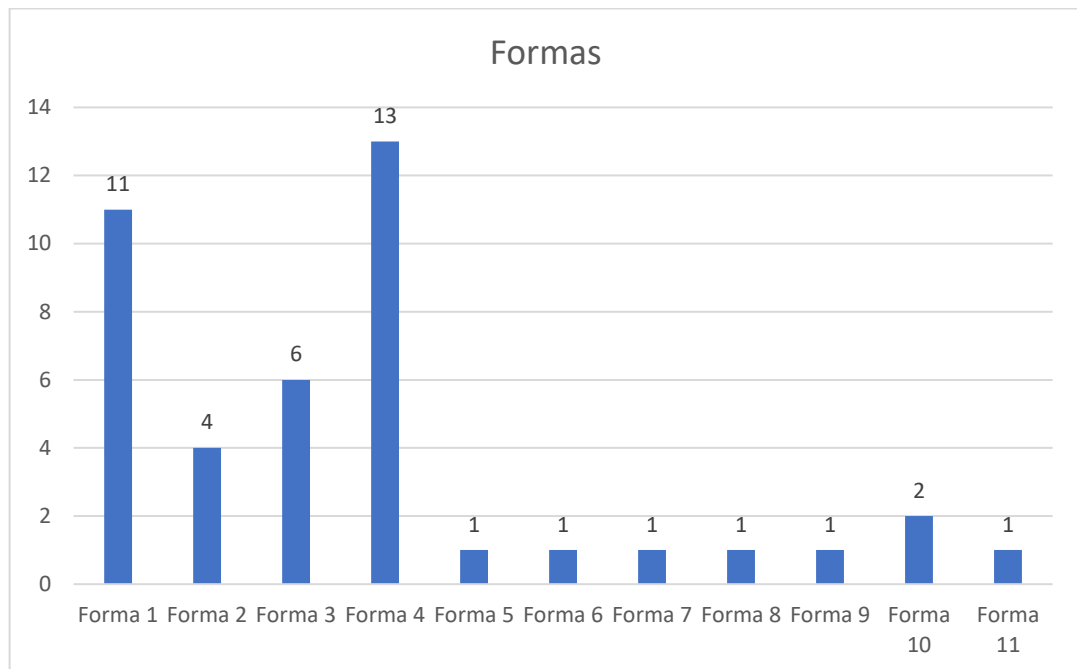
Optamos em seguida por segregar os objetos reconstituídos pelo tipo de **borda** sendo elas a *reforçada*, *direta*, *extrovertida*, *contraída* e *dobrada*. Um objeto com a borda reforçada externa e internamente foi agrupado as demais formas de borda reforçada por ser uma morfologia aproximada.

Quanto ao **tamanho** (volume), utilizamos dos valores estabelecidos por Oliveira (2003) e Castro (1999) sendo para o *tamanho pequeno* vasilhas com volume entre 0,150l a 1l; *tamanho médio* as com volume entre 1 e 4l; *Tamanho grande* entre 4l e 16l; e, por fim, as vasilhas de *tamanho extra grande* acima de 16l.

Também foi considerada a **proporção**, que se trata da relação entre diâmetro e profundidade do vasilhame na qual as vasilhas são classificadas a partir de índices, sendo uma vasilha *rasa* quando a profundidade (ou altura) é menor que 1/3 do diâmetro máximo ($\text{diâmetro/altura} \Rightarrow 3$); média quando possui profundidade entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo ($\text{diâmetro/altura} = 2,1 \text{ a } 3$); funda quando a altura for maior ou igual metade do diâmetro máximo ($\text{diâmetro/altura} \leq 2$) (Scatamacchia, 2004). Nesta pesquisa chamaremos simplesmente de **profundidade**.

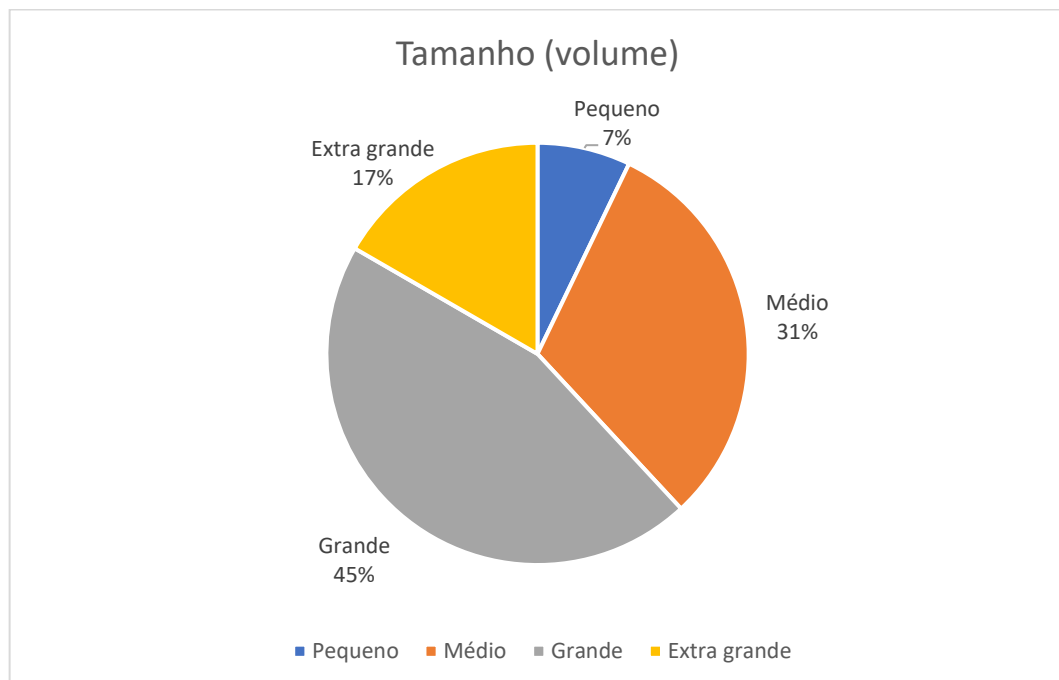
Seguindo esta sequência classificatória foram estabelecidas onze formas de vasilhames cerâmicos. Seis dessas formas contém apenas um vasilhame cada que, por alguma das características citadas, não pode ser agrupada às demais formas.

Figura 68: Gráfico de frequência de objetos por forma.



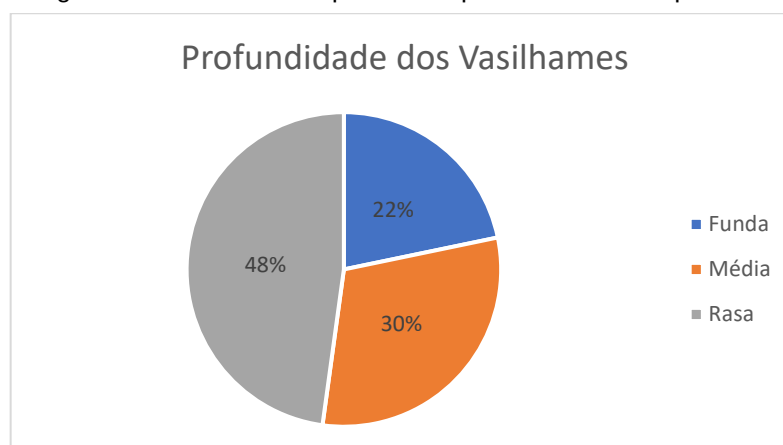
Fonte: o autor.

Figura 69: Gráfico de frequência do tamanho das vasilhas.



Fonte: o autor

Figura 70: Gráfico de frequência da profundidade das panelas.

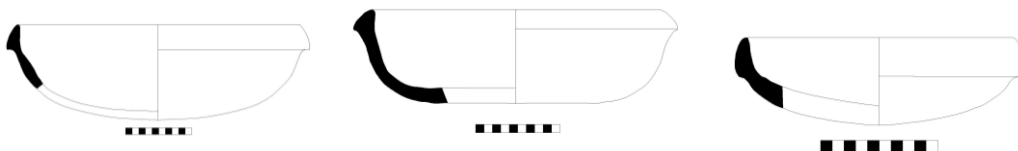
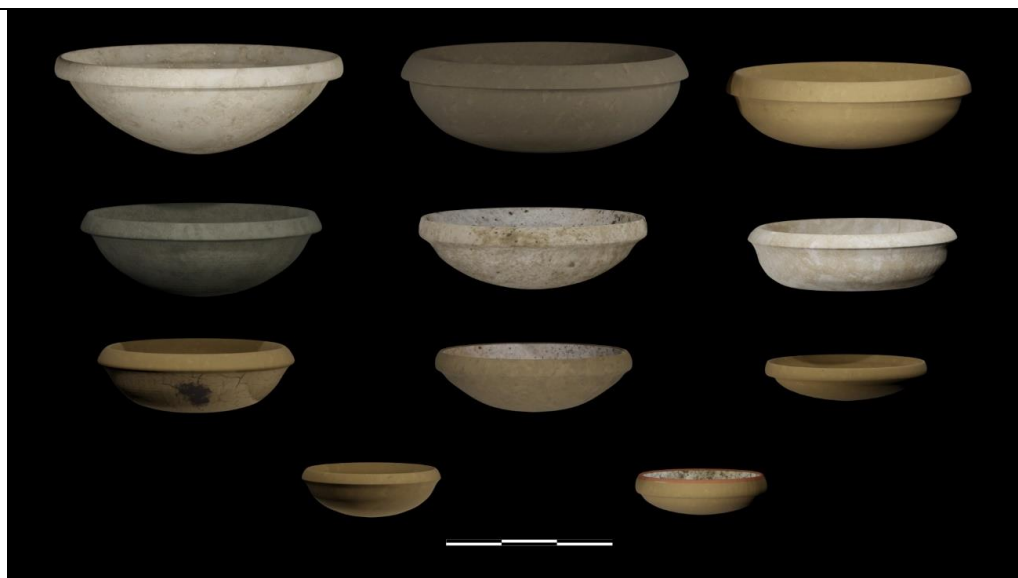


Fonte: o autor.

Foram reconstituídas apenas as formas que contavam com bocas circulares, porém durante a análise foram identificados bordas e bojos pertencentes a panelas quadrangulares e ovaladas que não puderam ser reconstituídas uma vez que não dispusemos de elementos suficientes para recuperarmos o mínimo de informação sobre o diâmetro que, no caso de panelas de boca oval, se obtém a partir de dois eixos da curvatura (Nascimento, 1991). Abaixo seguem os quadros com os agrupamentos das formas exibindo alguns exemplos dos desenhos técnicos. Os demais se encontram nos anexos.

Figura 71: Quadro do conjunto da forma 1.

Forma 1 - Vasilhames de contorno simples, elipsoide horizontal ou oval, borda reforçada externamente e apenas uma vasilha com borda reforçada interna e externamente, boca aberta. Duas peças com fuligem na superfície externa. Total de **11 vasilhas**.



Pastas: 2 (27,3%), 3 (36,4%), 4 (9,1%), 5 (18,2%) e 6 (9,1%);

Lábios: Arredondado (90,9%), Apontado (9,1%);

Bases: Arredondada (81,8%) e Plana (18,2%);

Profundidade: Média (36,4%) e Rasa (63,6%);

Diâmetros da boca: de 23,2 cm à 51 cm;

Tamanhos: M (36,4%), G (54,5%) e XG (9,1%);

Espessuras do bojo: de 07mm a 25 mm;

Tratamento de superfície externo: Alisado (72,7%), pouco alisado (9,1%), engobado (9,1%) e pintado (9,1%).

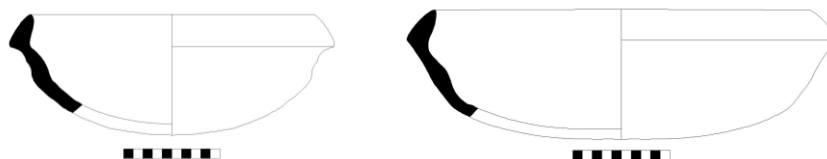
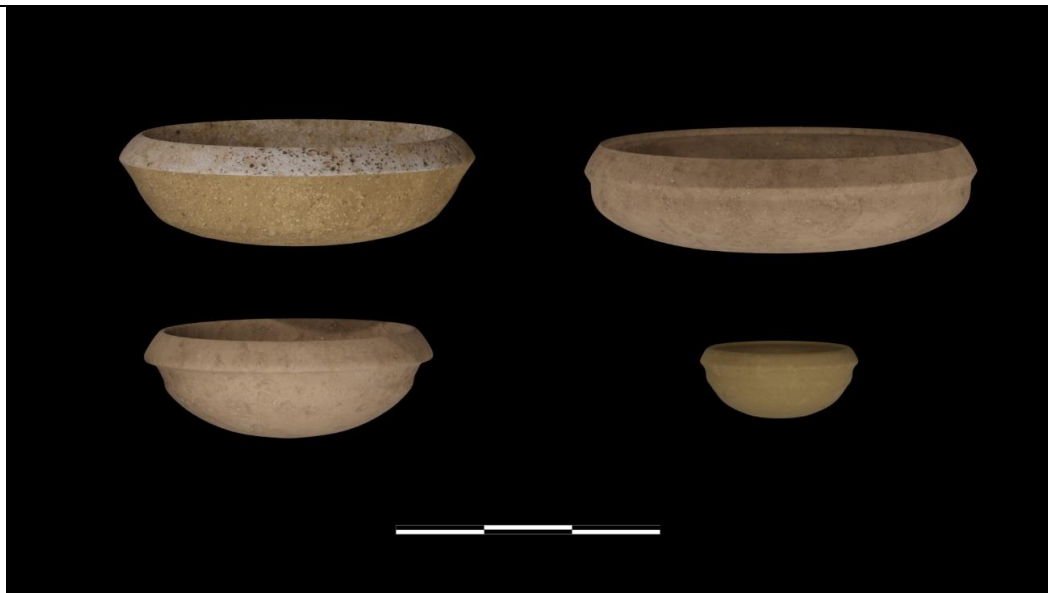
Tratamento de superfície Interno: Alisado (54,5%), engobado (36,4%) e pintado (9,1%).

Unidades: 8 (2 objetos), 9,19,26,27,28, 37,42,49,52.

Fonte: o autor.

Figura 72:Quadro do conjunto de vasilhas da forma 2.

Forma 2 – Vasilhames de contorno simples em elipse horizontal, forma fechada, de borda reforçada ou contraída. Total de **4 vasilhas**.



Pastas: 3 e 4;

Bordas: Reforçada e contraída;

Lábios: Arredondado (03 vasilhas) e Plano (01 vasilha);

Bases: Plana e arredondada;

Profundidade: Rasa e média;

Diâmetros: 16 cm, 30 cm, 38cm, 41 cm;

Tamanhos: Grande (3 vasilhas) e média 1 vasilha;

Espessuras do bojo: 7mm,11mm,16mm e 18 mm;

Tratamento de superfície externo: Alisado (3 vasilhas) e Engobado (1 vasilha);

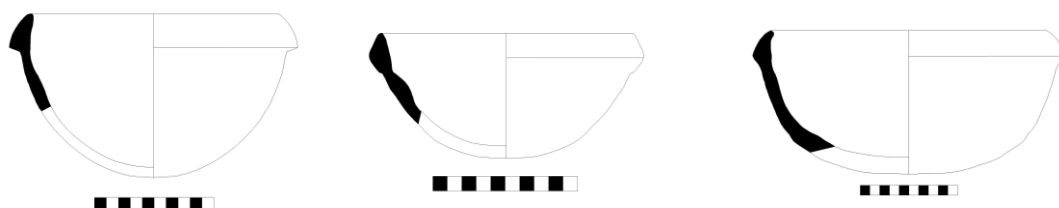
Tratamento de superfície Interno: Alisado (2 vasilhas), Engobado (1 vasilha) e erodido (1 vasilha);

Unidade: 27, 32 (2 objetos);

Fonte: o autor.

Figura 73: Quadro do conjunto de vasilhas da Forma 3

Forma 3 – Vasilhames de contorno simples oval ou elíptico vertical, de forma aberta, de borda reforçada. Total de **6 vasilhas**.



Pastas: 2 (03 vasilhas), 3 (01 vasilha), 4 (01 vasilha) e 5 (01 vasilha);

Bordas: Contraída (03 vasilhas) e Reforçada Externamente (03 vasilhas);

Lábios: Apontado (01 vasilha) e arredondado (05 vasilhas).

Bases: Arredondada;

Profundidade: funda (04 vasilhas) e média (02 vasilhas)

Diâmetros: 18 cm a 29 cm

Tamanhos: Média (03 vasilhas) e Grande (03 vasilhas)

Espessuras do bojo: 7 mm a 14 mm.

Tratamento de superfície externo: Alisado (05 vasilhas) e engobado (01 vasilha)

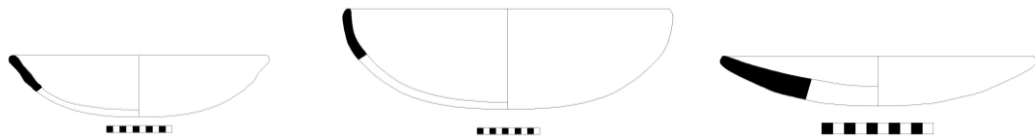
Tratamento de superfície Interno: Alisado (03 vasilhas), pintado (02 vasilhas) e erodido (01 vasilha).

Unidade: 8, 17, 19, 32, 49

Fonte: o autor.

Figura 74: Quadro do conjunto de vasilhames da forma 4.

Forma 4 – Vasilhames de contorno simples, elipsoide horizontal, de forma aberta e borda direta. Três vasilhas com fuligem. Total de **13 vasilhames**.



Pastas: 1 (7,7%), 2 (23,1%), 3 (46,2%), 4 (15,4%), 6 (7,7%);

Bordas: Direta (100%);

Lábios: Apontado (23,1%), arredondado (69,2%) e plano (7,7%);

Bases: Arredondada (69,2%) e plana (30,8%);

Profundidade: Rasa (92,3%) e média (7,7%);

Diâmetros: 18 cm a 70 cm. Há predominância entre 18 e 49 cm.

Tamanhos: grande (38,5%), médio (15,4%), pequeno (15,4%) e extra grande (30,8%);

Espessuras do bojo: 12 mm a 20 mm. Predominância entre 12 e 14 mm.

Tratamento de superfície externo: Alisado (30,8%), pouco alisado (53,8%), erodido (15,4%)

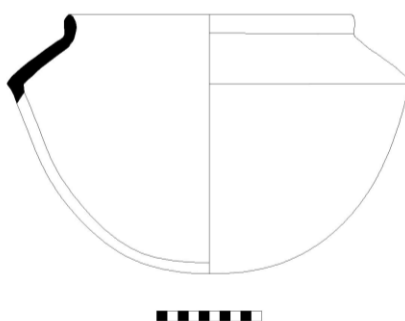
Tratamento de superfície Interno: Alisado (76,9%), pouco alisado (7,7%), pintado (7,7%), erodido (7,7%).

Unidade: 2, 8, 16, 19 (2 objetos), 20 (3 objetos), 24, 33, 52

Fonte: o autor.

Figura 75: Quadro da forma 5.

Forma 5 – Vasilhame oval de contorno complexo com ponto angular, bojo carenado, forma fechada e borda direta. Total de **01 vasilhame**.



Pastas: 1

Bordas: Direta

Lábios: Arredondado

Base: Arredondada

Profundidade: Funda

Diâmetro de boca: 28,8 cm

Tamanhos: Grande

Espessura do bojo: 14 mm

Tratamento de superfície externo: Pintado

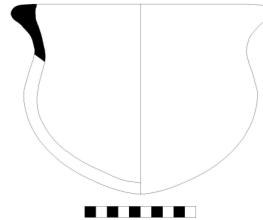
Tratamento de superfície Interno: Alisado/Erodido

Unidade: 4

Fonte: o autor.

Figura 76: Quadro do vasilhame da forma 06.

Forma 6 – Vasilhame de forma elíptica vertical com pescoço e borda dobrada. Boca fechada. **01 vasilhame.**



Pasta: 4

Borda: Dobrada

Lábio: Arredondado

Base: Arredondada

Proporção: Funda

Diâmetro: 19 cm

Tamanho: Médio

Espessura do bojo: 8mm

Tratamento de superfície externo: Alisado

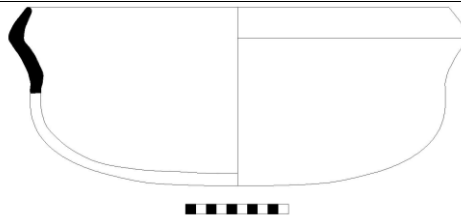
Tratamento de superfície Interno: Alisado

Unidade: 32

Fonte: o autor.

Figura 77: Quadro do vasilhame da forma 7.

Forma 7 – Vasilhame de contorno elíptico horizontal com inflexão no bojo e borda contraída. Boca aberta. **01 vasilhame.**



Pasta: 2

Borda: Contraída

Lábio: Arredondado

Base: Plana

Profundidade: média

Diâmetro: 40,6 cm

Tamanho: Extra grande

Espessura do bojo: 14mm

Tratamento de superfície externo: Pintado

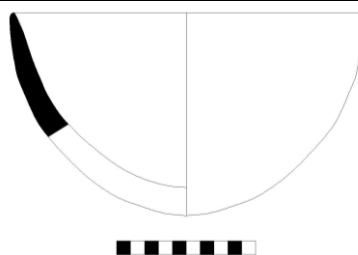
Tratamento de superfície Interno: Engobado

Unidade: 14

Fonte: o autor.

Figura 78: Quadro do vasilhame da forma 8.

Forma 8 – Vasilhame de contorno simples em elipse vertical ou oval, com borda direta, boca aberta.



Pasta: 3

Borda: Direta

Lábio: Arredondado

Base: Arredondada

Profundidade: Funda

Diâmetro: 24,6 cm

Tamanho: Médio

Espessura do bojo: 16 mm

Tratamento de superfície externo: Alisado

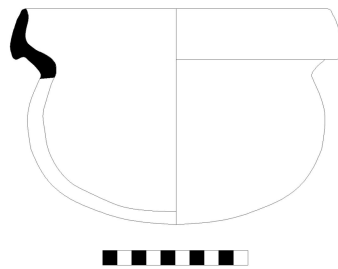
Tratamento de superfície Interno: Alisado

Unidade: 19

Fonte: o autor.

Figura 79: Quadro do vasilhame da forma 9.

Forma 9 – Vasilhame de contorno esférico com pescoço, com borda cambada e forma aberta. **01 vasilhames.**



Pasta: 2

Borda: Cambada

Lábio: Arredondado

Base: Arredondada

Profundidade: Funda

Diâmetro de boca: 21 cm

Tamanho: Médio

Espessura do bojo: 11mm

Tratamento de superfície externo: alisado

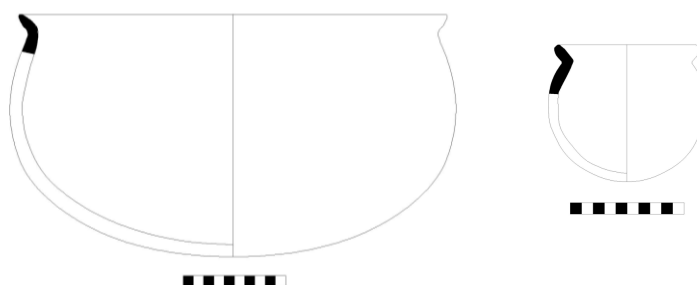
Tratamento de superfície Interno: alisado

Unidade: 8

Fonte: o autor.

Figura 80: Quadro do conjunto da forma 10.

Forma 10 – Vasilhas com contorno simples elipsoide vertical ou horizontal, de borda extrovertida e formas fechadas.



Pasta: 3 e 6.

Borda: Extrovertida

Lábio: Arredondado

Base: Arredondada

Profundidade: Funda

Diâmetro: 12cm ou 41 cm

Tamanho: pequeno ou extra grade

Espessura do bojo: 10mm ou 12 mm

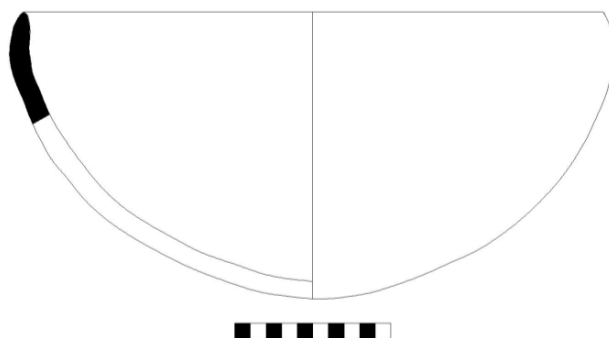
Tratamento de superfície externo: Alisado

Tratamento de superfície Interno: Alisado

Unidade: 19, 52

Fonte: o autor.

Figura 81: Quadro do vasilhame da forma 11.

Forma 11 – Vasilhame de contorno simples esférico, boca fechada e borda direta.

Pasta: 4

Borda: Direta

Lábio: Arredondado

Base: Arredondada

Profundidade: média

Diâmetro: 36 cm

Tamanho: Grande

Espessura do bojo: 12 mm

Tratamento de superfície externo: Alisado

Tratamento de superfície Interno: Alisado

Unidade: 32

Fonte: o autor.

5.4.8 Marcas de uso

Dentre as possíveis marcas de uso identificadas sobre os fragmentos aqui estudados foram percebidos vestígios de fuligem, esfumarado e uma base com sua superfície interna carregando marcas de picoteamento. Estas marcas percebidas nos fragmentos analisados representam apenas vestígios de usos dessas vasilhas, nos ajudando a entender qual atividade os objetos estavam relacionados e qual seu uso. Portanto, não cabe associar marcas de uso a um caracterizador cultural ou tecnológico.

Rice (1987) aponta que as marcas de fogo são indicativos claros sobre o real uso das vasilhas. A fuligem pode ser definida como um subproduto da queima composto de carbono e resinas se apresentando como uma camada escura e destacada da superfície tendo por volta de 1mm de espessura (Rice, 1987, Rego, 2013). Já o esfumarado (fireclouding pela definição de Rice, 1987) seria “uma camada escura e fina, bem aderida, sem a aparência de ser uma camada distinta.” (Rego, 2013, p. 60). Cabe salientar que estas diferem da mancha do brunido por serem foscas enquanto o enegrecimento do brunido deixa brilho.

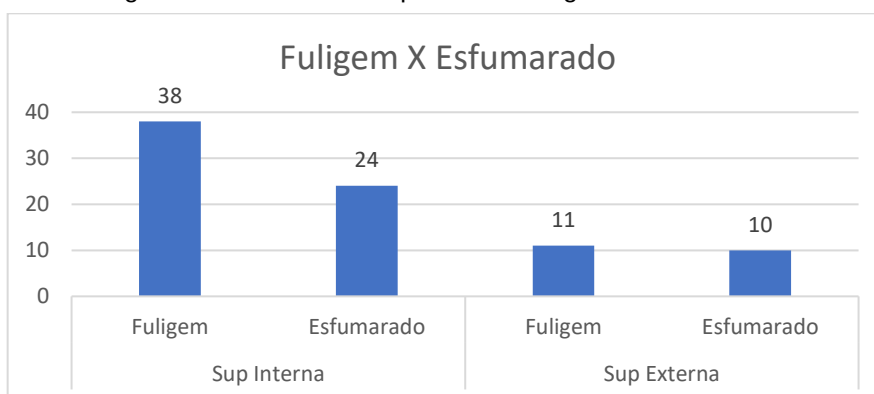
Figura 82: Fragmentos de base com esfumarado (canto superior esquerdo) e fuligem.



Fonte: o autor.

No que diz a estatística da fuligem e do esfumarado, foi observada a predominância destas marcas de uso ao fogo na superfície interna. A fuligem foi identificada em 38 fragmentos e o esfumarado em 24. A superfície externa apresentou menor incidência destas marcas contando apenas com 11 fragmentos com fuligem e 10 com esfumarado.

Figura 83: Gráfico de frequência de fuligem e esfumarado.



Fonte: o autor.

Identificamos também um fragmento de base que apresentava marcas de picoteamento em sua superfície interna, podendo ter pertencido a uma panela utilizada para trituração de alimentos, ou mesmo de antiplástico para a produção de pastas. Não foi possível a reconstituição da forma a qual ela pertencia.

Figura 84: Fragmento com marcas de picoteamento em sua superfície.



Fonte: o autor.

5.4.9 Função provável dos vasilhames

De maneira generalista, a tradição Tupiguarani é apontada por ter uma grande diversidade morfológica de suas vasilhas cerâmicas, sendo estas para uso doméstico e utilitário, constituídas por “potes, tigelas e grandes vasos com ombro e pescoço” e com usos “relacionados com preparo, consumo e conservação de alimentos e bebidas” (Schmitz, 2010). Em se tratando da cerâmica Tupinambá é dito também a relação das panelas com a alimentação, sendo predominadas as grandes tigelas e vasilhas com pintura relacionadas ao processamento de mandioca amarga em beijú e seu consumo (Brochado, 1977 apud Schmitz, 2010).

Para estabelecimento das possíveis funções e usos dos objetos reconstituídos, utilizaremos as propostas de Rice (1987) e a apresentada por Brochado, Monticelli (1994). Enquanto a primeira relaciona fatores como marcas de uso deixadas por fuligem e esfumarado, forma, atributos físicos da pasta, frequência que são encontradas nos sítios e o contexto de deposição, a segunda parte de uma analogia etnográfica realizada por Montoya (1640) e percorrida por La Salvia e Brochado (1989) e Brochado e Monticelli (1994) a respeito da cerâmica guarani.

Por conta do estado de degradação dos fragmentos, não foi possível realização de teste de porosidade nem de dureza, portanto nossa classificação quanto a função será baseada em propostas que relacionem formas e marcas de uso.

Segundo a proposta de Brochado e Monticelli (1994), há seis classes de panelas descritas por Montoya.

As panelas chamadas de **Yapepó** seriam destinadas ao cozimento por fervura, possuindo bojo pronunciado, bordas côncavas, verticais ou inclinadas para fora, profundas, com o diâmetro do bojo maior que o diâmetro da boca (Brochado; Monticelli, 1994; Prous, 2010);

As vasilhas chamadas de **Ñaetá**, são definidas como caçarolas para cozinhar alimentos por fervura sobre o fogo, de forma cônica, grandes e profundas, com a borda direta contínua a parede, vertical ou inclinada para fora com base plana ou levemente arredondada (Brochado; Monticelli, 1994; Prous, 2010).

Os **Ñamõpyu** (torradores ou tostadores) são pratos rasos para assar beiju e preparação da farinha de mandioca, de base plana ou levemente arredondadas

excluindo-se bordas pintadas interna ou externamente (Brochado; Monticelli, 1994; Prous, 2010).

Os ***cambuchí*** (talha) fariam parte da classe de vasilhas destinadas ao armazenamento de líquidos, “servir bebidas fermentadas alcoólicas e também armazenar água” (Brochado; Monticelli, 1994). Estas possuiriam diâmetro maior no bojo acima da metade da altura, base conoidal (ovalada/cônica), contorno complexo podendo contar com ombros e ângulos.

Os *cambuchí* foram identificados como vasilhas usualmente pintadas e de grandes dimensões, encontradas enterradas nos sítios arqueológicos, com evidência de terem sido usadas para sepultamento primários ou secundários. Seu uso anterior para preparar e servir bebidas fermentadas alcoólicas ou para armazenar água sempre foi aceito, com base em evidências etnográficas. (Brochado; Monticelli, 1994, p.113).

Além destes apontamentos, os autores mencionam que estas vasilhas possuem bordas carenadas e algumas variações (*cambuchí/igaçaba*) utilizadas como urna funerária que possuem pintura na parte superior do bojo.

Os ***Naembé*** também chamados de ***Tembirú***, ou ***Cambuchi Caquaba*** seriam tigelas usadas para comer, tendo seu nome traduzido como louça, ou prato (Brochado; Monticelli, 1994). São vasilhas de forma aberta, com borda direta contínua ao bojo, inclinadas pra fora ou verticais. As mais rasas são interpretadas como pratos e as mais profundas como tigelas para beber (os *cambuchí caguaba*).

A problemática envolvida nas definições acima se deve ao fato de que elas não se relacionam muito bem com as formas encontradas na cerâmica da subtradição Tupinambá, sendo insatisfatória ao ponto que não inclui as formas quadrangulares, as vasilhas de boca elíptica, as vasilhas grandes e abertas, entre outras (Prous, 2010).

Confrontando as descrições e representações gráficas da cerâmica guarani explanada pelos autores mencionados com as do Guaibituguçu, notamos, por exemplo, a falta das panelas reforçadas de contorno aberto (forma 1, 2 e 3). A partir deste cenário notamos a necessidade de utilizarmos outros critérios para uma classificação que considere forma e uso.

Para tanto, fizemos também uso dos critérios estabelecidos por Rice (1987), mais ligados a forma, marcas de uso, contexto e recorrência em que são encontradas as vasilhas.

Tabela 8: Relações dos critérios para estabelecer função de vasilhames.

Categoria funcional	Forma	Material (pasta)	Trat. de superfície e decoração	Contexto de deposição	Frequência	Indícios
Vasilhas para estocagem	Forma restrita, orifício modificado para transferência de líquidos	Variável. Preocupação com baixa porosidade	Variável para apresentação e mensagens. Geralmente alisado e vitrificado para reduzir porosidade	Habitações, áreas de refugo	Baixa (baixa reposição) pode ser reutilizado de vasilhas velhas e quebradas	Resíduos de materiais estocados presentes nos poros
Vasilhas pra cozimento	Arredondada, cônica, globular, aberta, geralmente sem ângulos	Grosso e poroso, paredes finas, resistência a choque térmico	Pouco ou quase nenhum. Superfície rugosa para melhor manuseio.	Habitações, áreas de refugo. Raramente em contextos cerimoniais.	Alta (substituição frequente)	Padrões de fuligem e escurecimento no exterior, conteúdo queimado.
Vasilhas para preparação de alimento (sem aquecimento)	Formas abertas, contorno simples	Ênfase em força mecânica, relativamente grossa, densa	Variável, geralmente baixo	Habitações, refugo	Moderado	Desgaste interno; Abrasão ou picotamento.
Vasilhas para servir	Formas abertas para acesso fácil. Geralmente com apoio para mão (alças e apêndices ?)	Deve ser fina.	Geralmente alto para exibição ou papéis simbólicos.	Habitações, refugo e contextos cerimoniais	Alta, uso e substituição frequente	Tamanhos correspondem a porções individuais ou ao tamanho do grupo.
Vasilhas para transporte	Conveniente para empilhamento, alças, leve, abertura constrita.	Ênfase em força mecânica, densa, dura	Variável, geralmente pouco. Alisado ou vitrificado para reduzir a permeabilidade	Refugo e áreas não domésticas	Variável	Tamanho uniforme ou múltiplas unidades de tamanhos; Resíduos do conteúdo.

Fonte: Howard 1981 apud Rice, 1987. Tradução nossa.

Na tentativa de associar as formas identificadas em Guaibituguçu aos seus usos, percebemos a multifuncionalidade que estas possuiriam.

A forma 1 provavelmente é a uma das formas mais versáteis quando ao uso e função. Duas das vasilhas apresentam fuligem na superfície externa o que sugere seu uso ao fogo. Nenhuma delas possui tratamento pouco alisado na superfície interna, apenas na externa, o que é importante de se pontuar uma vez que o

alisamento da superfície diminui sua porosidade e deixa mais adequada para estocagem (Rice, 1987). Uma superfície mais rugosa é melhor para manuseio e, segundo a tabela de correlações usada por Rice, é mais frequente em vasilhas para preparo de alimento com ou sem utilização do fogo.

A forma 2 agrupa vasilhas de boca constrita, sem marcas de uso. Consideramos que sejam destinadas a servir ou armazenar alimentos e líquidos, sendo esta última mais provável uma vez que as bocas constritas funcionalmente sugerem uma tentativa de se evitar que o conteúdo da panela transborde e dificultam o acesso ao interior da panela (Rice, 1987). A forma 11 também possuiria função semelhante considerando a boca constrita.

As vasilhas na forma 3 são de proporção média e funda. São semelhantes ao que Montoya chama de Cambuchí porém não apresentam decoração no seu exterior nem o contorno complexo, o que pode se tratar de um contexto mais regional tupinambá. As panelas de menor proporção poderiam ser associadas ao que seriam os Cambuchí Caguaba, utilizadas para beber líquidos. Se considerarmos as características ditas por Rice (1987) estas poderiam ser multifuncionais, servindo para armazenamento e também cozimento de alimento, porém estas não apresentam marcas de uso que sugeririam utilização ao fogo. Apesar de serem agrupadas em uma forma distinta, seriam bastante semelhantes a vasilhas da forma 1.

As panelas da forma 4, que correspondem a maior parte dos objetos reconstituídos, juntamente a o exemplar único da forma 6, também apresentam características de multifuncionalidade. Deste conjunto, dois objetos se tratam de panelas rasas, com borda inclinada para fora, provavelmente utilizadas como pratos. Uma delas contem pintura vermelha residual sobre engobo branco na superfície interna enquanto a outra fuligem em ambas as superfícies. A primeira provavelmente se trata de um Naembé. A segunda por apresentar estas marcas de uso poderia ser um tostador de beiju, chamado por Montoya de Ñamõpyu. Quanto as demais vasilhas desta forma, há predominância dos tamanhos grande e extra-grade e dois objetos reconstituídos apresentam fuligem interna sugerindo o cozimento de alimentos. Assemelham-se ao que Montoya identificou de Ñaetá e correspondem a forma mais aproximada as categorias da cerâmica guarani apresentadas pelo autor. Foi percebido que o pouco alisado está mais presente neste conjunto de formas,

especificamente na superfície externa podendo isto estar relacionado há uma tentativa de melhorar o atrito a superfície para uma melhor manipulação ou suporte por cortas já que não há a borda reforçada para facilitar sua suspensão.

A forma 5 provavelmente está relacionada ao processo de fermentação do cauim. Sua descrição se assemelha ao que La Savia e Brochado (1989) descrevem como cambuchi segundo o bojo carenado, a decoração e a forma. Outro fator importante que sugere este uso se trata do desgaste da superfície interna deste vasilhame no qual percebemos uma descamação da camada de argila com exposição dos grânulos do antiplástico típico de vasilhas que sofreram ação do gás carbônico liberado por conta da fermentação da bebida alcoólica armazenada em seu interior (Neumann, 2008).

Figura 85: Vista da superfície interna desgastada do Objeto 38 pertencente a Forma 5.



Fonte: o Autor (2022).

A autora cita que um bom alisamento da superfície reduz a porosidade e, conseqüentemente, a penetração do líquido e gases no interior da parede, porém no caso deste nosso objeto, foi utilizada uma pasta de textura grossa o que pode ter

facilitado o processo de degradação. Importante destacar sobre esta forma que Brochado (1980) aponta ser rara a presença de vasilhas carenadas na região Nordeste.

As formas 6, 9, podem estar relacionadas ao manejo e armazenamento de líquidos uma vez que apresentam alisamento interno, são fundas e possuem constrição, e até mesmo possuindo pescoço, elemento que Rice (1987) associa diretamente a esta função proposta. As vasilhas da forma 10 também poderiam carregar esta função, porém possuem características atribuídas, segundo Brochado e Monticelli, aos Yapepós, que são painéis para cozimento.

A forma 7 provavelmente está associada ao armazenamento de alimentos ou utilizada para servir e não pudemos associá-la às formas da cerâmica guarani.

A forma 4 e 1 foram as predominantes no sítio, sendo os objetos da forma 4 correspondentes a 31% das painéis identificadas enquanto que a forma 1 representa 26%. Considerando as suas funções prováveis, a predominância destas formas sugere que dentre as principais atividades no sítio estavam o preparo de alimentos e o armazenamento de recursos, algo que corrobora com uma das hipóteses de o sítio ser um local de obtenção de recursos, isso também considerando os fragmentos com marca de picoteamento e fuligem na superfície interna.

Ambas as formas são abertas e contém algumas vasilhas com decoração. Santos (2018), em sua pesquisa relacionando forma e função com a identificação de vestígios alimentares pela cromatografia gasosa, relaciona estas características com vasilhames para servir alimentos sendo um dos objetos estudados em sua pesquisa relacionado a servir milho. A forma 4 também se relacionaria a dois vasilhames da referida pesquisa que continham vestígios de mandioca, porém estes teriam sido utilizados para, também, servir e não cozinhar. A forma 5 segundo a autora, concordando com o que apresentamos, seria relacionada ao armazenamento de líquidos pelas suas características morfológicas de acordo com o que Brochado, Monticelli e Neumann (1990) apontam.

6 OS CACOS E SUA “CACOFONIA”: O QUE ISSO TUDO QUER DIZER?

Segundo o dicionário Michaelis de língua portuguesa, a palavra “cacofonia” significa “som desarmônico”, “som desagradável” ou “qualquer efeito sonoro desagradável, gerado por uma seleção de sílabas ou fonemas que resulta em repetição, eco, colisão, aliteração etc”. Considerando que nossos fragmentos analisados, nossos cacos de cerâmica, são essa pluralidade de sons, que por vezes convergem em informações harmônicas, repetitivas ou mesmo desarmônicas, achamos adequado traduzir as informações dos cacos como uma cacofonia, ao invés de feita de sons, feita de cacos, literalmente.

6.1 O PERFIL CERÂMICO DO SÍTIO GUAIBITUGUÇU

Seguindo a partir das características identificadas em nossa pesquisa podemos sintetizar toda essa informação, essa “cacofonia”, no nosso perfil cerâmico.

As pastas de maior adesão foram as pastas plásticas com aditivo de areia de textura fina com grãos variando de 1 -2 mm exceto pela pasta quatro na qual variam até próximo de 5mm. Logo em seguida aparece a pasta 2, segunda mais representativa, porém com o diferencial no aditivo de cacos triturados e bolos de argila.

Como já apresentado no capítulo anterior, a manufatura predominante foi a roletada correspondendo a 91% dos fragmentos analisados. Foi percebido em laboratório alguns roletes com estrias intencionalmente produzidas para, acreditamos, melhorar a adesão com o negativo do rolete superior. Tais estrias aparentam ter sido realizadas com algum instrumento fino (figura 86).

O acabamento de superfície de maior predominância, em todos os grupos de pasta foi o alisamento em ambas as superfícies seguido pela associação de alisamento interno ao pouco alisado na face externa dos fragmentos. É possível constatar que o alisamento esteve mais presente na superfície interna o que sugere preocupação com a porosidade das vasilhas.

Figura 86: Estrias sobre o rolete.



Fonte: o autor.

Figura 87: Estrias na face externa do fragmento MCJ - 1172.8



Fonte: o autor.

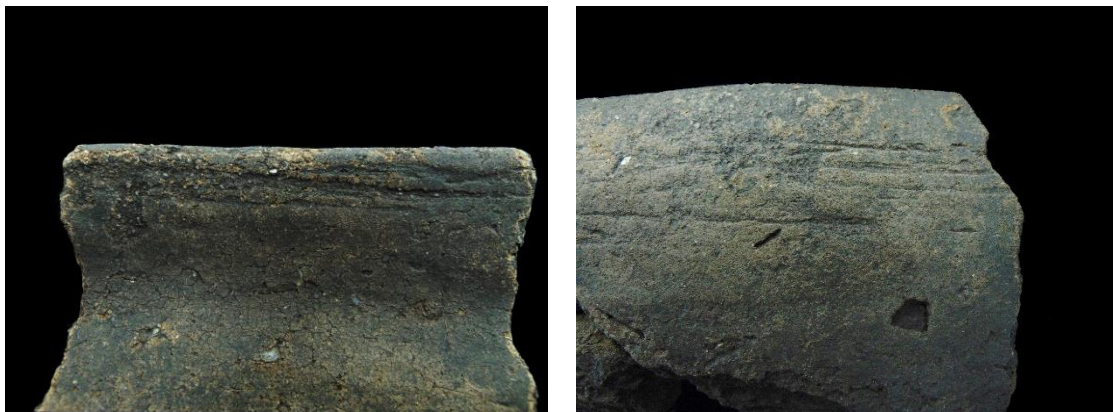
As estrias deixadas nas superfícies de tratamento pouco alisado sugerem uma preferência dos artesãos de utilizar o instrumento, seja ele qual for, no sentido horizontal em paralelo a borda. Algumas destas estrias formam sulcos profundo nas panelas, notados na região da borda, tanto na face interna como na externa aparentemente de forma intencional:

Figura 88: Estrias na face interna do fragmento MCJ - 845.6



Fonte: o autor.

Figura 89: Estria na face interna do fragmento MCJ – 1293.5 e estrias na face externa do MCJ - 977.5

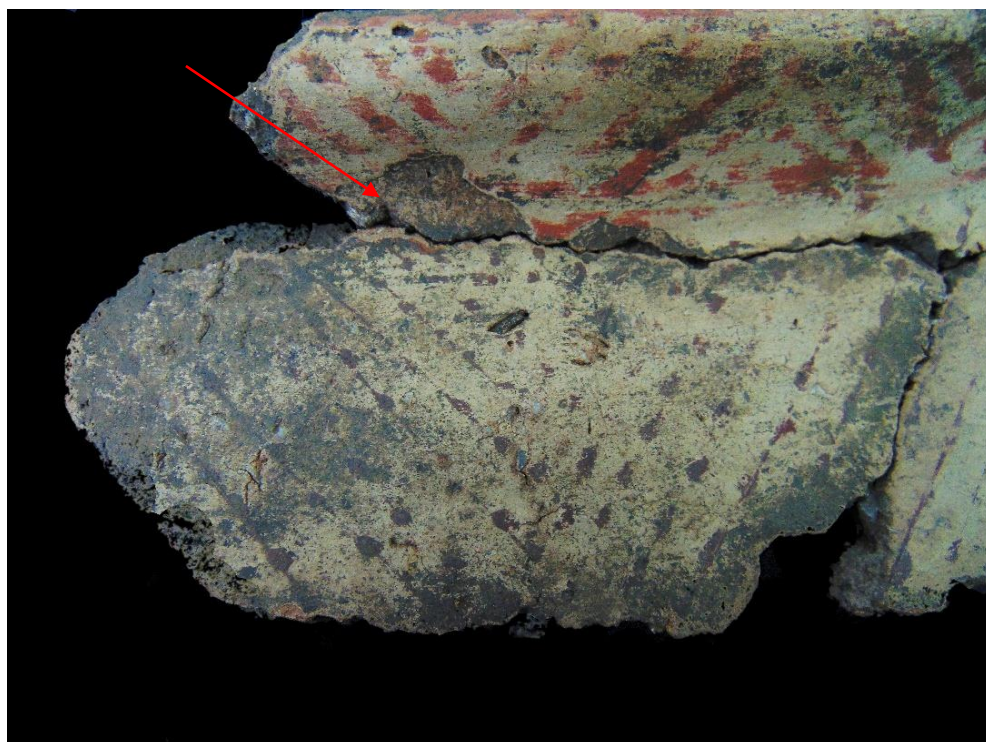


Fonte: o autor.

A pintura aparece geralmente associada ao alisamento e ao acabamento engobado preferencialmente aplicada sobre a superfície interna. Nascimento (1991) interpreta a baixa frequência de fragmentos pintados com o fato de que as panelas as quais estes faziam parte eram pouco utilizadas, estando relacionadas a atividades mais específicas e de pouco transporte, e assim sendo menos quebradas e menos produzidas contrastando com as cerâmicas de uso mais cotidiano que estão mais frequentes no registro arqueológico pela maior demanda e utilização. Se considerarmos os motivos decorativos, estes se apresentam, em sua maioria, através da associação de linhas horizontais e, em segundo lugar de frequência, a monocromia em banho vermelho. A superfície interna foi a preferida na escolha da pintura.

Devido ao grau de degradação dos fragmentos pintados, poucos apresentaram visibilidade suficiente para uma análise mais aprofundada da pintura para além da classificação de seus motivos decorativos, como a identificação de possíveis instrumentos, superposição e sequência tomada pela artesã ou artesão. Porém houve uma exceção notável em que foi possível observar parte da gestualidade envolvida na pintura a partir da colagem dos fragmentos do objeto 38.

Figura 90: Carena e borda do objeto 38. Em destaque, o deslocamento da barbotina. Notar diferença de tons e de espessura de traço.



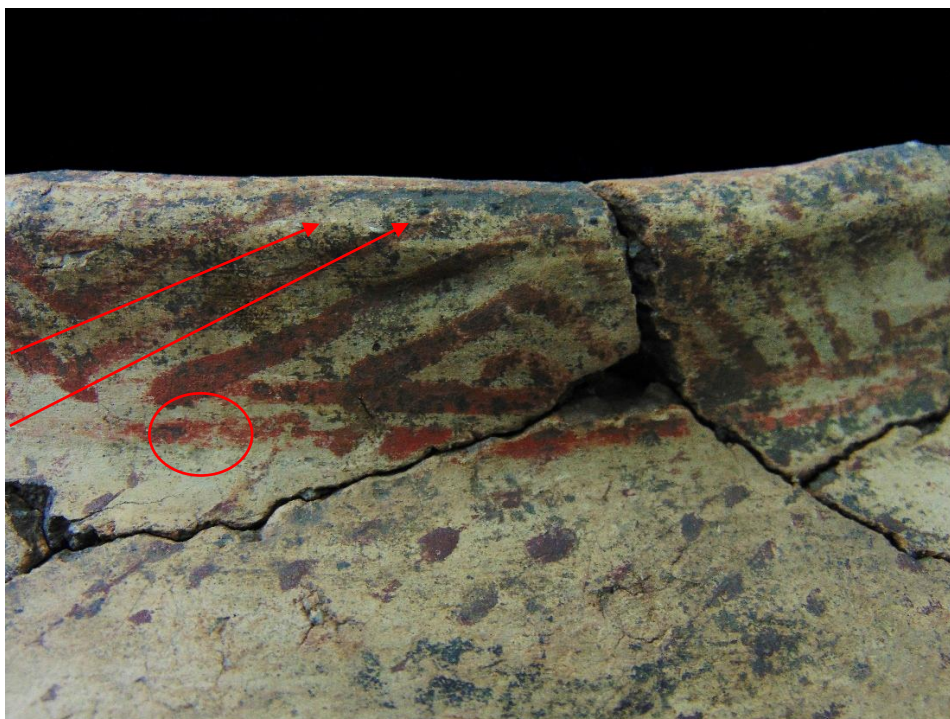
Fonte: o autor.

Neste objeto, observamos dois conjuntos de decoração: sobre a carena, associação de linhas horizontais, oblíquas e pontos; sobre a borda, associação de linhas horizontais e oblíquas delimitada por duas faixas vermelhas no ponto angular da carena e uma faixa vermelha sobre o lábio. Cabe destacar que cada conjunto de decoração possui uma tonalidade da cor vermelha distinta assim como o instrumento de pintura utilizado uma vez que os traços do motivo da carena são muito mais finos que o traço do motivo da borda.

Também foi possível observar o deslocamento de uma fina camada de argila na borda que sugere uso de barbotina, uma camada de argila aplicada sobre a superfície a fim de uniformizá-la quando há irregularidades (La Savia; Brochado, 1989).

Foi possível perceber que a aplicação dos motivos oblíquos da borda segue de baixo pra cima, na diagonal, sugerindo que a pintura tenha começado a partir do ponto angular entre a borda e a carena. Isso foi percebido a partir da observação do ponto inicial do traço, mais largo, arredondado e com mais intensidade do tom vermelho. Outro fato que nos sugere esta sequência seria a sobreposição dos motivos oblíquos sobre as linhas horizontais que marcam o ponto angular mencionado.

Figura 91: detalhes do processo de pintura. Setas indicam o sentido da pintura enquanto o círculo aponta para a possível sobreposição.

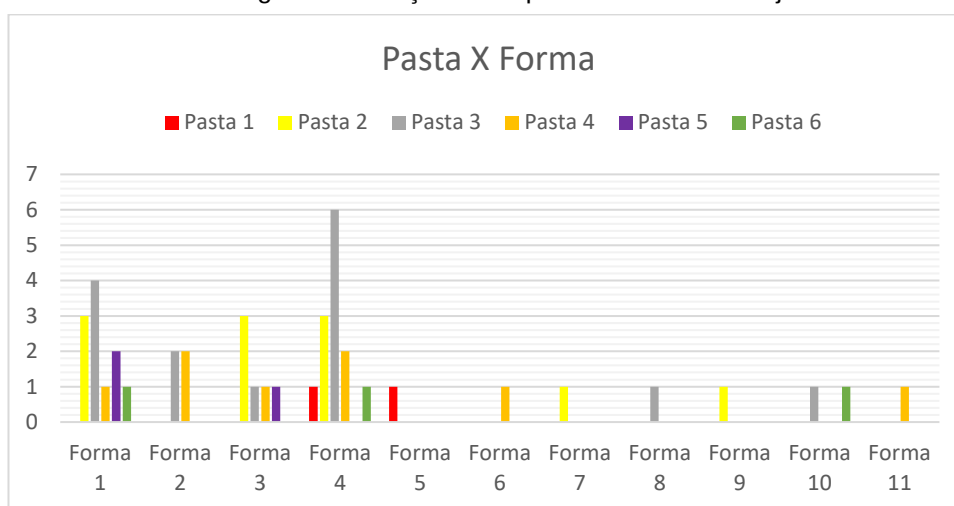


Fonte: o autor.

No que diz respeito aos objetos reconstituídos, foi possível estabelecer um panorama geral sobre as algumas atividades realizadas no sítio. Na tentativa de associar as formas identificadas em Guaibituguçu aos seus usos, percebemos a multifuncionalidade que estas possuiriam. De maneira geral, percebemos a predominância de formas abertas, de contorno simples arredondado, bordas diretas e reforçadas externamente, tamanho grande e rasas.

Ao relacionarmos as formas com as pastas utilizadas observamos certas correlações entre as mesmas o que sugere preferências para determinados objetos o que, por sua vez, pode estar relacionado também a função dos vasilhames:

Figura 92: relação entre pasta e forma dos objetos.



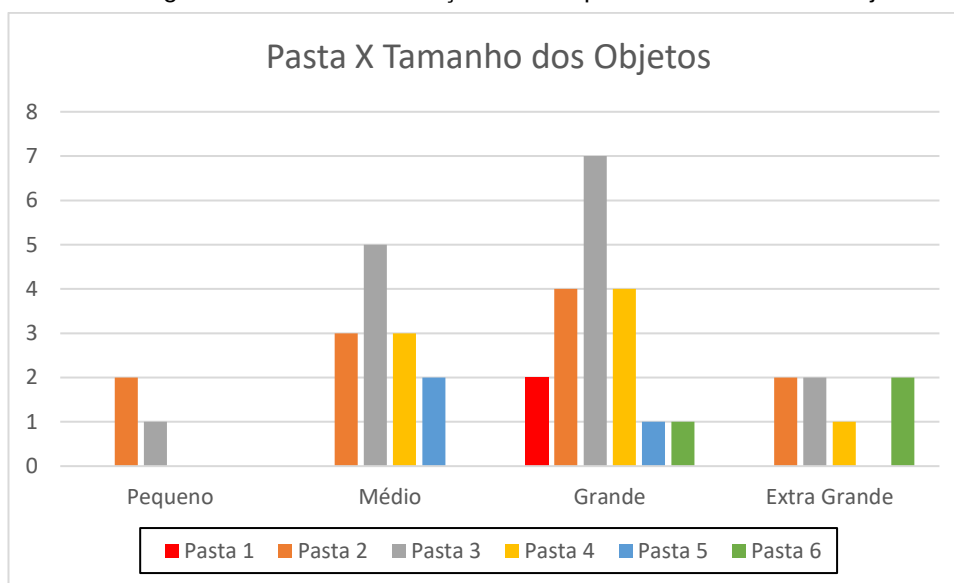
Fonte: o autor.

As pastas com areia, caco e bolo (grupo 2) e areia fina (Grupo 3) foram as mais utilizadas para elaboração das panelas das formas 1, 2 e 4 sendo a pasta 3 a preferida. A forma 3 apresentou preferência pela pasta 2 em relação as demais. Rice (1987) sugere uma preferência por pastas com caco ou conchas trituradas para melhor resistência térmicas de vasilhas que seriam utilizadas ao fogo, porém o que observamos foi a preferência das pastas que contém areia de quartzo. Segundo Rye (1981) o quartzo apresenta grande expansão quando submetido ao fogo, o que é positivo para o cozimento, porém perigoso pois pode acabar causando fraturas. O autor afirmar que é preferível um equilíbrio de argila e tempero e que essas partículas do antiplástico sejam finas possibilitando uma queima satisfatória a temperaturas baixas. Outra questão sobre a granulometria se trata da dificuldade que uma textura grossa acrescenta ao tratamento de superfície decorado.

Temos um caso peculiar no nosso estudo uma vez que o objeto 38, o mesmo que supomos ter sido utilizado para armazenamento e/ou preparo de cauim, possui textura grossa e a superfície externa com os mais ricos detalhes de decoração dentre todos identificados no sítio e, sim, com erupções na superfície dos grãos de quartzo. Neste caso é possível que a escolha tenha se dado em relação ao uso do objeto o que sugere a utilização mais importante que a decoração, porém, ao mesmo tempo, temos uma recorrência muito pequena desta pasta para tal afirmação.

Numa tentativa de relacionamos o tamanho dos vasilhames com a pasta tentamos observar certas preferências que poderiam estar ligadas a uma melhor confecção dos objetos e assim obtivemos o seguinte gráfico:

Figura 93: Gráfico de relação entre a pasta e tamanho dos objetos.



Percebemos que na elaboração de panelas grandes houve o uso de todas as pastas identificadas no sítio com preferência pela pasta 3, seguida pela pasta 2 e 4. As pastas de maior plasticidade (pastas 5 e 6) aparecem em apenas dois objetos enquanto que a pasta menos plástica, a pasta 1, aparece em quatro objetos estando presente apenas neste grupo de vasilhas grandes.

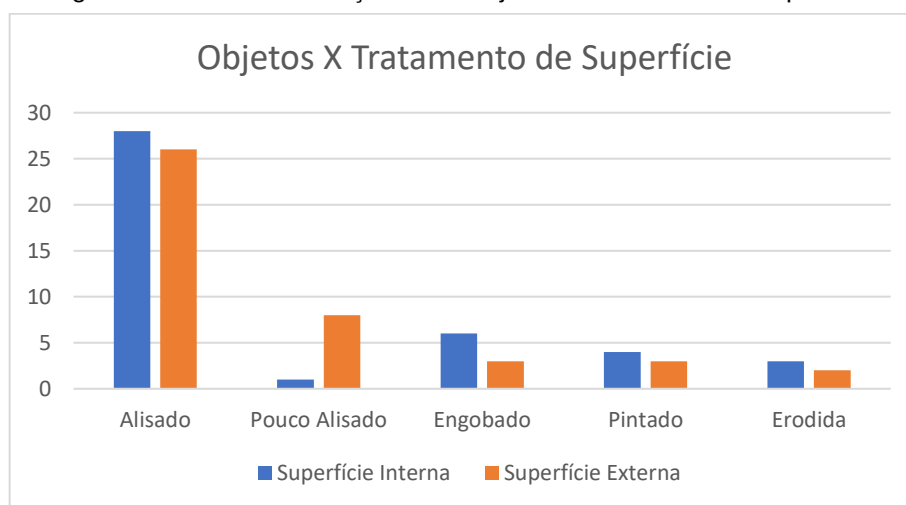
Quanto as panelas de tamanho médio notamos preferências semelhantes as panelas de tamanho grade na escolha das pastas, porém não há presença de vasilhas com a pasta 1 e 6.

As vasilhas de tamanho pequeno apresentaram a pasta 2 em dois objetos e a 3 em apenas um.

As vasilhas extragrandes apresentaram um equilíbrio entre o uso das pastas 2, 3 e 6 e em apenas um objeto notamos a pasta 4.

Quando relacionamos os objetos e seu tratamento de superfície obtemos os seguintes dados expressos no gráfico abaixo:

Figura 94: Gráfico de relação entre objetos e tratamento de superfície.

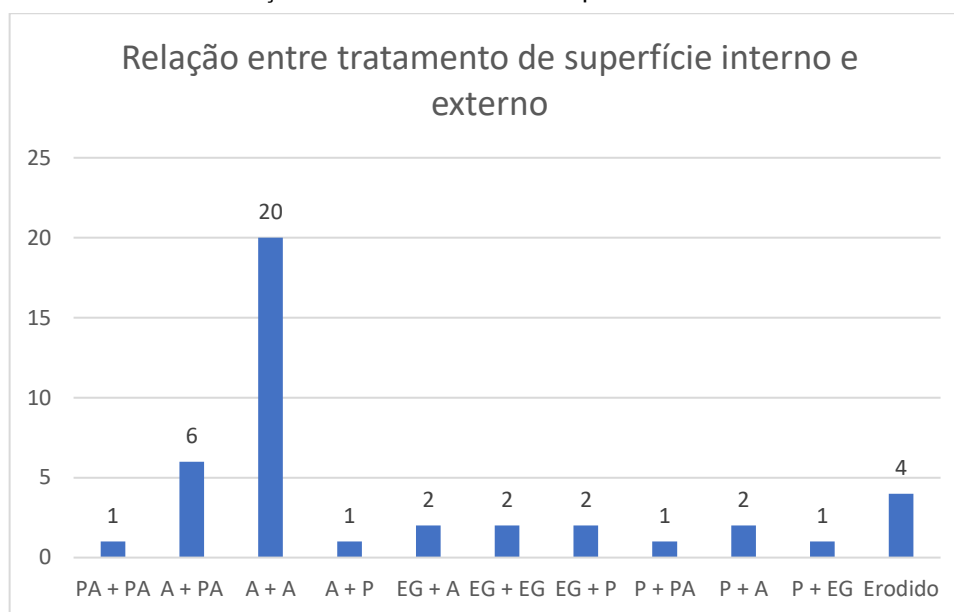


Fonte: o autor.

Refletindo a partir das *unidades de análise* notamos um maior tratamento de superfície sendo o alisado em ambas as superfícies, seguido do pouco alisado na superfície externa, o engobado e o pintado. Engobo e pintura aparecem em maior frequência na superfície interna.

Quando combinamos o tratamento em ambas as superfícies por cada objeto obtemos as preferências e caminhos seguidos pelos ceramistas na confecção de suas vasilhas. Seguindo a mesma lógica das *unidades de análise*, associamos o tratamento de superfície na ordem *interno – externo* e assim obtivemos as combinações seguintes: pouco alisado em ambas as superfícies (PA + PA), Alisado + Pouco Alisado (AL + PA), Alisamento em ambas as superfícies (A + A), Alisamento + Pintado (A + P), Engobo + Alisado (EG + A), Engobo + Engobo (EG + EG), Engobo + Pintado (EG + P), Pintado + Alisado (P + A), Pintado + Pouco Alisado (P + PA), Pintado + Engobado (P + EG). Além destas, identificamos quatro objetos com erosão em, pelo menos, uma das superfícies.

Figura 95: Gráfico de Relação entre tratamento de superfície interna e externa nos objetos.



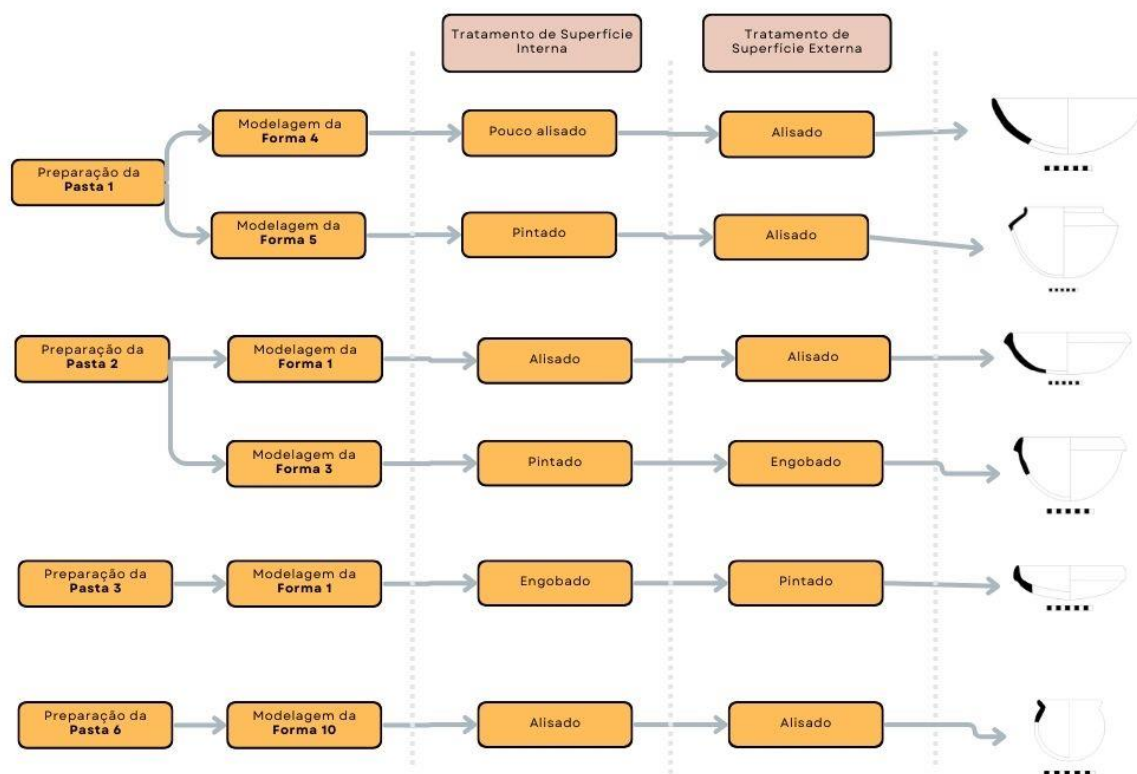
Fonte: o autor.

Dentre o conjunto de objetos pudemos observar que o acabamento mais popular dado as vasilhas era o alisamento em ambas as faces, aparecendo em vinte vasilhames. Em seguida aparece o alisamento na superfície interna associado ao pouco alisado na superfície externa presente em seis vasilhas. Cabe salientar que o pouco alisado aparece quase que exclusivamente na face externa dos objetos com exceção de um. A pintura aparece associada ao alisamento em duas vasilhas, ao engobo em uma vasilha e ao pouco alisado em apenas uma vasilha também. Apenas três objetos apresentaram pintura na face externa, dois associados ao engobo e um ao alisamento. É interessante ressaltar que o conjunto de fragmentos apontou que a pintura era predominante na face interna enquanto que o dos objetos mostra um ligeira diferença em que a pintura na face externa é quase tão frequente quanto na interna.

Essa associação permite inferir numa preferência por painéis de acabamento mais simples, o alisado, onde as superfícies são mais uniformes e menos porosas que as deixadas pelo pouco alisado. As painéis com engobo e pintura aparecem em menor quantidade o que podemos relacionar ao que já foi dito anteriormente sobre frequência e uso. Neste caso, a predominância de painéis de acabamento alisado sugere uma maior utilização destas no cotidiano e por isso elas apresentam-se em maior quantidade no registro arqueológico.

Ao associarmos esse agrupamento com as características como a forma e a pasta obtemos uma sequência de escolhas que pode dialogar com o estilo tecnológico praticado por estes ceramistas. Abaixo há um fluxograma exemplificando algumas dessas sequências operacionais que resultaram em objetos:

Figura 96: Fluxograma representando associações entre pasta, forma e tratamento de superfície.



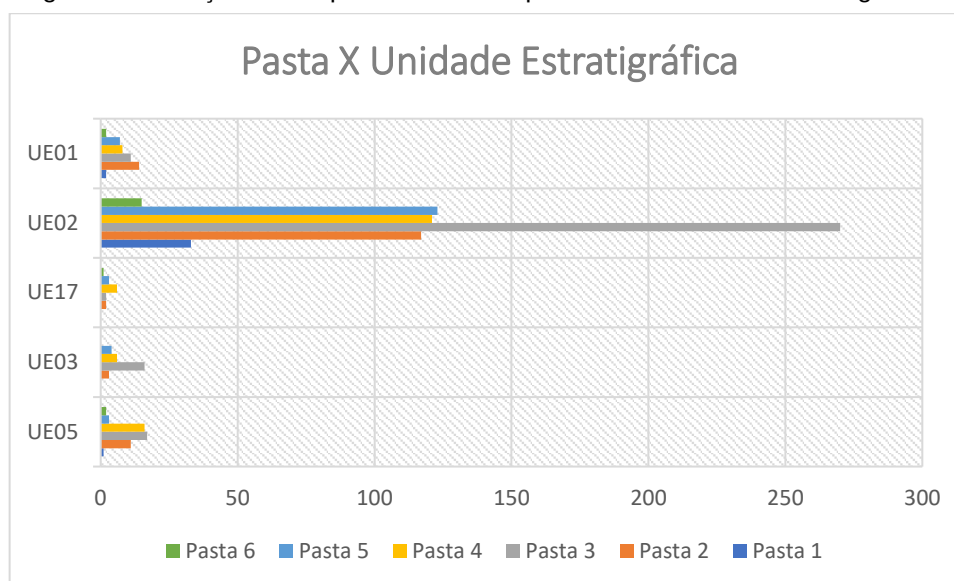
Fonte: o autor

6.2 PERFIL CERÂMICO X UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS

Na tentativa de observar possíveis mudanças nas técnicas empregadas ao longo da ocupação do sítio Guaibituguçu bem como mudanças de atividades realizadas, cruzamos dados do perfil cerâmico às principais unidades estratigráficas que possuem relações de deposição entre si.

No que confere a pasta, tentamos observar possíveis preferências distinguíveis entre as UE e obtivemos o seguinte gráfico:

Figura 97: Relação de frequência entre as pastas e as unidades estratigráficas.



Fonte: o autor.

Naturalmente, por concentrar a maior quantidade de fragmentos, a UE2 apresenta também a maior diversidade de pastas. A pasta 3 aparece como a predominante nas UE2, UE3 e UE5 enquanto na UE1 é ligeiramente superada pela pasta 2. A maior concentração de fragmentos e diversidade técnica da pasta pode se dar ao fato de a UE2 ser testemunho do período de maior intensidade e diversificação das atividades do sítio e, por sua vez, maior diversidade de artesãos com escolhas e preferências distintas. A UE5 apresenta certo equilíbrio entre as pastas 2 e 3, porém esta apresenta poucos fragmentos assim como a UE1. Poderia isto representar um início de ocupação menos intenso no que diz respeito as atividades praticadas?

As UE3 e UE17 podem apresentar uma relação direta com atividades específicas envolvendo o cozimento e processamento de alimentos uma vez que se configuram como manchas escuras sendo a UE3 associada a carvão, malacológico e dente de animal. Há o fato de termos o objeto 23 que apresenta esfumado na superfície externa e ter sido evidenciado na UE17.

Como dispomos de poucos fragmentos nas UE1 e UE5, na tentativa de observarmos possíveis mudanças e permanências técnicas iremos considerar todos os fragmentos analisados independente destes formarem unidades de análise ou não. Serão excluídos os fragmentos identificados durante a fase do monitoramento uma vez que estes não puderam ser relacionados estratigraficamente com os

fragmentos da fase de resgate. No universo de fragmentos da UE5 serão incorporados os dados da UE23 uma vez que esta é uma unidade estratigráfica equivalente.

No que diz respeito ao comparativo de morfologias, consideramos a borda e o lábio pois são as categorias com maior potencial informativo quanto aos fragmentos. Comparando inicialmente a morfologia do lábio entre as principais unidades estratigráficas obtivemos o seguinte cenário:

Figura 98: Gráfico comparativo de frequência morfológica de lábio.

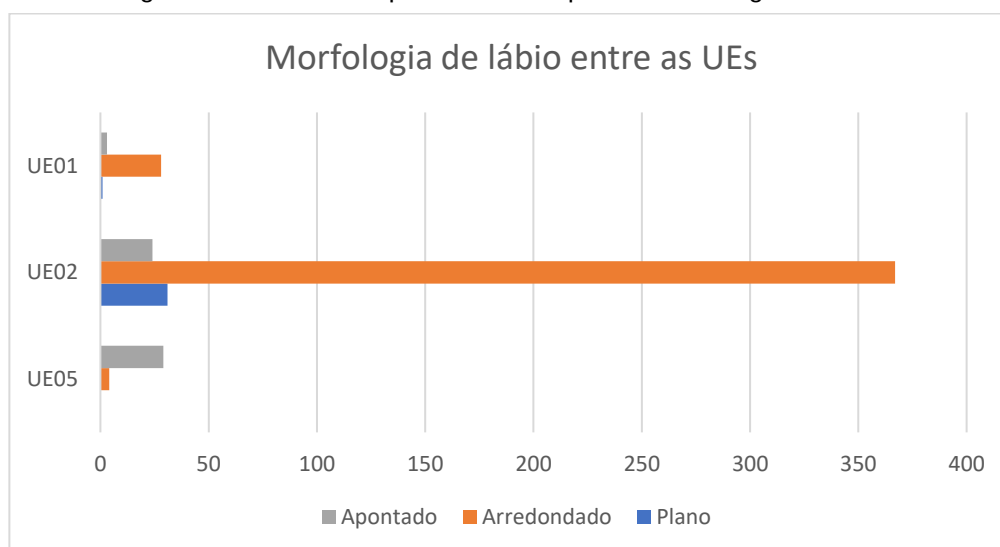
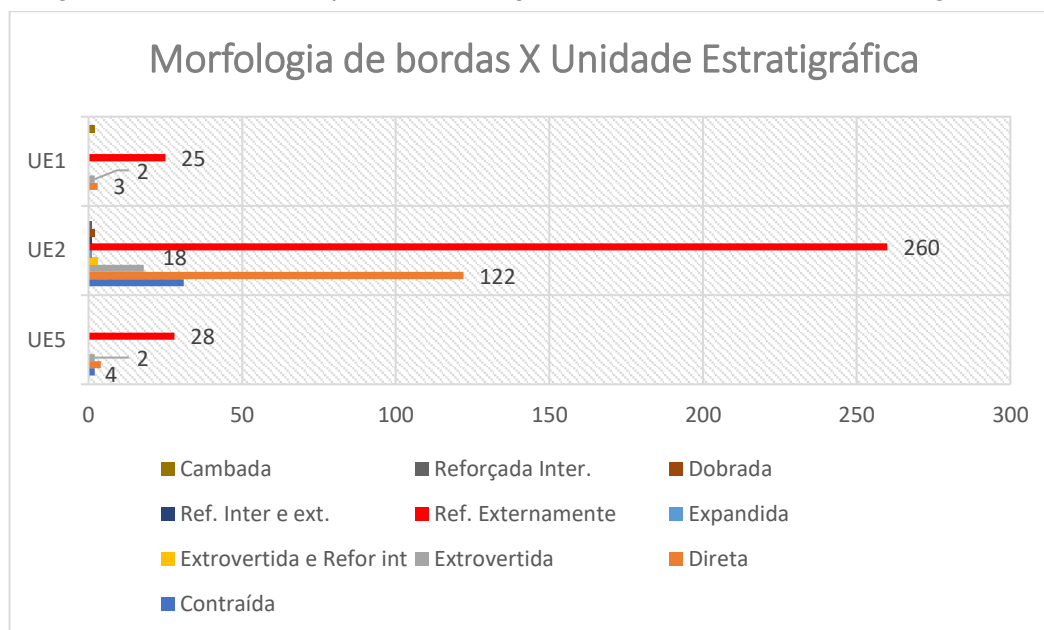


Gráfico: morfologia do lábio na UE5.

No que diz respeito a morfologia dos lábios analisados, percebemos um sutil mudança relacionada a frequência entre os estratos. Enquanto nas UE1 e 2 a predominância é do arredondado, na UE5 a predominância é do apontado. Nas UE1 e 2 há presença do lábio plano o que não acontece na UE5.

Em relação as bordas analisadas, a UE2 apresentou a maior variedade morfológica que as demais.

Figura 99: Gráfico de frequência morfológica de bordas nas unidades estratigráficas.



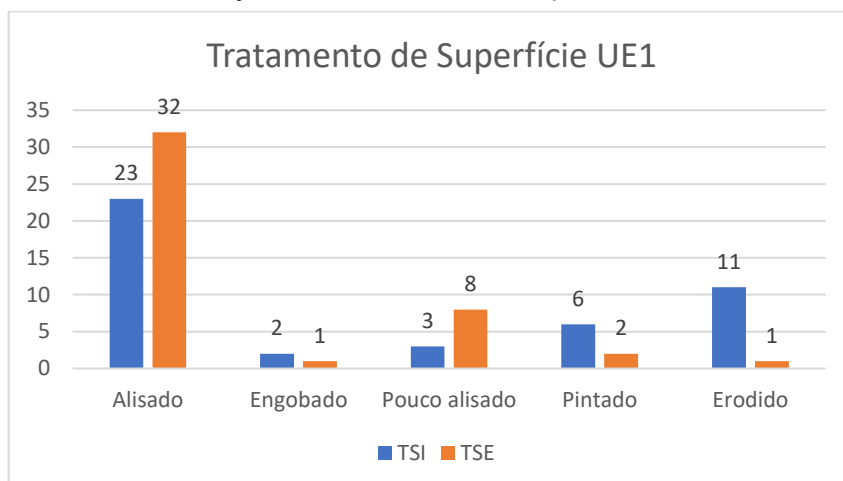
Fonte: o autor.

A predominância foi das bordas reforçadas externamente seguida pela borda direta. A borda reforçada externamente está presente em todas as unidades estratigráficas assim como a borda direta. A morfologia cambada aparece apenas na UE1 e é a única não contemplada pela diversidade presente na UE2. Estes dados sugerem uma constância no cenário morfológico deste agrupamento exceto por algumas sutilezas apresentadas em poucos fragmentos.

O tratamento de superfície, igualmente a morfologia de lábios e bordas, se apresentou mais diverso na UE2, contendo cerâmica brunida, escovada, roletada e a com pintura associada ao escovamento. O alisamento interno se mostrou ligeiramente superior ao alisamento externo o que acontece de maneira contrária tanto na UE1 como na UE5 onde o alisamento maior é na superfície externa.

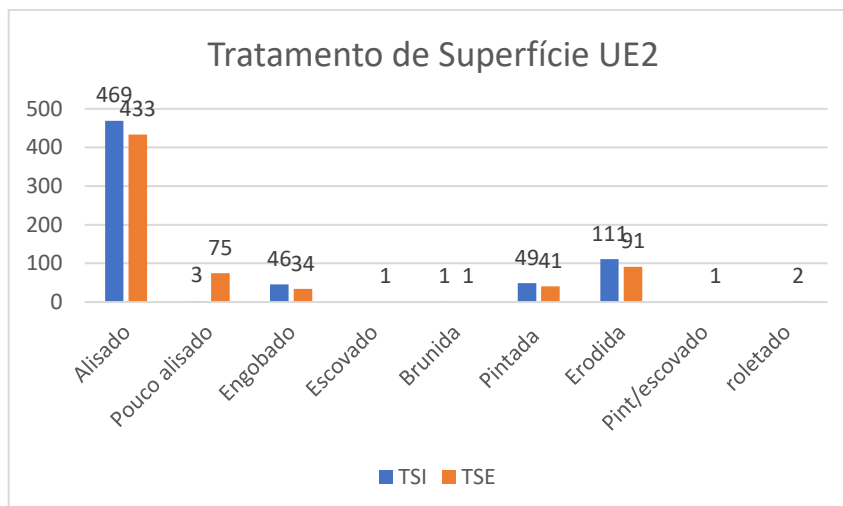
Em todos os estratos, o pouco alisado foi predominante na superfície externa, não sendo nem evidenciado na UE5. Quanto aos fragmentos pintados, estes apresentam pintura predominante na superfície interna exceto pelos presentes na UE5, porém devido a quantidade muito reduzida destes não é possível uma constatação assertiva.

Figura 100: Gráfico de relação entre tratamento de superfície externa e interna na UE1.



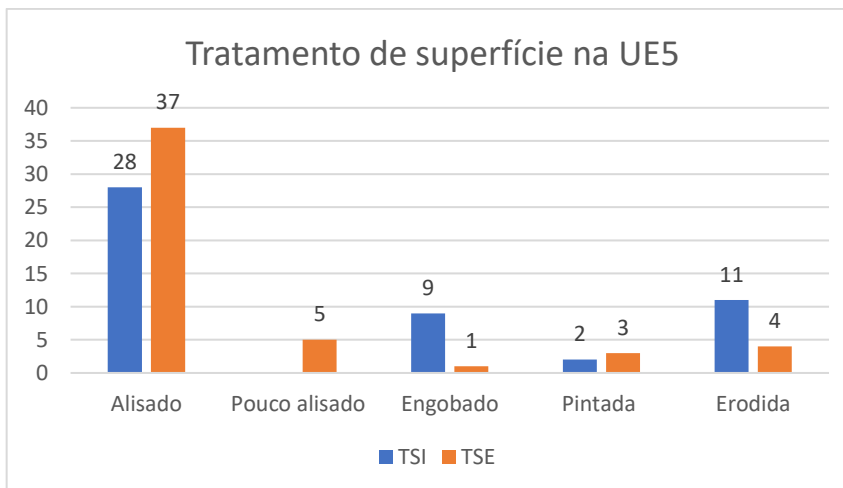
Fonte: o autor.

Figura 101: gráfico de relação entre tratamento de superfície externa e interna na UE2.



Fonte: o autor.

Figura 102: Gráfico de relação entre tratamento de superfície externa e interna na UE5.

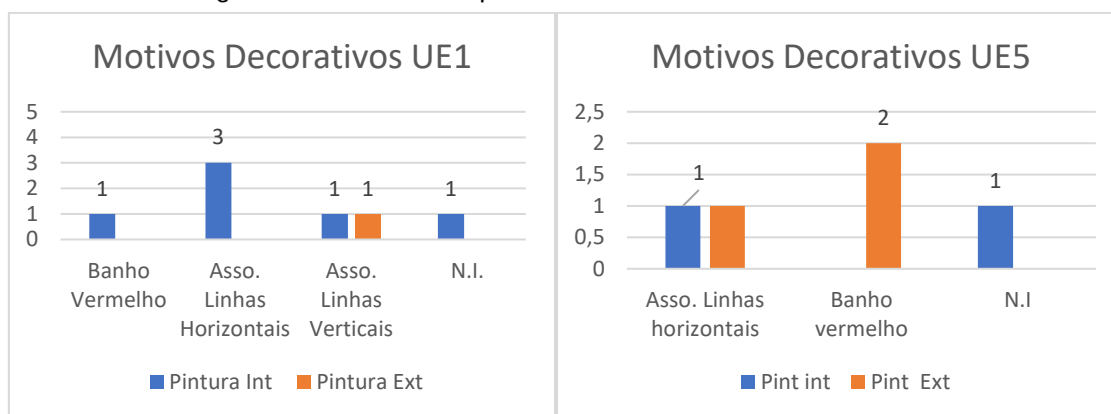


Fonte: o autor.

Quanto aos motivos decorativos presentes nos fragmentos, obtivemos certas variações quanto aos padrões presentes em cada estrato. Na UE5 foram identificados o banho vermelho e associação de linhas horizontais enquanto na UE1 há banho vermelho, associação de linhas horizontais e a associação de linhas verticais. Na UE5 a preferência de superfície pintada foi a externa enquanto que na UE1 se deu na interna. O banho aparece apenas na superfície interna nos fragmentos da UE1 enquanto que na UE5 aparecem apenas na superfície externa.

Os motivos decorativos da UE2 são mais variados que nos demais estratos. A preferência foi a pintura na superfície interna sendo nesta superfície a presença de maior variação de padrões apresentando sete dos nove motivos identificados neste estrato.

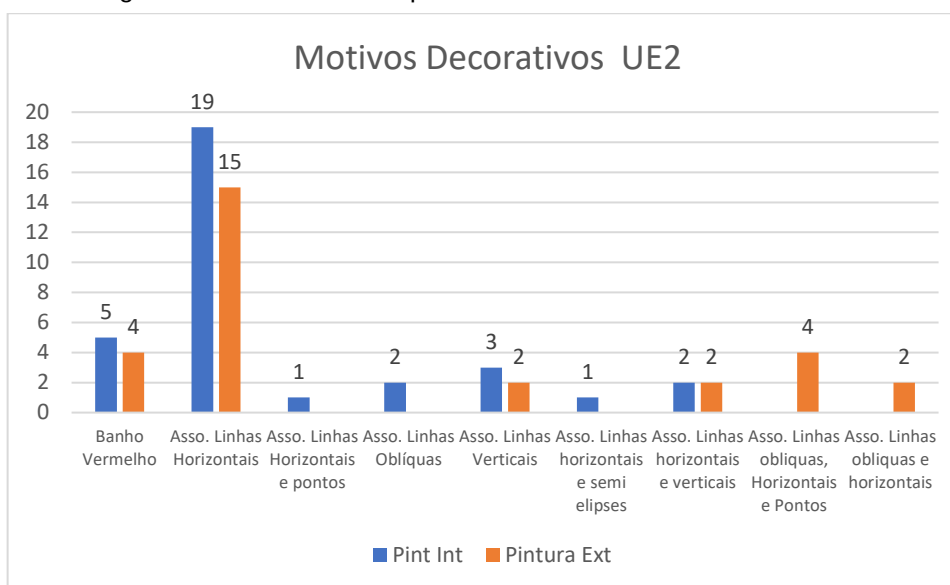
Figura 103: Gráfico comparativo entre motivos decorativos UE1 e UE5.



Fonte: o autor.

O motivo mais recorrente nesta superfície foi a associação de linhas horizontais. A segunda mais popular foi o banho vermelho e a terceira, a associação de linhas verticais.

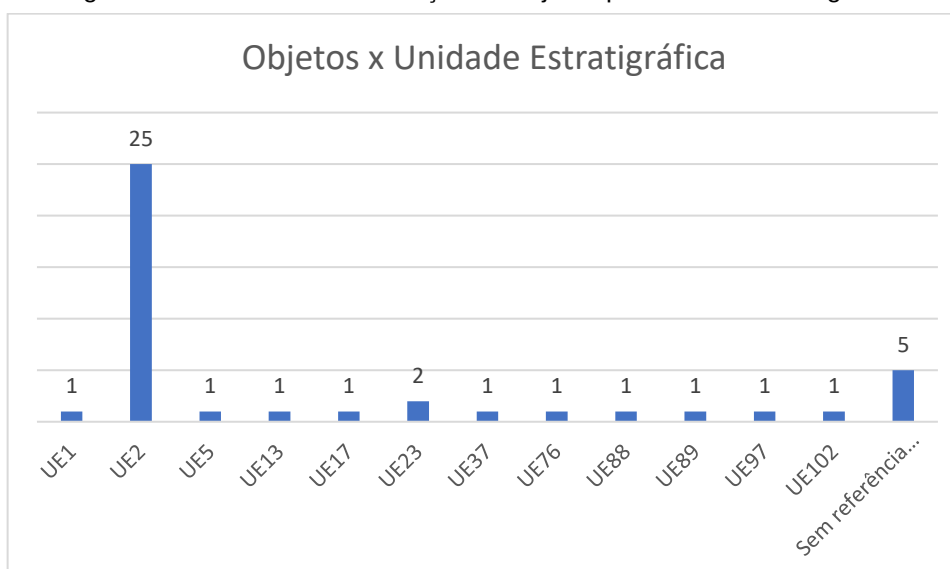
Figura 104: Gráfico de frequência de motivos decorativos na UE2.



Fonte: o autor.

No universo dos objetos reconstituídos, infelizmente, não foi possível uma distribuição adequada destes entre as unidades estratigráficas que as caracterizassem uma vez que, de maneira muito desproporcional, a maior concentração destes objetos está na UE2.

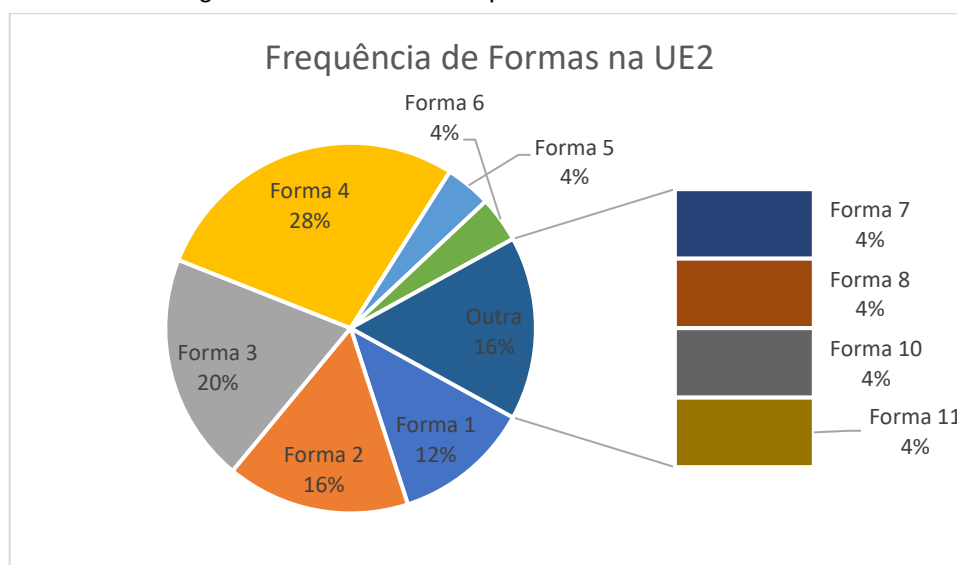
Figura 105: Gráfico de distribuição de objetos por unidade estratigráfica.



Fonte: o autor.

Nesse sentido procuramos identificar a frequência das formas na UE2 como forma de caracterizar seu uso e função provável.

Figura 106: Gráfico de frequência de formas na UE2.



Fonte: o autor.

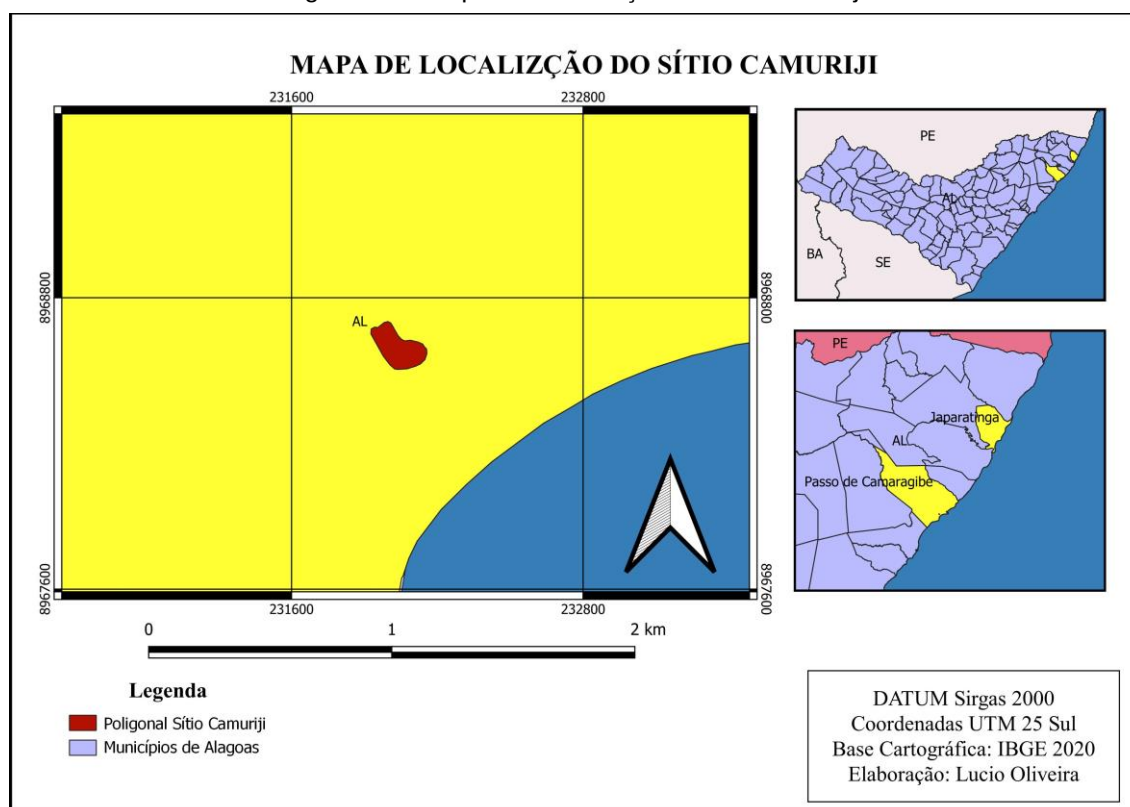
Concentrando praticamente todas as formas, a UE2 não apresenta distinção de uso em relação ao contexto geral do sítio. Ainda numa tentativa de observar distinções tecnológicas, comparamos o perfil cerâmico do sítio Guaibituguçu com o sítio Camuriji, localizado numa região próxima também no litoral alagoano.

6.3 PERFIL CERÂMICO GUAIBITUGUÇU X PERFIL CERÂMICO CAMURIJI

O sítio Camuriji está localizado no município de Passo de Camaragibe, cerca de 34 km de distância do sítio Guaibituguçu. A área onde se localiza caracteriza-se como ambiente costeiro, “com dunas consolidadas por vegetação rasteira, manguezais e áreas sujeitas à mare” (Allen et al, 2022). Assim como Guaibituguçu, está na interface do mar e do rio, próximo ao rio Camaragibe.

O sítio com material cerâmico associado também a grupos tupi apresenta um contexto preservado em subsuperfície, o que é raro uma vez que os sítios associados a ocupações tupinambás estão localizados em áreas já bastante impactadas seja pela monocultura da cana de açúcar seja pela especulação imobiliária litorânea (ibidem, 2022).

Figura 107: Mapa de localização do sítio Camuriji.



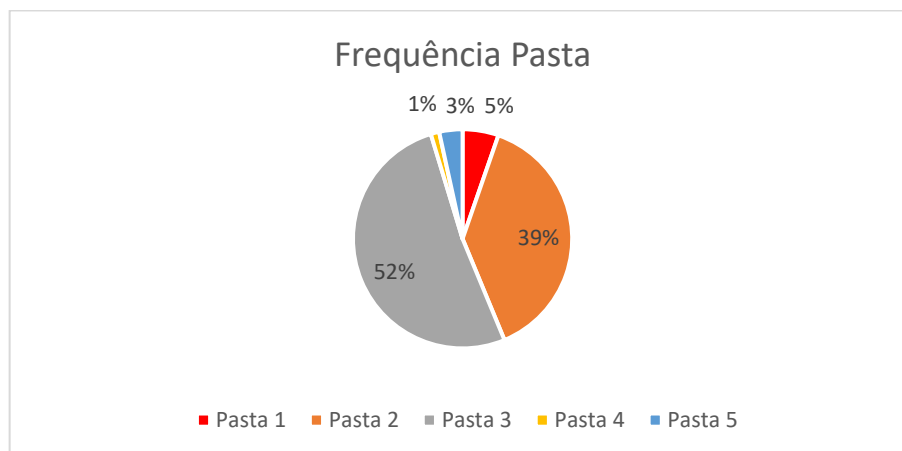
Fonte: elaborado pelo autor.

O que coloca o sítio como bom comparativo é seu contexto arqueológico ser provavelmente pré-colonial, uma vez que só foi identificada cerâmica indígena na sua investigação em contraste a diversidade temporal dos artefatos expressa no registro arqueológico de Guaibituguçu.

Foram analisados 320 fragmentos do sítio Camuriji seguindo a mesma metodologia do sítio Guaibituguçu. Foi realizada a tentativa de relacionar os mesmos tipos de pasta, o que se mostrou eficiente, com apenas a pasta 1 apresentando certa diferença entre os sítios.

Das seis pastas identificadas em Guaibituguçu, apenas a pasta 6, com ausência de aditivos, não foi identificada. A pasta 1, que contem areia grossa, é mais plástica em Camurij enquanto em Guaibituguçu era mais seca. O grupo de pasta preferido, assim como em Guaibituguçu, foi a pasta 3, de textura fina, plástica, com grãos de quartzo entre 1-2 mm. O segundo tipo preferido foi a pasta 2, que contém caco e/ou bolo. Neste sítio estas pastas aparecem com maior porcentagem do que no Guaibituguçu onde correspondiam a 37% dos fragmentos (pasta 3) e 22% (pasta 2).

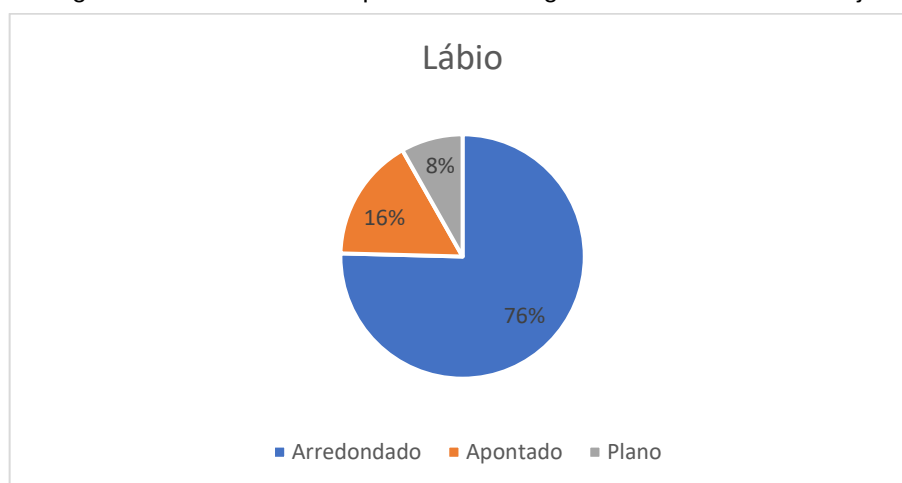
Figura 108: Gráfico de frequência de grupos de pasta em Camuriji.



Fonte: o autor (2023).

Entre os lábios identificados, foram identificados três variações, o arredondado, o apontado e o plano, sendo o primeiro, assim como em Guaibituguçu, o predominante.

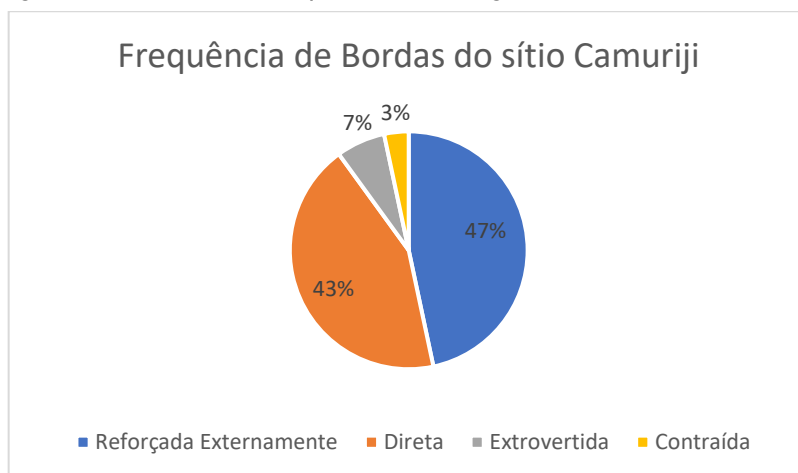
Figura 109: Gráfico de frequência morfológica dos lábios em Camuriji.



Fonte: o autor (2023).

Quanto a morfologia das bordas, foram identificadas quatro variações, a reforçada externamente, a direta, a contraída e a extrovertida. Assim como no sítio Guaibituguçu, a maior frequência se deu entre as bordas reforçadas externamente, seguida pelas bordas diretas, porém, estas apresentam certo equilíbrio quanto a frequência, enquanto que no sítio citado há mais do que o dobro de bordas reforçadas em comparação as bordas diretas.

Figura 110: Gráfico de frequência morfológica de bordas em Camuriji.

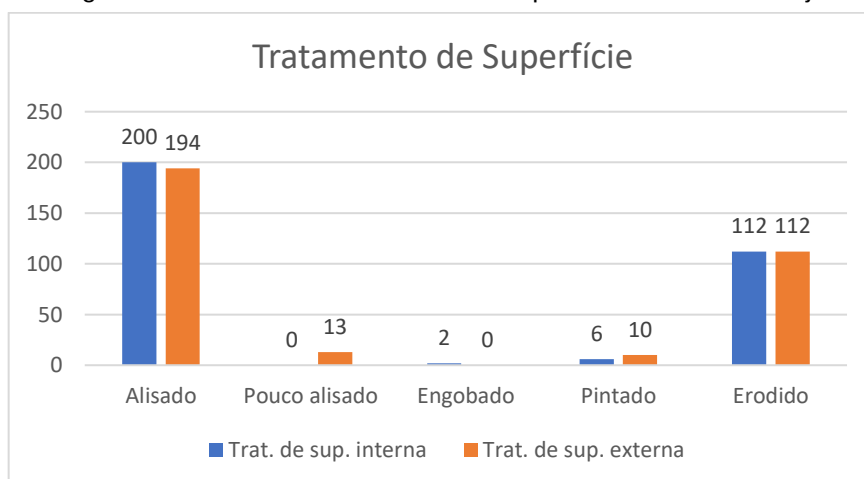


Fonte: o autor (2023).

Quanto aos bojos, todos se apresentaram com contorno simples, arredondado. Dentre a morfologia de base, não foi possível maiores informações uma vez que apenas dois fragmentos foram identificados, um de base plana, e outro de base arredondada.

Dentre o tratamento de superfície identificado, percebemos menor diversificação que Guaibituguçu, o que pode ser justificado pela quantidade menor de fragmentos coletados. Identificamos o alisamento como o predominante, em ambas as superfícies, seguido pelo pouco alisado, engobado e pintado.

Figura 111: Gráfico de tratamento de superfície do sítio Camuriji.



Fonte: o autor.

Quanto aos padrões decorativos, diante dos poucos fragmentos com pintura, não pudemos extrair muitas informações. Destes fragmentos apenas dois

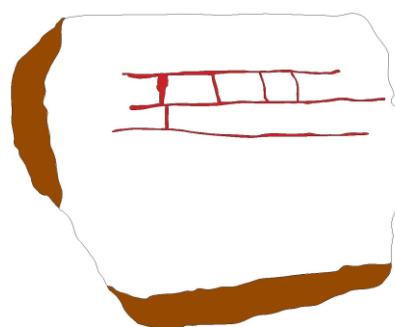
apresentam motivos decorativos reconhecíveis sendo os demais residuais. Um fragmento apresentou na sua superfície interna a associação de linhas verticais e horizontais enquanto outro apresentou motivos em ambas as superfícies sendo na externa a associação de linhas curvas e pontos, que não ocorre em Guaibituguçu, e, na superfície interna, aparenta possuir associação de linhas verticais, oblíquas e pontos porém a pintura encontra-se muito degradada.

Figura 112: fragmento MC1 – 79.2 apresentando policromia vermelha sobre fundo branco.



Fonte: o autor (2022).

Figura 113: Fragmento MC1 - 24.1 com associação de linhas horizontais e verticais.



Fonte: o autor (2022).

Foram reconstituídos quatro objetos, sendo dois deles associados a forma 4 e dois a forma 1. Um destes objetos, associado a forma 4, apresenta marcas de uso ao fogo (fuligem e esfumarado).

Figura 114: Conjunto em escala de objetos reconstituídos do sítio Camuriji.



Fonte: o autor (2022).

Figura 115: Objeto 42 apresentando fuligem e esfumarado em sua superfície interna.



Fonte: o autor (2022).

Em vias de facilitar o comparativo entre os sítios, elaboramos a seguinte tabela contando as principais características de ambos os perfis cerâmico que os aproxima e os distancia.

Tabela 9: Comparativo entre Guaibituguçu e Camuriji.

Perfil Cerâmico do Sítio Guaibituguçu	Perfil Cerâmico do Sítio Camuriji
Pasta preferencialmente de grãos de quartzo, de textura fina, plástica seguida pela pasta cm aditivos de caco e/ou bolo de argila.	Pasta preferencialmente de grãos de quartzo, de textura fina, plástica seguida pela pasta cm aditivos de caco e/ou bolo de argila.
Presença de pasta sem aditivos	Ausência de pasta sem aditivos
Predominância de lábio arredondado seguido pelo lábio plano. O lábio apontado tem frequência próxima ao plano. Há presença de lábio talhado e ponteadado.	Predominância de lábio arredondado seguido pelo lábio apontado. Lábio plano é o menos frequente.
Predominância de bordas reforçadas, seguidas pelas bordas diretas e contraídas.	Predominância de borda reforçadas, seguidas pelas bordas diretas, extrovertidas e contraídas.
Bojos simples, carenados, quadrangular e reforçado.	Só identificado bojo simples (arredondado).
Bases planas e arredondadas.	Bases planas e arredondadas.
Tratamento de superfície mais recorrente é o alisamento, seguindo do pouco alisado e do pintado.	Tratamento de superfície mais recorrente é o alisamento, seguindo do pouco alisado e do pintado.
Superfície interna preferida para aplicação de pintura. Pouco alisado mais recorrente na superfície externa.	Superfície externa preferida para aplicação de pintura. Pouco alisado apenas na superfície externa.
Doze motivos (incluído o banho) identificados. Ausência do motivo de linhas curvas e pontos identificado em Camuriji.	Identificado apenas o banho, linhas horizontais e verticais, linhas horizontais e a associação de linhas curvas e pontos.
Motivos mais recorrentes são o banho vermelho e associação de linhas horizontais.	Motivos mais recorrentes são o banho vermelho e associação de linhas horizontais.

Maioria das formas são abertas, rasas e grandes.	Apenas formas abertas, maioria de tamanho e profundidade médios.
Fragmentos com marcas de uso ao fogo.	Fragmentos com marcas de uso ao fogo.
Presença de decoração plástica.	Decoração plástica não identificada.
Presença de material histórico.	Ausência de material histórico

Relacionando estes dois sítios de mesmo contexto regional e ambiental começamos a traçar um perfil técnico cerâmico para os grupos da região, porém se fazem necessárias maiores intervenções em Camuriji, uma vez que este sítio foi alvo apenas de prospecções, bem como analisar demais sítios da área litorânea alagoana.

As diferenças por mais que sejam sutis podem indicar práticas de atividades e usos distintos entre estes dois sítios bem como estar associadas a contextos temporais diferentes. Apesar de ambos os sítios estarem em regiões próximas, com semelhantes características ambientais e ambos associados a uma mesma tradição ceramista, estas pequenas variações podem representar a diversidade de práticas dentro de um mesmo grupo, em um mesmo corte temporal ou não.

7 DAQUI PARA ONDE AGORA? Conclusões e perspectivas futuras da pesquisa

O sítio Guaibituguçu se configura como importante ponto de partida para o entendimento dos grupos ceramistas no estado de Alagoas a partir do momento em que caracterizada sua produção cerâmica outros questionamentos podem ser levantados e investigados. Este trabalho acaba por trazer dados que contribuem ao entendimento das populações indígenas que ocuparam o litoral alagoano e reconstrói parte do sistema técnico dessas populações ao lançar dados sobre o perfil técnico cerâmico a partir destes dois sítios aqui investigados. Conhecendo o passado dessa região que testemunhou o início do processo de colonização no Brasil, o estudo sobre sítios arqueológicos se justifica uma vez que colonos e nativos tiveram ali seus encontros e conflitos se rearranjando, moldando e condicionando novas configurações sociais.

A partir da observação das características de ambos perfis cerâmicos comparando-os aos dados e descrições trazidos pelos diversos autores aqui citados que estudaram sobre grupos ceramistas tupiguarani chegamos à conclusão que a cerâmica de Guaibituguçu corresponde ao que se estabeleceu na arqueologia brasileira como Tradição Tupiguarani, subtradição Tupinambá, nitidamente a partir do tipo de pasta usado, padrões decorativos e morfologia das vasilhas identificadas corroborando com nossa hipótese inicial.

A pesquisa aqui apresentada possibilita caminhos investigativos para futuros estudos sobre os moradores do Guaibituguçu como, por exemplo, práticas alimentares, qual a função do sítio ou mesmo a dispersão dos ceramistas fabricantes da dita tradição Tupinambá. A evidencia de um objeto provavelmente utilizado na produção de bebida alcoólica e os diversos fragmentos de cerâmica com marcas de uso ao fogo sugerem atividades relacionadas ao preparo de alimentos, isto faria do sítio um local de captação de recurso ou aponta para uso doméstico mesmo sem vestígio de habitações? De qualquer maneira, tais usos nestes artefatos possibilitam investigações futuras a respeito de padrões alimentares, algo já realizado em sítios de Araripina, em Pernambuco.

Apesar do confronto entre as características da cerâmica com as Unidades Estratigráficas não nos trazerem informações conclusivas que nos respondessem

sobre variações técnicas ao longo da ocupação do sítio, alcançamos nosso principal objetivo que era a construção de um perfil cerâmico de forma aprofundada e detalhada, reconstituindo formas, revelando técnicas de confecção, identificando padrões decorativos e levantando os possíveis usos dessas vasilhas. Tudo isso gerou dados até o momento da conclusão desta pesquisa pouquíssimo estudados no estado de Alagoas no que diz respeito a cerâmica Tupinambá, o que coloca este sítio em um patamar de referência comparativa tal qual os sítios Aldeia do Macaguá I, no Rio Grande do Norte, Aldeia do Baião e Sinal Verde, em Pernambuco e Aldeia do Trairi no Ceará, todos classificados utilizando a metodologia do perfil cerâmico sendo bem caracterizados e explanados em dissertações, teses e artigos.

Desta forma colocamos o Guaibituguçu no cenário regional ainda que este esteja por trazer mais dados uma vez que há pesquisas em andamento que consideram os demais artefatos identificados no sítio como o material lítico e a cerâmica histórica. O sítio ainda deixa diversas questões a serem investigadas como o seu uso e ocupação. O que era o Guaibituguçu afinal? Dentre o conjunto cerâmico investigado não foi percebida a presença de fusos, por exemplo, artefatos que comumente ocorrem em sítios Tupiguarani. Outra questão é a ausência de manchas húmicas no solo que apontem a existência de habitações no sítio. Então seria de uso limitado? Não era uma aldeia?

A própria localização do sítio foge do que é reconhecido dentro de pesquisas sobre o padrão de assentamento desses indígenas (Lima, 2006) estando esse grupo associado as populações que habitavam áreas alagadiças, próximas ao mar em ambientes de manguezais e restingas (Albuquerque, 2010). Outro fato são as estrias identificadas nas superfícies de algumas panelas. Isto estaria relacionado a algum conhecimento específico ligado ao uso e função dos objetos como aderência a superfícies ou cordas para melhor manuseio?

Outra questão a se pensar sobre a cerâmica é a diversidade de formas, decorações e pastas identificadas. Comparar diversos contextos e observar esta grande variabilidade é pensar em questões como inovação e criatividade. Por que em um sítio há determinada forma e em outro não há se ambos seriam da mesma “tradição ceramista”? As variedades podem estar relacionadas a relações para além de mera funcionalidade e uso do sítio arqueológico como elementos simbólicos e

identitários que apontem para a diversidade cultural dos originários que ocupavam a região na pré-história e nos primeiros séculos da colônia.

O contexto artefactual diverso que inclui louças e cerâmica vitrificada associada a cerâmica indígena pode sugerir inicialmente que o sítio pode se tratar de um testemunho de contato entre os povos originários e os colonos europeus, o que enriqueceria o contexto arqueológico, porém ainda é necessário a realização de estudos debruçados sobre o processo de formação do sítio e datações que possam afirmar essa hipótese.

Figura 116: Conjunto de objetos reconstituídos de Guaibituguçu.



Fonte: o autor.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. Subsídios ao Estudo Arqueológicos dos Primeiros Contatos entre os Portugueses e os Indígenas da Tradição Tupiguarani no Nordeste do Brasil. **CLIO**, 5, 1982, 105-116.

_____. Recipientes cerâmicos de grupos Tupi, no Nordeste Brasileiro. In: **Os Ceramistas Tupiguarani**. V.I – Sínteses Regionais. Belo Horizonte. p.55 – 77. 2010

ALLEN, S. As Vozes do passado e do presente: arqueologia, política cultural e o público na Serra da Barriga. **Clio – Série Arqueológica**, n. 20, p. 81-101, 2006

_____. Afrofatos. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, vol. 10, n.1, p. 93 – 105, 2016.

_____. The Movement of People and Things in the Capitania de Pernambuco: Challenges for Archaeological Interpretation. In T. Parno e M. Beaudry (orgs.) **Shifting People, Shifting Things: the Archaeology of Movement**, 2013.

_____. **Rota da Escravidão/Rota da Liberdade: A Arqueologia da Diáspora Africana em Alagoas – Etapa I Prospecção em Porto Calvo e Porto de Pedras**, Alagoas. Relatório Final, NEPA, UFAL, Maceió, 2008, 153p.

_____. Os Desafios da Arqueologia de Palmares. In. GOMES, F. (Org.). **Mocambos de Palmares: histórias e fontes (Séc. XVI – XIX)**. Rio de Janeiro:7 Sete Letras, 2010, p. 119 – 130.

_____. **Prospecção Arqueológica no Loteamento Isaura no Contexto do Sítio Arqueológico Guaibituguçu**. Maceió, Alagoas. Relatório Parcial. 2020.

_____. et al. **Gestão do Patrimônio Arqueológico do Sítio Monte do Coqueiral**, Japaratinga, Alagoas. Relatório Final. 2017

ALVES, C; BORGES, L; BARRETO, S; LEO, H. Técnica Cerâmica Pré-Histórica: a relação de argila – antiplástico no sítio Aldeia da Queimada Nova – PI. **Clio – Série Arqueológica**, nº 10 – 1994.

ALVES, C; LUNA. S; NASCIMENTO, A. A cerâmica pré-histórica brasileiras: novas perspectivas analíticas. **Clio – Série Arqueológica**, v.1, nº7, p.11-60, 1991.

AMARAL, M. A. “**Andanças**” Tupiguarani na Chapada do Araripe: análises das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Departamento de Pós-graduação em Arqueologia – UFPE, Recife/PE. 2015.

ARNALDO, E. **Uso e ocupação dos espaços pelos grupos ceramistas da Serra Branca – Sudeste do Piauí**. Dissertação de mestrado, 193 p. UFPE, 2012.

BARBOSA, R. **Para o Povo Ver**: A materialidade dos Engenhos Banguês do Norte de Alagoas, no século XIX. Dissertação, 190 p. UFPE, Recife, 2012.

BOCANEGRA, F. La Cadena Tecnológica: modelo de análises de los conjuntos líticos. **Boletín de Antropología. Medellín**, V.11, n.28, p.146-167, 1997.

BROCHADO, J. P. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul., v. Caderno nº 2, 1977.

_____. A Tradição Cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **CLIO** Nº03, Recife: UFPE, 1980. Pp. 47 – 60.

_____. What did the Tupinambá Cook in their Vessels? A Humble Contribution to Ethnographic Analogy. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 6, p. 41-90, 1991.

BROCHADO, J; MONTICELLI, G. Regras Práticas na Reconstrução Gráfica das Vasilhas de Cerâmica Guarani a partir dos Fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v.xx, n.2, p. 107-118, dezembro, 1994.

CARDOSO, R. **Resistencia Indígena na Capitania Pernambuco**: Estudo sobre o Contato através da Tecnologia Cerâmica da Sesmaria Jaguaribe no Litoral Norte. Tese de Doutorado, 365 p. UFPE, 2017.

CASTRO, V. **Sítio Cana Brava**: Contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí. Dissertação, 109 p. UFPE, Recife, 1999.

CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, ano 01, nº 01. Paranaguá: UFPR. p.119-147, 1976.

CORRÊA, A. **Pindorama de Mboîa e îakaré**: Continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi. Tese de Doutorado, 462 p. Universidade de São Paulo, 2014.

COSTA, R. **Os grupos ceramistas da Serra da Barriga**: Caracterização da tecnologia cerâmica no contexto da Tradição Aratu. Dissertação, 144 p. Recife. UFPE, 2010.

COSTA, G. S. da. **A iconografia cerâmica como marcador identitário dos grupos ceramistas Tupiguarani em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2018.

DANTAS, B. G.; SAMPAIO, J. A. L.; CARVALHO, M. do R. G. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 431-456.

DUNNEL, R. **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006, 264 p.

ESPÍNDOLA, T. B. **A Geografia Alagoana ou Descrição Física, Política e Histórica da Província das Alagoas**. Maceió: Edições Catavento. GINZBURG, Carlo. 2002. São Paulo: Companhia das Letras.

HODDER, I.; HUTSON, S. **Reading the Past: current approaches to interpretation in archaeology**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FAGUNDES, M. O conceito de Estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia do Xingó**, v. 4 , p. 117 – 146. 2004

JABOATAM, Fr. A. S. M., OFM. **Novo Orbe Seráfico ou Crônica dos frades menores da Província do Brasil (...)**. Impressa em Lisboa em 1761, e reimpressa por ordem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Tip. Brasileira de Máximo Gomes Ribeiro, 1858-1862, 5 v.

LA SALVIA, F; BROCHADO, J. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989, 175p.

LEITE NETO. W. M. 2020. **O Sistema Técnico Lítico dos Artefatos Lascados da Tradição Arqueológica Aratu no Estado de Alagoas: Uma Abordagem Tecnológica a partir dos Sítios Serra da Barriga e Baixa das Flores**. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil

LEMONNIER, P. **Elements for an Anthropology of Technology**. Michigan : Ann Arbor, 1992.

LIMA, C. **Padrão de assentamento em sítios arqueológico na zona da mata norte de Alagoas e sul de Pernambuco**. Dissertação de mestrado, UFPE, Recife, 2006, 155p.

LIMA ROCHA, R. Particularidades de la cerámica pintada Tupiguarani. In: **Arqueología y Territorio**, nº 6. P. 39 – 55. Granada, Universidade de La Rioja, 2009.

MACHADO, D. **Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'água do Pau, em Mauriti, Ceará**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Dissertação de Mestrado.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 4ª Ed., Editora Universitária da UFPE, 2013 [1996]

NASCIMENTO, A. A Aldeia do Baião – Araripina, PE. Um sítio pré-histórico cerâmico no sertão de Pernambuco. In: **Clio**, V1, Nº7. Recife, 1991. Pp. 143-206.

NASCIMENTO, A; LUNA, S. “Procedimentos para Análise da Cerâmica Arqueológica”. **Clio – Série Arqueológica**, v.1, no 10: p 7 – 21, 1994

NEUMANN, M. **Ñande Rekó: diferentes jeitos de ser Guarani**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado 238p, 2008.

NOBRE, N. **Memória social e espacialidade de grupos ceramistas em Trairí, CE.** Dissertação de mestrado, UFPE, 2013, 120p.

NOGUEIRA, M. **A cerâmica tupinambá na serra de Santana–RN: O sítio arqueológico aldeia da serra de Macaguá I.** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, C. A cerâmica pré-histórica do Brasil: avaliação e proposta. In: **Clio**, V.1, nº7. Recife: UFPE, 1991. Pp.11-88.

_____. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí – Brasil.** Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

_____. Os ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí – Brasil: estilos e técnicas. **FUMDHAMentos** vol. 1 (3),p.57-122. 2003.

PROUS, A. A Pintura na Cerâmica Tupiguarani. In: **Os Ceramistas Tupiguarani.** V.II – Elementos Decorativos. Belo Horizonte. p.109 – 210. 2010.

RICE, P. **Pottery Analysis**, A Soucebook. Chicago: University of Chicago Press, 1987, 559p.

RYE, O. **Pottery Technology.** Principles and reconstruction. Manuals os archaeology 4. Taraxacum, Washington:1981.

REGO, H. **As Pannels de Barro de Pernambuco – do Séc. XIX ao XXI.** Dissertação, 193 p. UFPE, 2013.

SANTOS, A., **Práticas alimentares de consumo vegetal e função dos recipientes cerâmicos dos grupos ceramistas tupi-guarani da Chapada do Araripe-PE.** Dissertação de mestrado, UFPE. 2018. 154p.

SCATAMACCHIA, M. Proposta de Terminologia para a Descrição e Classificação da Cerâmica Arqueológica dos Grupos Pertencentes à Família Linguística Tupi-guarani. IN: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 14: 291-307, 2004.

SCHIFFER, M. B.; SKIBO, M. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, vol. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.

SCHMITZ, P. A decoração plástica na Cerâmica da tradição Tupiguarani. In: **Os Ceramistas Tupiguarani.** V.II – Elementos Decorativos. Belo Horizonte, p.7 – 26. 2010.

SENA, V. K. **Caracterização do Padrao de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Semi-Árido Pernambucano: Um Estudo de Caso dos Sítios Arqueológicos de Araripina – PE.** Dissertação de Mestrado, 130 p. UFPE, 2007

_____. **Reconsiderando a Materialidade no Sítio Arqueológico Macaguá I.** Tese de Doutorado, 279 p. UFPE, 2013.

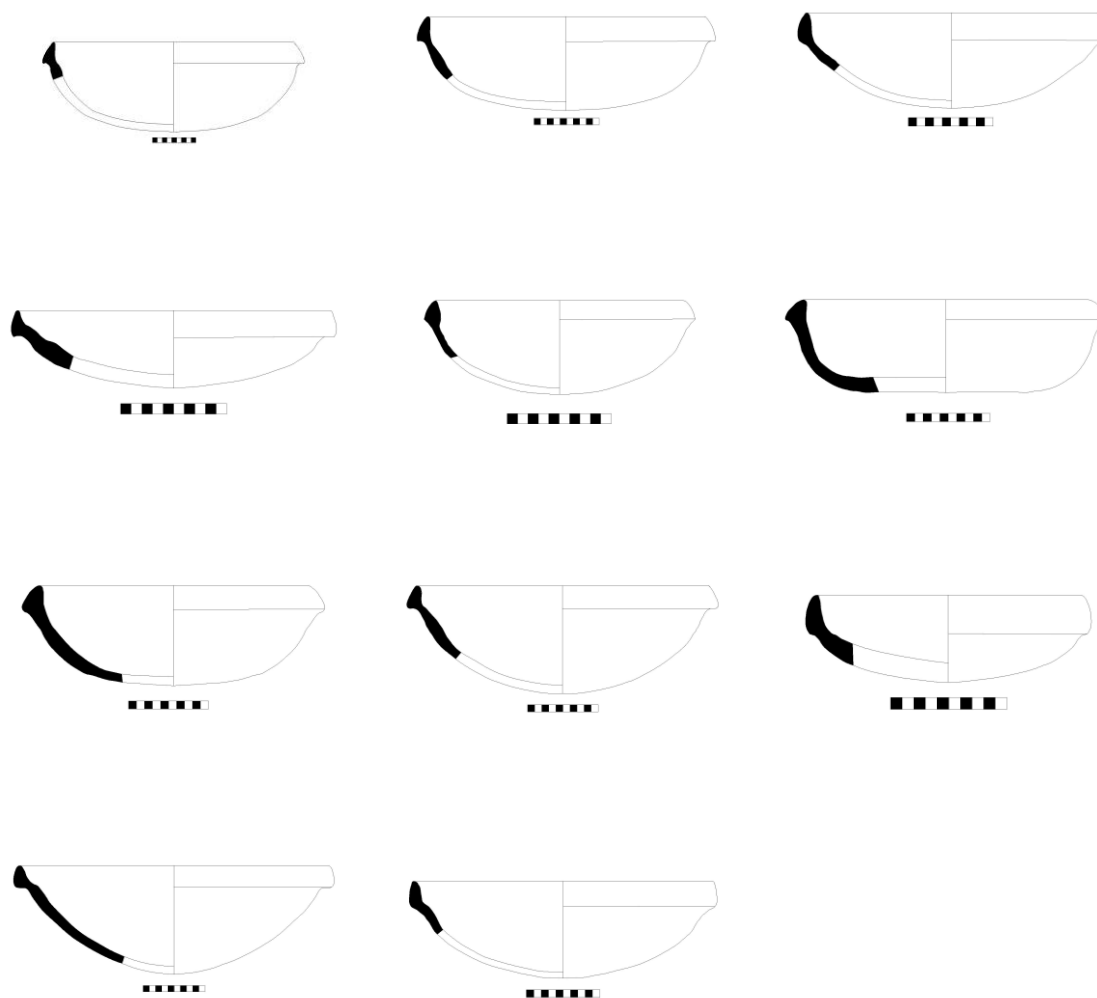
SHEPARD, A. **Ceramics for the archaeologist**. Washington DC. Camegie Institution of Washington, 1961.

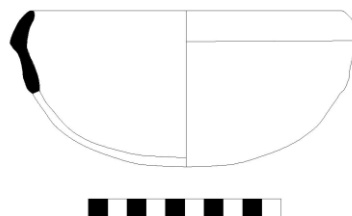
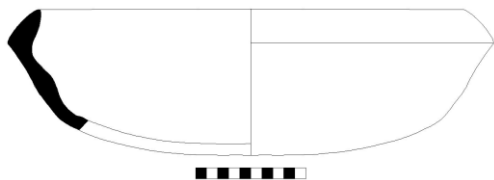
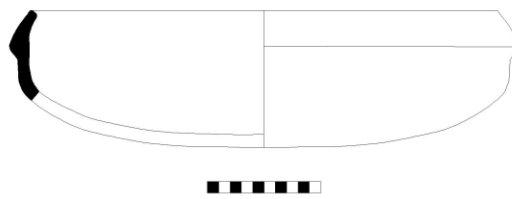
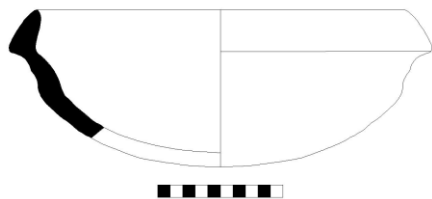
SOARES, K. **Caracterização do(os) grupo(os) ceramista(as) da Enseada de Jericoacoara, extremo litoral nordeste do Estado do Ceará: subsídios tecnológicos crono-estratigráficos e etno-históricos**: subsídios tecnológicos, crono-estratigráficos e etno-históricos. Dissertação de mestrado, UFPE, 2012, 122p.

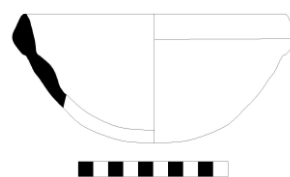
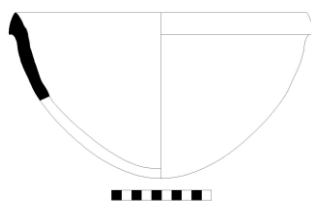
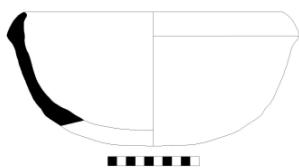
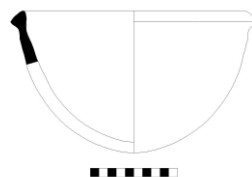
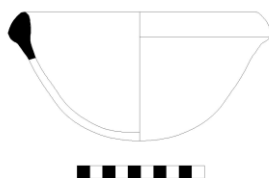
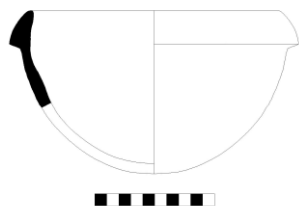
SOUSA, G. S. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Edição comentada por Francisco Adolfo de Varnhagen. São Paulo. Cia. Editora Nacional. 1971. 4ª edição.

TENÓRIO, R. **Aspectos da Organização Social**: Um estudo cerâmico e espacial dos sítios Rosa e dos Tetos, Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas. Dissertação de mestrado. 77 p. UFPE. 2010.

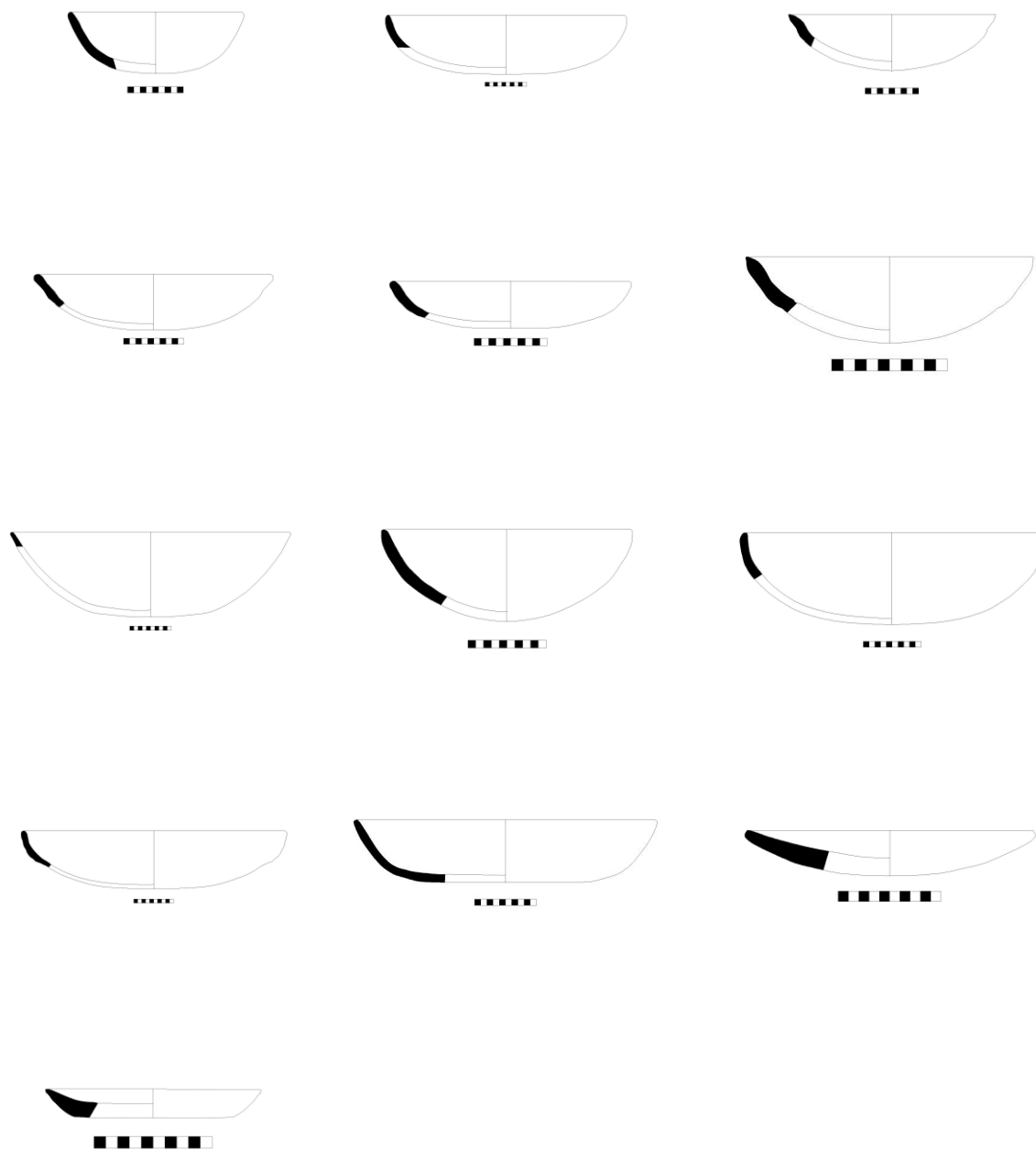
ZUSE, S; Milder, S. E. S. Cerâmica Guarani e de Contato: permanências e mudanças técnicas em uma redução jesuítica do início do século XVII. In: **IX Encontro Estadual da ANPUH-RS – Vestígios do Passado: a história e suas fontes**. Porto Alegre: Anais eletrônicos do IX Encontro Estadual da ANPUH-RS, 2008.

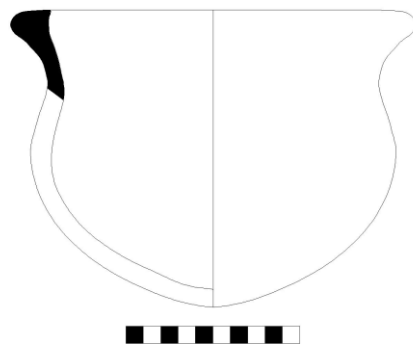
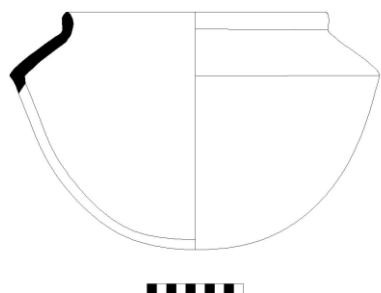
APÊNDICE A – Objetos da Forma 1

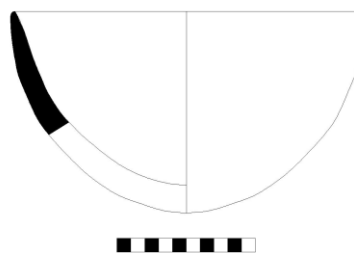
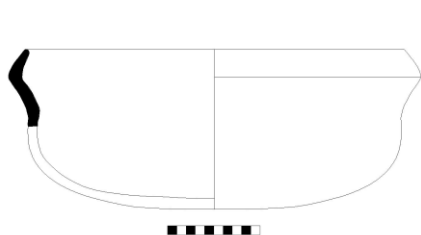
APÊNDICE B – Objetos da Forma 2

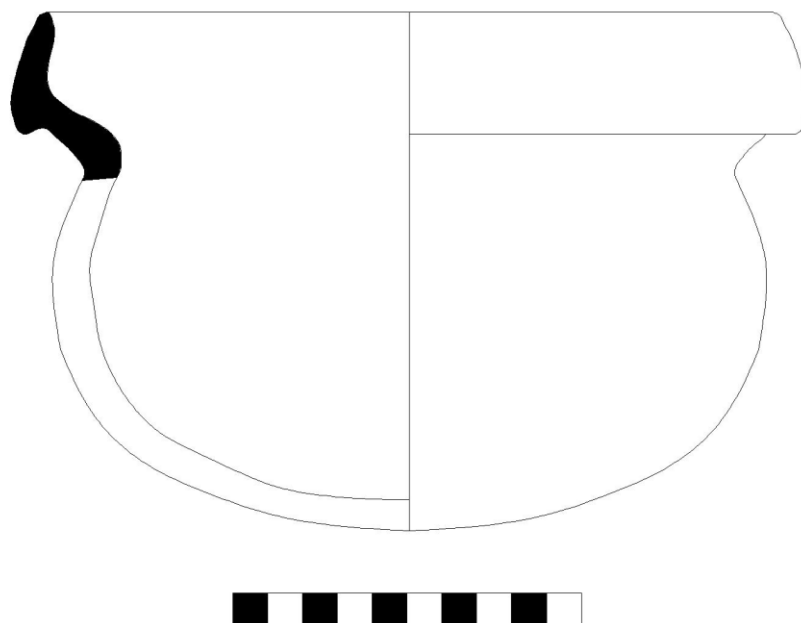
APÊNDICE C – Objetos da Forma 3

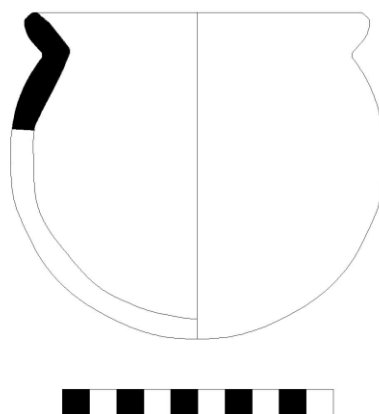
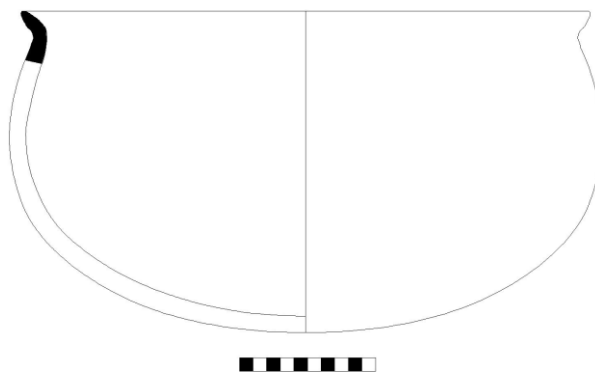
APÊNDICE D – Objetos da Forma 4

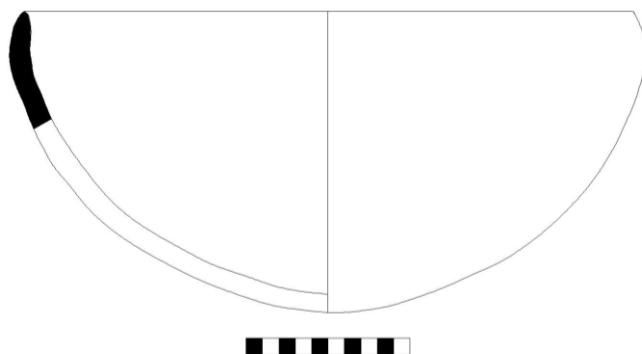


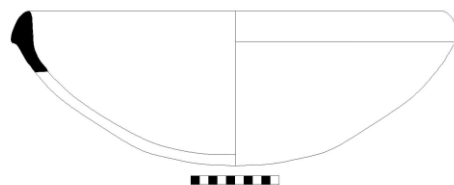
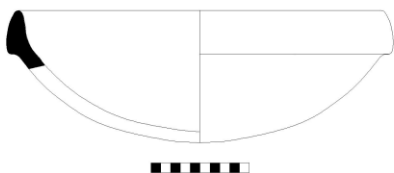
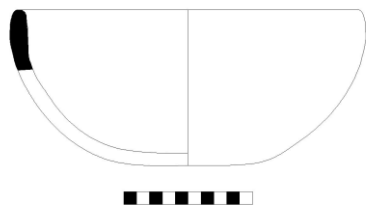
APÊNDICE E – Objetos da Forma 5 e 6

APÊNDICE F - Objetos da forma 07 e 08 respectivamente

APÊNDICE G - Objeto da forma 09

APÊNDICE H - Objetos da forma 10

APÊNDICE I - Objeto da forma 11

APÊNDICE J - Objetos do sítio Camuriji

APÊNDICE K – FLUXOGRAMA COM EXEMPLOS DE ESTILOS TECNOLÓGICOS

